J. DA COSTA CASCAES

THEATRO

III

NOVA COLLECÇÃO PORTUGUEZA

V

J. DA COSTA CASCAES

THEATRO

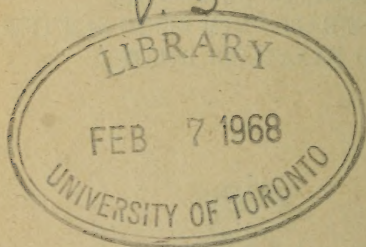
Acompanhado de uma noticia sobre o auctor e a sua obra dramatica

POR

MAXIMILIANO DE AZEVEDO

VOLUME III

O MINEIRO DE CASCAES
—O EXTRANGEIRADO—NEM RUSSO NEM TURCO
OU O FANATISMO POLITICO

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
Rua Augusta, 95 | 45, Rua Ivens, 47
1904

O MINEIRO DE CASCAES

Comedia de costumes em 1 acto

Personagens	Actores
Mestre Gabriel (pescador)	Epiphanio
Manuel (idem).....................	Theodorico
Zé-embreado (idem)	Carvalho
Coça-na-veia (idem)................	Leal
Gregorio (idem)	Correia
D. Estevam de Castro	Tasso
D. Ursula	Barbara
Maria (filha de Gabriel)...........	Delfina
Genoveva	Julia
Catharina	Radicci

Pescadores, saloios e saloias

A scena passa-se em Cascaes—Anno de 18...

Esta comedia foi representada pela primeira vez no theatro de D. Maria II em 8 de janeiro de 1850, e reproduzida, annos depois, no theatro das Variedades Dramaticas.

ACTO UNICO

Casa pobre caiada. A' D. B.—chaminé, e ao pé a cantareira soffrivelmente provida e muito aceiada.—A' E. B.—uma esteira enrolada, onde figure o vulto de duas camas. Mesa e algumas cadeiras de pau á D., e sobre aquella um crucifixo coberto, e alguns registos de santos pregados na parede. Cabides pela parede da esquerda, com rêdes penduradas Varios instrumentos de pesca no chão e ao alto, como remos, velas, fisgas, etc. Uma grande arca. Candeia pendurada e accesa. Um poço junto á chaminé, com roldana e corda Uma piteira pendurada na parede, a E. B.—Um postigo do mesmo lado. Uma escada de mão no chão e ao pé dos apparelhos.

SCENA I

Mestre Gabriel, Maria, Manuel, Genoveva e Catharina, etc. Varios pescadores e saloias

Todos sentados no chão em volta da candeia, os homens e algumas mulheres fazendo rêde; Genoveva, d'oculos, cozendo n'uma japona, e Maria e Catharina fazendo meja. Gabriel cachimbando Antes de subir o panno começam a cantar, continuam por algum tempo depois d'elle erguido; Catharina faz a primeira na cantiga. A Genoveva desenfia-se-lhe a agulha, e larga a costura.

CANTIGAS

Catharina:—

Se fôr's ós passaros armar,
Apanha-me um pinta-rôxo,
Não seja cego nem côxo,
Mas capaz d'engaiolar.

CÔRO

Todo o pas'ro cae no visco
E' custoso d'escapar.

Catharina:—

Não ha pas'ro com'ó môcho,
Canta de noite ao luar.
Quando os mais nem cantam frôxo,
Pia o môcho a bom piar.

CÔRO

Todo o pas'ro cae no visco
E' custoso d'escapar.

Maria—Desenfiou-se? Dê cá.

Genoveva (dá-lhe a agulha e linha)—Tem paciencia (limpando os oculos) Malditos oculos. Sempre estão embaciados!

Maria (dá-lhe a agulha enfiada)—D'antes dizia a tia Genoveva que eram claros, que nem que fossem de crystal. . chamava-lhes os seus olhos bellos.

Genoveva—E eram. Agora é que... (pondo-os) Peor! (limpa-os) Deus me perdôe, havera de jurar que m'os trocaram!

Gabriel—Não se trocaram os oculos, comadre: os olhos é que já não são os mesmos: já não vêem como viam

Maria (com simplicidade) — Pois a gente tambem muda os olhos?

Gabriel—Não muda os olhos, tolinha, mas é a vista que diminue, que enfraquece, e até se perde. Tudo se gasta com a continuação: o vestido, o calçado. Tu não vês que até a pedra d'aquelle poço está gasta do roçar da corda? e mais é pedra!

Genoveva (pondo os oculos, zangada)—Mas... não póde ser. Se ainda agora via e cozia com elles, e...

Maria (repara e ri) — Pois se vocemecê está-os a limpar com o lenço do tabaco...

Catharina—Boa limpeza!...

Genoveva—Não reparem (limpa os oculos e põe-os) Agora sim (cose).

Manuel olha de vez em quando para Maria.

Gabriel (a Manuel) — Olha essas chambicas, que fiquem bem seguras.

Manuel (puxa por uma) — Estão fixes até não mais (rebenta-lhe uma na mão).

Gabriel—Ahi tens. Olha que se governares o batel com essa segurança, prégal-o no fundo com mar banzeiro.

Manuel—Escapou-me esta...

Gabriel—Sim, mas não te escapa... (olha para Maria).

Maria (acabando a meia)—Prompta. Com mais tres ou quatro pares que faça tenho para uma saia. Agora por saia: ó tia Genoveva, e tu Catharina, não sabem o que disse a Anna Canastreira do panno que o senhor pae hoje me comprou para umas roupinhas novas? Viu-o, esteve-o mirando, e vae o que ha de ella dizer: «E' bom, forte, mas de côr... nem por isso» (rindo) O panno das minhas roupinhas, que tem um encarnado como lacre!

Genoveva—Invejas!

Catharina—Pois!

Maria—Que faria se eu lhe mostrasse o panno para a minha saia — sal e pimenta? Cuido que rebentava.

Catharina—Pois mostra-lh'o, e que rebente.

Gabriel—Para quê? Deixa as falar. Não me sejas invejosa...

Genoveva—E' um peccado mortal.

Maria (pensa)—E é verdade: o 4.º ira, o 5.º gula e o 6.º inveja! (pensando) Mas... a gente vê ás vezes cousas... Eu não as ia tirar a quem as tem: Deus me defenda, mas queria antes que fossem minhas.

Gabriel—Ninguem deve olhar para as mãos d'outrem.

Maria—Eu não olho para as mãos.

Gabriel—Olhas para tudo.

Maria—Não, senhor—Queria ter os anneis, os brincos, os cordões d'ouro...

Catharina—Isso, isso.

Gabriel—Esse pouco.

Maria—O' tia Genoveva. Quem não havia gostar de ter o cordão, o relogio d'aquella senhora que diz que está a banhos no Estoril?

Genoveva—Qual?

Maria—A que estava domingo passado na Misericordia, á missa do dia. Uma senhora — já não é creança.—A tia Genoveva sabe lhe o nome.

Genoveva—Eu!

Maria—Sim: um nome de pessoa de estimação—D. Ursa.

Manuel—Ursa é a femea do urso.
Gabriel—Ursula é que ha de ser.
Maria—Isso, isso.
Genoveva—Ah! Então era a fedalga a quem lavo a roupa. Para ella é que são as meias que tu tens feito, e mais a minha Catharina. Como sabe que as nossas cachopas são muito perfeitas... E diz que quer mais.
Maria—Então ella anda de calças como os homens?!
Genoveva—Qual?!
Maria—Pois vocemecê diz que as meias são para ella, e eu só tenho feito piugas...
Catharina—Ora . Ella é que as dá a fazer, mas são para o marido.
Maria—Ah!...
Gabriel—Estás cada vez mais simploria.
Maria (fazendo-lhe festa)—E cada vez mais sua amiga.
Gabriel—Deus te fade bem (contempla-a) Se tu me faltasses... Nem eu sei... Ai! que seria d'esta pobre embarcação, já cançada de luctar com os temporaes do mundo, se não fosse a unica ancora que a sustem? se não fosses tu, Maria?!
Maria—Ahi está o pae a scismar! Pois eu podia lá faltar?! Com esta edade? Eu que, louvado Deus, passam-se mezes e mezes sem me doer a pontinha d'um dedo!
Gabriel—A morte não respeita edades. Bem moça era tua mãe, que Deus haja, e...
Maria (com affecto)—Pschiu... Não me esteja triste. Já se esquece que fiz hoje annos?
Gabriel—Por isso mesmo. Um dia d'annos é duas vezes um mau dia: recorda-nos que viémos a este mundo de enganos e miserias; e diz-nos que já estamos mais perto da cova, que por fim nos ha-de receber.
Maria—Ora cale-se. Toda a companha a folgar, a preparar se para esta noite, para ..
Manuel—E se soubessem... que danças! Verão.
Maria—O Catharina. Vamos cantar, vamos?
Catharina—Que ha-de ser?

Côro de pescadores ao longe.

Maria—Escutem.
Manuel—Ha-de ser a companha.

1.ª

Cada vez que eu conridéro
    O' Carolina,
Que de ti m'hei-de apartar,
    O' ai, Carolina, ó ai,
Ai, filha, que não tens pae.

2.ª

Meus olhos s'arrazam d'agua
    O' Carolina,
Não faço senão chorar.
    O' ai, Carolina, ó ai,
Ai, filha, que não tens pae.

3.ª

Venho da Ilha dos Vidros,
    O' Carolina,
Do crystal dos diamantes,
    O' ai, Carolina, ó ai,
Ai, filha, que não tens pae.

4.ª

Por esses mares de Christo,
    O' Carolina,
Por esses olhos brilhantes,
    O' ai, Carolina, ó ai,
Ai, filha, que não tens pae.

Gabriel—Acabem com isso (levantam-se e arrumam as redes).

Catharina—Vamos-lhe fazer a segunda com a cantiga do *Mineiro.*

Maria (áparte, a Catharina)—O *Mineiro* não, que o sr. pae não gosta.

Catharina—Ora essa!

Gabriel—Dá cá essa tarráfa, Manuel.

Catharina—Pois se ha moda bonita é a do *Mineiro de Cascaes.* em fama.

Maria—E então a dança?

Catharina—Se até pessoas de Lisboa quando vem a banhos já dançam o *Mineiro*.
Maria—Devéras?
Catharina—Devéras.

SCENA II

O côro approxima-se até entrarem, cantando parte da cantiga que ficou escripta na 1.ª scena. Genoveva acaba de coser e levanta-se. Catharina faz o mesmo.

Os precedentes, Coça-na-veia, Zé-embreado, Gregorío, etc. Varios pescadores (trazem varios pães de ló)

Todos (os que entram) — Parabens, sô mestre Graviel. Perdoará a nossa confiança.
Coça-na-veia—Conte muitos e bons, em companhia cá da senhora Maria e de quem fôr do seu gosto.
Zé—Para que viva tantos annos como eu tenho de cabellos.
Gabriel—Obrigado, rapazes. Velhinho não importa, hein?
Manuel—Velhinho, mas rijinho.
Gabriel—Vão levando os apparelhos.
Zé—Agora?
Manuel—Esta noite é dia santo cá na freguezia, não vem na folhinha, mas é o mesmo. Faz annos o nosso arraes: ninguem trabalha.
Gabriel—Porque não? Aproveita-se a maré, carregam se os bateis de peixe, faz-se a caldeirada, e depois... comer e brincar.
Manuel—Fala bem, fala (pega n'uma rede).
Os outros—E' verdade (pegam nos apparelhos).
Maria (para Genoveva e Catharina)—Então já?
Genoveva—Inda vou fazer a barrella. Adeus.
Catharina—Adeus. Até logo.
Gabriel (a Manuel)—Leva esse chinchorro.
Genoveva—Viva, compadre.

Sahem Genoveva e Catharina.

Gabriel—Adeus, senhora comadre.
Zé— ambem vae a fisga?
Gabriel— u sei ..
Zé—D'aqui a nada pranta-se o luar.

Gabriel—Vá sempre. Talvez se possa armar ao candeio.
Coça (questionando com Manuel)—Olha lá não!
Manuel—Quanto aposta?
Gabriel—Que temos?
Manuel—E' o Coça-na-veia que diz que, em se indo a lua, temos norte rijo e tempo claro.
Coça—Disse e digo.
Manuel—Eu cá aposto uma véla grande, levada em procissão ao Senhor S. Pedro Gonçalves, em como salta o vento ao norueste, e temos môlho.
Coça—Dá-lhe para ahi.
Manuel—Pois aposte.
Coça—Eu cá não aposto nada.
Manuel—Ah! você não aposta? Então você é mau home. E de mais, aqui está o seu mestre Graviel que bem entende as coisas.
Gabriel—Entende... entendo que vocês são dois tolos—que salta a norueste, que virá chuva. Quem sabe lá isso? O que está por vir a Deus pertence. —Adeante: mais trabalhar e menos alanzoar.

Vão levando os apparelhos.

Coça—Manécôco...
Manuel—Cuidará que me põe medo! (com a fisga apontada á barriga do outro.)
Zé—Anda d'ahi, home!
Manuel—Faço de conta que é barriga de pescada, e enterro-te esta fisga com todos os dentes.
Zé—Deixa-te de questães.
Maria—Manuel. Então?
Manuel—Vocemecê perdôe, sôra Maria... Eu... basta palavra (olhando para ella, e indo-se).
Gabriel—Ouviram? Vão desencalhando os bateis e soltando as vélas, que eu não me demoro nada.
Maria—Aqui tem o seu barrete (põe-lh'o na cabeça).
Gabriel—Está bom (accende o cachimbo). Põe aquella caldeira meia d'agua ao lume; deita-lhe dentro uma pouca d'aroeira que está na arca e deixa ferver.
Maria—E' para tingir a rede nova?
Gabriel—E' Onde está a minha navalha?
Maria (indo por ella sobre a mesa)—Vêl-a aqui... Não levas o gabão? No mar ha de fazer frio.
Gabriel—Qual? Não vês que o pescador e o mar são

dois inimigos que andam sempre a combater um com o outro, sem descançar. Suar, suamos nós; lá frio nunca.

Maria—Mas sempre é bom levar o gabão, sequer ao menos para que saibam que o tem, que não é para ahi nenhum pobre de Christo.

Gabriel — Tão ricos somos?

Maria — Mas pobres tambem não.

Gabriel — Não?

Maria — Pois o senhor pae não diz que pobre é o demonio que perdeu a graça de Deus? E nós. .

Gabriel (com affecto) — Assim é. Dizes muito bem. Adeus. (Indo-se)

Maria — (beija-lhe a mão) O senhor os acompanhe, e que tragam muito peixe, muito, os bateis cheios. (fecha a porta, e volta cantando. Vae executar o que lhe disse o pae. Batem.) Quem será?

SCENA III

Maria e Castro

Maria — Ai! (recua assustada)

Castro (entra e fecha a porta) — Não te assustes. Não me conheces?!

Maria — Não é vossa mercê que passa por aqui muitas vezes? que olha sempre, e que diz que gosta muito de mim?

Castro — O mesmissimo.

Maria — Então... Succedeu-lhe alguma coisa?

Castro — Succedeu, é verdade... (fingindo-se) Ah! Não posso viver sem ti!

Maria — Ora essa! Nunca m'o disse.

Castro — Digo-t'o agora. Maria. Amo-te, como a coruja ama o azeite: quero-te, como os medicos querem que haja molestias, os caçadores caça, os pescadores peixe, os taverneiros que hajam bebedos, os trapeiros trapos. Desde a bemaventurada hora em que te vi, fiquei cego, surdo, mudo...

Maria (rindo) — Ficou mudo e está falando!

Castro — Isto é força d'expressão. Estou mudo para todos: comtigo falo pelos cotovellos: para dizer que te amo, amo e amo! (beija-lhe a mão)

Maria (áparte) O homem estima-me.

Castro (continuando) — Já viste uma ovelha ao pé do seu cordeirinho?

Maria — Pois não vi!

Castro — E ouvistes as suas lamentações d'amor, viste as caricias, os afagos...

Maria — Das ovelhas?

Castro — Sim das ovelhas, e dos cordeiros tambem. A ovelha, abraçando o cordeirinho com medo que lh'o levem (abraça-a), fazendo-lhe festinhas no focinho (executa).

Maria — Focinho!

Castro — A ovelha beijando o borrego (idem), dizendo-lhe ternamente que o ama, com aquelle som immortal que diz tudo. *Mé*, *mé*... Maria! Faz tu de conta que és o meu borreguinho, e dize-me tambem: *mé*, *mé!* Anda, Maria: *mé*, *mé*! (abraçando-a)

Maria — Mas eu não sou ovelha, não sou nenhum bruto!

Castro — Chamas-me bruto! Ingrata *dona.*

Maria (áparte admirada) Mona?!

Castro — Bruto! palavra de reprovação que faz d'um gigante um anão! Palavra de quatro pés!! (pausa-chora) E eu que sentia no coração os anjos a cantar e bailar! E agora... cruel mulher! (range os dentes) peor do que uma sesão perniciosa... Este peito que era um céu aberto, fizeste-o uma caldeira de Pedro Botelho! Ah!

Maria (áparte com medo) Credo! O homem tresvaria! (affasta-se)

Castro (mostra-lhe o peito)—Vês o que fizeste! Olha como bate; apalpa (pega-lhe na mão, e põe-a sobre o peito.

Maria (fugindo)—Eu grito pela visinhança.

Castro (pega n'uma faca de cima de mesa)—Se gritas .. (fica em acção de a ferir).

Maria—Já não grito .. Ai! (áparte) Elle mata-me (resando) Salve rainha, mãe de misericordia... etc.

Castro—Já não quero faca... (em delirio tragi-comico) Ah! Oh! Uh!... Não quero morrer como um porco... (lentamente) Morrerei martyr!... Adeus! Adeus! (rapidamente) Vou-me assar n'aquellas brazas como S. Lourenço! (corre a deitar-se no lume.)

Maria (corre para elle)—Jesus! Nome de Jesus!... (agarra-o) Não se mate! Não se mate!

Castro (de cima da chaminé)—Então sempre queres que viva?
Maria—Eu sempre quiz... O senhor...
Castro—Eu é que queria morrer; fazia gosto n'isso, porque julguei que me despresavas. Mas tu estimas-me, não é assim?
Maria—O senhor bem se vê que é pessoa fina, e então...
Castro—Então tu estimas todas as pessoas finas, hein?
Maria—Decerto...
Castro—Mas, como não conheces ninguem mais fino do que eu, por força que me has de estimar mais do que aos outros?
Maria—Vocemecê acima de todos.
Castro—Isso mesmo. Anda. Vamos (em retirada.)
Maria—Para onde?
Castro—Eu t'o direi. Anda. (Pegando-lhe na mão—áparte)—Está cahida.
Maria (rindo)—Aposto que é para me pedir em casamento?
Castro—Adivinhaste.
Maria (rindo)—Pois não ha de ir. Surriada! Surriada! ..
Castro (áparte)—Sempre é muito parvoa.
Maria—Não vê que o senhor pae anda no mar?
Castro—Pois vamos ao mar.
Maria—Que! Vocemecê tambem sabe nadar?
Castro—Como um peixe.
Maria—Mas eu é que não...
Castro—Levo-te ás cabritas: anda.
Maria—O senhor! (rindo) Olhe que eu pezo muito.
Castro—Não importa. Levo-te ás costas, de braço dado, ao collo.. pelo teu pé... anda.
Maria (deixando-se ir)—Olhe que é noite...
Castro (áparte)—Melhor.

Batem á porta.

SCENA IV

Os precedentes e Manuel

Maria—Quem está ahi?
Manuel (dentro)—Sou eu, sôra Maria.

Maria—Ahi vou. (Vae abrir.)
Castro (detendo-a)—Não abras.
Maria—E' o Manuel.
Castro (vivo)—Seja quem fôr.
Maria—Digo-lhe que vocemecê me veiu pedir.
Castro—Não digas nada. Quero-me esconder (procura com a vista.
Maria—E' verdade que o Manuel queria que eu casasse com elle.
Castro—Por isso mesmo... E' meu rival. Esconde-me. Anda. (A'parte) Quebra-me os ossos.
Maria (procurando)—Só se fôr... Metta-se aqui... (designá o pôço.)
Castro—No pôço?
Maria—Metta-se no balde e segure-se á corda, e depois... Ahi vou, Manuel, ahi vou.
Castro (entra para o pôço)—Fico de môlho... Emfim... vá.
Maria (ata a corda fóra, e vae a deixando correr suavemente) Agarre-se bem.
Castro—Com unhas e dentes! (desapparece).
Maria (ala a corda)—Está fixe (vae abrir).
Manuel—Manda dizer o seu meste Graviel que me dê a chincha.
Maria—Vae armar á sardinha? (Vae buscar uma rêde que se acha pendurada n'um cabide.)
Manuel—Pelos modos. Disse lá o Zé-embreado que vira de dia andarem as gaivotas aos bandos a picarem n'agua... e então o seu meste Graviel mandou-me pela rêde. Pelo sim, pelo não. . E quer tambem que lhe leve quatro bôlos.
Maria (dá-lhe a rêde)—Quatro? (vae — abre a arca, e tira de dentro quatro rodas de barro vermelho furado).
Manuel—Sim, senhora (contemplando Maria, e embasbacado) Que bizarria de cachopa! Carnes brancas como pescada cosida... Faces vermelhas como um salmonete! E então gordinha, que nem corveu em setembro! Ah! que se fosse minha mulher deitava-me a ella como peixe ao engodo!... Mas, se eu sou um Manel atado... Gosto d'ella, e cudo que tenho medo de lh'o dizer! (dispondo-se) Animo, sô Manel das Modas. Atire o barro á parede. Vá! (coçando na cabeça) O'... O', sôra Maria...
Maria—Que foi?

Manuel—E'... Queria-lhe dizer com sua licença... uma cousa...
Maria—Pois diz.
Manuel—Queria-lhe dizer uma cousa bonita... e... (rindo aparvalhado—áparte) Encalhei na areia! Arriba, Manel... (alto) Dizia eu que se lá no mar andassem peixes assim—salvo seja—com'á sôra Maria, bondava que cahisse um por cada vez na rêde, para dar de comer a toda a companha (áparte) Anda, Manel, que o barco vae n'agua.
Castro (deita a cabeça de fóra—áparte) — Deixem-me vêr o carão do meu rival.
Maria—Tinha que vêr. Peixes como eu (dá-lhe os 4 bôlos).
Manuel—Ahi é que me doe.
Maria—Que é que te doe?
Manuel—Nada. Cá o frontespicio vae uma maravilha, é tudo osso. A queixa está da banda de dentro (suspira — áparte) Eu sempre lhe digo outra cousa bonita... (alto) Esses olhos, sôra Mariquinhas... Esses olhos são duas fateixas a qual mais forte... como que tenho o coração preso a duas amarras ..
Castro (áparte)—Bravo! Que imagem!
Maria—Olha não te demores.
Manuel—E' um tudo-nada. Olhe, sôra Maria. Haverá muito home que a estime. Não digo que não. Mas, um amisade cá de dentro dos figados d'alma... só o Manel... E' tão verdade como Deus ser Deus. Se vocemecê precisasse dos meus cínco sentidos, era capaz d'atirar co'elles ao demo, só pela servir. Ah! se vocemecê me dizesse a segunda, se me quizesse como eu lhe quero...
Maria—Pois não quero...
Castro (áparte)—Estou com ciumes.
Manuel—Quer! Eu morro d'alegria.
Maria—Mas... (vendo Castro).
Manuel—Não diga mas .. sôra Maria. Não ponha a cousa em vel-o-hemos. O Manel, co'ájuda de Deus, ainda ha de vir a ser o seu *meste Manel.* E' como lh'o digo. Nós ainda havemos dar que fazer ao nosso padre prior. Eu tanto hei de pedir, tanto hei-de teimar, que o sr. S. Pedro Gonçalves me ha-de ouvir. Elle bem sabe que é o santo d'advogação dos maritemos. Ah! que se elle faz o milagre... Sant'

Antoninho, onde te porei... Ha de ter um altar chibante—resplandor de prata, e alampada accesa todo o anno, ou eu não seja quem sou. Adeus, sôra Maria. Não case senão comigo, sim?

Maria (áparte)—Se eu podesse casar com dois...

Manuel—Lembre-se de mim (indo-se).

Maria—Lembrar-me lembro eu. Mas... prometti...

Castro (acena a Maria que se cale; n'isto desenrola-se a corda, e elle sóme-se, gritando)—Ai! Ai!

Maria } Nossa Senhora (corre a agarrar a corda).
Manuel } Que é isto?! (corre do pé de Maria).

Castro—Ai que me afogo!

Maria—Segura, Manuel.

Manuel—Está segura (áparte) Crédo!

Maria—Puxa.

Manuel (puxa—pára)—A voz parece de gente.. mas pesa .. O peso não é d'alma christã! Olhe, não seja algum *lobiskome*—Cruzes! Eu largo (assustado) Eu largo (benze-se).

Maria—Não largues. O ha que é gente.

Castro—Sou gente, sou.

Manuel (duvidoso)—Veja lá.

Maria—Pela minha salvação.

Manuel—Vocemecê que o diz é por que o sabe (cospe nas mãos) Se é gente, venha arriba (puxa) Ehó... Ehó... (affirmando-se) E' um home!

Castro—Sou, sim, senhor.

Manuel (pensa—pára de puxar)—De noite... escondido no poço... Tá, tá, tá... O home é ladrão, sôra Maria. Poço que te valha.

Maria—Não é ladrão: tu verás... E' uma pessoa aceada.

Manuel—Ah! Então veiu cá por seu respeito?

Maria—Veiu.

Castro—Não ha tal.

Manuel—Ha tal, seu mariola, ha: você cuda que é preciso ir a Coimbra para a gente perceber o que vê (puxa com força) Salte ca para fôra.

Castro (áparte)—Estou arranjado (sae para a scena).

Manuel—Vê, você. Eu podia ter largado a corda, e mettel-o no fundo. Mas não... Cá um prove tambem tem acções...

Castro (com medo)—Muito obrigado.

Manuel—Qual obrigado?! (procura dois paus) No poço era uma cousa: estava um de dentro e outro

de fóra. Agora, eu sou um home e você é outro... (dá-lhe um pau) Tome este pau.
Castro (áparte)—Ora esta!
Maria—Accommoda-te, Manuel.
Manuel—Vamos, sô sanxa-marranxa. E' dar sem alma, que eu farei o mesmo.
Castro (áparte—com medo)—Derreia-me.
Maria—Pelo divino amor de Deus.
Castro—Eu... não tive culpa... Abriram-me a porta ..
Maria (com innocencia)—E' verdade.
Manuel—E vocemecê não o pôz fóra?
Maria—Eu não.
Manuel (muito sentido--pausa profunda)—Basta que não! (chora) Já entendo. Adeus. Não se enfade commigo. Perdoará se a offendi .. (soluçando).
Maria (com muito dó)—A mim? A mim, não... Manuel.
Manuel—Eu sei... chorando Os ricos sempre são muito felizes! Dispõe do que é seu, que a bem dizer é tudo, e até das nossas migalhas se aproveitam. Que fosse lá um triste pescador lembrar-se de querer casar com uma senhora de vestido de seda? Nem ellas o queriam, nem elles o consentiam (com raiva). Mas para nos virem roubar as nossas cachopas... roubar, não; que ellas é que mal que os vêem logo se enfeitam e... (convulsivo, chora) e até lhe abrem a portal (retira-se desesperado, e fecha a porta para si).

SCENA V

Os precedentes menos Manuel

Castro (áparte, rindo)—Pobre diabo (a Maria) Então que é isso?
Maria (chora)—Sim, por amor de vocemecê ficar elle agora mal commigo... Um rapaz da minha creação...
Castro—Ha-de-lhe passar (zomba). Em nós tendo o primeiro filho convidamol-o para padrinho. Anda d'ahi.
Maria—Isto são horas da gente dormir. Venha áma-

nhã; fale ao senhor pae e tudo se arranja com vagar.

Castro (áparte)—E esta! (alto) Maria (vivo) A cousa mudou de figura. Manuel vae contar tudo a teu pae; elle fica desesperado, e não consente no teu... no nosso casamento. O melhor é irmos para minha casa, e de lá mandarmos parlamentarios a teu pae, para entabolarmos as competentes negociações matrimoniaes. Anda.

Escurece e fazem alguns relampagos ao longe.

Maria—Fugir da casa paterna! Nunca! Isso então — Maria o jura—que muito que eu casasse com vocemecê não sahia d'aqui. Deixar o senhor pae, coitadinho!... Olhe que elle não tem ninguem n'este mundo senão eu. Eu sou a sua filha, mãe, avó... tudo. E lá se diz isso porque esta casa é mais somenos, nós temos outra, graças a Deus, que se anda a compôr, e que não é só uma casinha como esta, não senhor: tem cozinha, casa do meio e alcova.

Castro (fecha a porta com intenção) — Maria, tu amas-me, já o confessaste. Pois bem. Quero uma prova do teu amor

Maria—Que prova? Não entendo.

Castro—Eu t'o explico (agarra-a).

Relampago e trovão.

Maria—S. Jeronymo! Santa Barbara, virgem!

Accende uma vèla, que põe deante do crucifixo.

Castro (áparte, desesperado)—Oh! Nem céu, nem inferno se hão de oppor a meus designios. Juro-o pela honra da mulher que prometti vingar — Maria (agarra-a) De que serve isso? (fala da véla.)

Maria—E' uma vela benta! (trovão) S. Jeronymo! .. (cae de joelhos deante da imagem — reza). A minh'alma magnifica e engrandece ao Senhor, etc. (em voz baixa).

Castro (recúa, amedrontado—áparte)—Parece (querendo andar) que um peso enorme me detem os passo .. Ah! (tremulo, como que quer ir para Maria e não póde).

Maria (resando)—Meu espirito se alegrou em Deus, meu Salvador!

Batem forte.

SCENA VI

Os dois e Gabriel

Gabriel (dentro)—Sou eu.
Castro (vivissimo)—Não abras.
Maria (vivo)—E' o senhor pae. Não me queria pedir? Ahi o tem. Cahiu lhe a sopa no mel.
Gabriel (dentro)—Maria.
Castro (detendo-a)—Se elle aqui me visse tudo estava perdido. Não sabes a causa? Eu t'a explicarei. Ou esconder-me, ou fugir. Por força...
Maria—Fugir! Por onde? Eu...
Castro (áparte)—Boa idéa (alto—vivo). Maria. Finge que não conheces a voz de teu pae. Diz-lhe que se vá, que não é elle, que...
Maria—Pois hei de dizer?... A voz de meu pae, que foi a primeira que ouvi no mundo!
Castro—Não importa.
Gabriel (dentro)—Maria, Maria!
Maria—Olhe. Aquella voz conhecia-a ainda que eu fosse surda. O coração tambem tem ouvidos: cuido eu.
Castro (desesperado)—Depressa. Diz-lhe que o não conheces, que não...
Maria—Mentir a meu pae!
Castro (aponta uma pistola á porta) — Queres que mate teu pae?
Maria (afflicta)—Jesus!
Castro—Anda. Já!
Gabriel (dentro—bate forte)—Não ouves, Maria?... Abre.
Maria (confusa)—Oiço. Não oiço. Não senhor. Vá-se embora ..
Castro—Diz-lhe que o não conheces...
Maria (atrapalhadissima)—Diz-lhe que o não conheces...
Castro—Isso não.
Maria—Isso não...
Castro (áparte)—Os demonios te levem (alto.) Diz só o que eu disser.
Maria—Só o que eu disser...
Castro—Eu endoideço.
Maria—Eu endoideço...

Gabriel (dentro)—Maria, estás doida, Maria?
Castro—Meu pae anda no mar.
Maria—Meu pae anda no mar.
Castro—Eu bem lhe conheço a voz: e essa não é a d'elle.
Maria—Conheço-lhe a voz... e essa... é d'elle.
Castro (escuta ao pé da porta—áparte)—Foi buscar gente para arrombar a porta (alto—vivissimo) Foi-se. Diz a teu pae que estavas sonhando... que não te lembra o que disseste... (abre a porta—áparte) A tempestade passou. O pae a sahir para o mar, e eu a voltar á prêsa. A difficuldade augmenta o desejo. Jurei que esta noite havia de ser minha. Ha-de sel-o! (com fingido affecto) Adeus, Maria.
Maria (triste)—Então quando me vem pedir?
Castro—Logo (sahindo).
Maria—Não vem.
Castro—Venho. Palavra de honra (sae).
Maria (fecha a porta)—Ai! sempre esta noite tenho tido uma labuta! (apaga o cirio) Nem ainda tive tempo de assoprar o lume. (Assopra-o—concerta a caldeira)
Gabriel (dentro)—Vá. . dentro.

Batem na porta como para a arrombar.

Maria (corre a abrir)—Eu vou. (Abre)

SCENA VII

Maria, Gabriel e pescadores

Gabriel—Maria (abraça-a). Maria.
Maria—Sua benção.
Gabriel (para os outros)—Obrigado, rapazes.
Gregorio—Então não quer mais nada?
Gabriel—Nada. Obrigado. Até outra vez (para Maria) Já a encontrei. (Os pescadores retiram-se, Gabriel fecha a porta e continúa) Maria, diz-me cá, filha, tu não estás doida?
Maria—Doida!... Em vocemecê sabendo, ha-de-me achar um juisão.
Gabriel—Mas que foi aquillo? Devéras, tu não me conheceste? (senta-se.)
Maria (sorrindo)—Como os meus dedos.

Gabriel—E não me abriste a porta!
Maria—Queria que o deixasse matar?
Gabriel—Matar?
Maria (explicando-se)—E' porque estava cá um homem, com uma pistola apontada para o matar, se eu abrisse.
Gabriel—Que diz ella?! Valha-te Deus. Valha-nos Deus, Maria!
Maria—Não se assuste. Era um rapaz que me quer pedir em casamento, mas não queria que vocemecê o visse... por ora.
Gabriel (afflicto)—Qual rapaz? Que casamento?! Quem?!
Maria—Um rapaz muito aceado.—Ha de gostar de o vêr
Gabriel—Muito!
Maria—Eu já o tinha visto muitas vezes, a olhar para mim, quando passava. Depois—bateram á porta—fui abrir, e elle... é muito sem cerimonia; entrou, e...
Gabriel (afflicto)—E depois?
Maria—Depois... disse-me um poder de coisas: falou no céu, no inferno, nas ovelhas que dizem *mé*, e depois...
Gabriel—E depois o quê? (áparte) Eu é que fico doido.
Maria—Eu, a falar a verdade, pouco lhe entendi. Por fim disse que havia de casar commigo, e lá isso entendi eu logo (com innocencia).
Gabriel—E depois?
Maria—E depois, estavamos para ir ter com vocemecê, para elle me pedir, quando veiu o Manuel pela chincha; isso então é que foi bonito: elle, para o Manuel o não vêr, escondeu-se no poço — vae a corda desanda, e por um triz que não toma um mergulho. O Manuel é que o tirou para fóra. Elle não lhe contou?
Gabriel—O Manuel anda em outro barco (pensando—áparte) Homem aceado... escondeu-se .. Oh! queria roubal-a... queria (alto) E depois?
Maria—Depois... falou-me em fugir de casa, mas eu abanei-lhe as orelhas. O senhor pae... deixal-o? Isso nunca!
Gabriel—Não ha duvida. Era um seductor infame! (desordenado) E que mais? Não te fez mal? Não...

Maria—Mal, nenhum (envergonhada) Só... Deu-me não sei se um, se dois abraços . . mas, isso foi a bem. Elle.. diz que me tem muita amisade.
Gabriel—E que mais? (tremendo) Diz a verdade, Maria. Como se estivesses aos pés do confessor.
Maria—Não me fez mais nada.
Gabriel (levantando as mãos)—Oh! meu Deus! Dobrae, se necessario fôr, o peso da cruz que tenho levado; mas guardae este anjo, que o merece: livrae-o dos enganos do mundo! Maria, estiveste por instantes a ficar bem desgraçada! Esse homem, quando disse que te estimava, mentiu. Era um judas, que te beijava para depois te vender!
Maria—Pois eu sou alguma negra?!
Gabriel—Não és: queria elle que o fosses, Maria. Ora vê tu se isto não é assim? Se esse homem te ama, como diz, se queria casar comtigo, porque não veiu pedir-te á hora do dia? quando eu estava em casa?! Quem se envergonha de fazer o que lhe não fica mal? Porém, não: esperou que fosse noite, que tu estivesses sósinha, sem teu pae que te podesse defender. Covarde! Para que se escondeu? Para que te aconselhava a que fugisses? Oh! esse homem era um ladrão, um matador!
Maria (assustada)—Elle!
Gabriel—Elle queria-te roubar e deshonrar.
Maria—E diz que queria casar...
Gabriel—Não te queria casada, queria-te desgraçada! Deus, que tudo póde, foi quem te salvou!
Maria (tem estado a contemplar a piteira que está na parede)—Oh! se salvou! Agora o vejo. Grande mal esteve sobre nós! Olhe, como está vermelha! (apontando).
Gabriel (observando)—E é verdade. Não tem côr de sangue, mas está avermelhada.
Maria—Deus teve dó de mim (vê uma carteira no chão, e apanha-a) E' um livro (dá-a ao pae).
Gabriel—Não é um livro, é uma carteira. Ha de ser d'elle (abre) Tem dinheiro! .. e... (lê e fica aterrado) Estevam de Castro! O homem que vinha seduzir minha filha! Ah! (senta-se).
Maria—Que tem?!
Gabriel—Se elle voltasse...
Maria—Volta logo. Assim o disse.
Gabriel (meditando)—Como perdeu a carteira...

Traz n'ella o seu nome... dinheiro... Quem sabe? Talvez que o peccado o traga...

SCENA VIII

Os precedentes e pescadores

Gregorio (dentro)—Seu meste Graviel.
Gabriel (a Maria) — Abre (áparte -- seguindo a sua idéa) — Deus o traga, que ha de levar uma demão d'ensino... Oh! (pensa).
Cregorio—Já lá vae o mau tempo, e a maré enche.
Coça-na-veia—Anda ahi muxarrinha como canalha.
Manuel (áparte—carrancudo)—Não lhe hei-de falar.
Maria--Não me falas, Manuel?
Manuel—Um home não é de pedra.
Maria—Que te fiz eu?
Manuel—Então brinca.

Maria fala devagarinho com Manuel.

Coça—Seu meste Graviel
Gabriel (áparte)—Bem (alto) Vão, rapazes, que eu não tardo. Duas palavras a Maria, e nada mais.

Retiram-se os pescadores. Pega n'uma escada de mão, e vê se chega ao postigo.

Manuel (a Maria)—Ahi o tem. Olhe, sôra Maria. Vá com esta. Os alfacinhas sempre é gente que até muda o nome ás cousas! Ao corveu chamam-lhe fatassa, ao paxão — besugo e á muxarrinha — carapau ! E ainda cousas peores -- muito peores. Não perca a amisidade aos da sua egualha. Sôra Maria, viva.
Maria (accmpanha-o á porta)--Adeus, Manuel.
Gabriel (áparte)--Deus o traga (alto) Maria, se esse homem vier, abre-lhe a porta. Não tenhas medo, que eu hei-de estar de vigia. Demora-o quanto puderes: ha de perguntar pela carteira: finge que não a achaste; começa a procural-a, revolve tudo por ella; e quando sentires bater á porta, diz-lhe que fuja por aquelle postigo. Elle ha de dizer que não póde lá chegar; lembra-lhe então aquella escada, e deixa-o fugir. Vê la o que fazes: d'isto depende a nossa fortuna E, cuidado: não lhe digas que fui eu que t'o disse. Faz tudo como se fosse coisa tua.--Percebes?

Maria—Vá descançado.

Gabriel—Diz-lhe que nós voltámos para o mar. Não te esqueça nada. Toma conta (para fóra) O' da companha (sae).

Maria (fecha a porta) — Ora queira Deus que me não esqueça o recado (recordando-se) E' mandal-o entrar, andar em cata do tal livro, dizer-lhe que fuja pelo postigo quando o senhor pae bater—darlhe a escada .. Não me engano. Sempre tive muito boa cabeça... Oh!... Diz a tia Genoveva, que me contou uma vez—unica—a historia da Carochinha, a das tres cidras do amor, e a da arvore que canta e do passaro que fala; e diz que as decorei, e que as contava como um papagaio. Já é! Fui muito ha bilidosa em pequena. E diz que era um sol de boniteza! (descontente) Pois hoje.. (mirando-se) lá feia não direi, mas a gente muda tanto com a edade! D'antes era outra coisa: chamavam-me lindinha, anjinho, montinho de carne... e agora (desgostosa) só me chamam pelo meu nome! Maria, e nada mais (pausa) Até o sr. Frei José, o padrinho, que sempre me fazia festinhas na cara, hoje até nem quer que lhe beije o habito! (pausa) Ah, tempo, tempo. Todos me beijavam, pegavam-me ao collo, traziam-me ás cavalleiras, davam-me pão de ló. Eu corria, brincava, saltava.. Se chorava quando cahia, levantava-me logo, e ria d'ahi a nada. Quantas vezes o padrinho—parece que o estou ouvindo—ralhava por me trazerem muito enroupada —«Nada d'abafos .. Deixem-na andar ao tempo—cabeça, braços, peito, pernas.—Corre, Mariquinhas —Assim é que elles se criam». E eu, se elle bem o dizia, melhor o fazia: e ainda em cima lá vinha o biscoito e o bolo de raiva, que sempre andava na manga do habito (pausa) O que é o mundo! Ai! (senta-se) Forte desassocego! Ainda não tive tempo de resar a minha corôa a Nossa Senhora (puxa d'umas contas e começa a resar. — Batem) Ha de ser elle (vae abrir).

SCENA IX

Maria e Castro

Castro (áparte) — Agora não me ha-de escapar (fecha a porta, alto) Maria. Está chegado o momento da nossa ventura. Teu pae foi para o mar; não volta tão depressa. (olhando para todos os lados como quem procura)
Maria — Perdeu alguma coisa?
Castro — Uma carteira. Não sei se depois me cahiu...
Maria — Deixe que eu accendo outra luz (vae accender).
Castro — Não é preciso.
Maria (áparte) E' preciso é... Já o mandei entrar; agora hei-de demoral-o; que assim o disse o senhor pae. (dá-lhe a luz) Procure com esta, que eu vejo com a outra. (Vae por ella, e finge que procura)
Castro — Não é tanto a carteira...
Maria — Tinha dinheiro?
Castro — Algum (áparte) Tinha o meu nome.
Maria — Talvez cahisse no poço.
Castro — Dizes bem. Então perdi-a.
Maria — Talvez ande ao de cima.
Castro — Pode ser. (vae ver)
Maria (áparte) — Vae-se demorando que é o que se quer.
Castro — Nada. Certamente foi ao fundo. E' o mesmo. Vamos nós ao que importa, Maria! (pega-lhe na mão) Tu has-de vir commigo.
Maria (com intenção)—Olhe lá não.
Castro — Vaes ser muito feliz. Anda, Mariquinhas: vem.
Maria — Metta-me o dedo na bocca a ver se lhe mordo.
Castro- Que diz ella!
Maria — Cuida que me engana? O senhor pae já me disse quem vossa merçê era.
Castro — Então que disse?
Maria — Disse que vossa mercê é um judas, um ladrão, um matador.
Castro—Tudo junto? (zombando)
Maria — Tudo. Que vossa mercê dizia que me esti-

mava, mas que não era assim, que me queria desgraçar.

Castro — Pelo contrario: quero-te fazer feliz. Não vês, que tu és filha d'um pescador, e que eu sou fidalgo, e desço a casar comtigo!

Maria—Ah, ah. Ahi é que vae o engano. Vossa mercê não me quer casada, quer-me desgraçada.

Castro (áparte) — Está muito doutora! (alto) Acabemos com isto. Has de vir commigo, quero eu... (agarra-a) Ou senão, aqui mesmo...

(Batem)

SCENA X

Os precedentes e depois Gabriel, Manuel, Coça-na-veia, Zé, Catharina, varios pescadores e raparigas.

Gabriel — Abre.

Castro — Quem é?

Maria — Elle.

Castro — Teu pae ?!

Maria — Fuja, fuja!

Castro — Por onde?

Maria — Pelo postigo. (apontando)

Castro (corre, dá um salto, e vê que não chega) — Não posso.

Maria (rapido, vae buscar a escada)—Aqui tem.

Castro — Dá cá. (põe a escada e sobe)

Maria (áparte) — Eu ainda tenho cabeça. Olé se tenho! (batem) Ahi vou senhor pae.

Castro — Espera. (áparte) D'esta vez quebro as costellas (salta, desapparece e solta um *ai*)

Ouve-se uma grande gargalhada dos pescadores—Maria abre —Vozes diversas — «Cahiu! Viva! Surriada! — Entram todos. Os pescadores trazem uma rede ás costas, e dentro Castro dando ais e esperneando).

Maria - Que é isto?

Zé — Viva a pescaria

Coça-na-veia--E' peixe do alto.

Manuel--Pesa que nem judeu morto.

Gabirel--Para aqui.

Castro (barafustando)—Deixem-me!

Manuel—Chama-se mesmo o deixa.

Zé—Está co'as furias.
Gabriel — Levanta.
Manuel—Upa.
Coça-na-veia — Arriba (penduram a rede nos cabides e atam, etc.)
Todos — Vá.
Gabriel — Ahi dependurado é que ha-de estar. (vae á cantareira, e traz um cangirão de vinho e canecas.)
Manuel—E' peixe escalado.
Coça-na-veia — Está-me lãmbrando aquella historia das tres fiadas (rindo).
Castro (áparte) —Cáfila!
Gabriel (põe o cangirão e canecas sobre a mesa) — Vinho aqui está. Não ha azeitonas, Maria?
Maria — Ha de haver.
Gabriel — E pão?... anda, põe para ahi o que houver! Sentem-se, raparigas. Dá-lhes tambem pão de ló. Isto é só provar. O banquete ha-de ser lá na praia. (sentam-se todos no chão)
Coça-na-veia — E' comer á ufa. Aqui, e depois a caldeirada.
Catharina — Lá sem comes e bebes...
Maria (traz um panella com azeitonas) — As azeitonas é que estão alguma coisa sapateiras. (Todos comem)
Manuel—Qual carapuça. (prova) (áparte a Maria) O' sôra Maria, estava-lhe quasi engulindo o caroço por ser coisa sua.
Maria — Vê lá se te engasgas... (começa a dar azeitonas).
Coça —Deite aqui
Zé —Deite aqui. (offerecem a mão)
Manuel —Deite aqui, aqui (para Castro) O' seu sanxa-marrancha, você quer azeitonas?
Castro — Quero dardos.
Zé — Come dardos!
Coça — Que tal é o estomago!
Maria — Vamos aviando, para irmos bailhar.
Gabriel — Antes d'isso Catharina que cante alguma coisa.
Maria — Canto a *Nau Cath'rineta*. E' tão bonita!
Outros — E' verdade! E' verdade!
Catharina — (canta a modinha)

Lá vem a nau *Cath'rineta*,
Que traz muito que contar.
Sete annos menos um dia
Sobre as aguas do mar.
Dom-dom.
Não traziam que beber,
Nem tão pouco que manjar,
Deitam sortes á ventura,
Qual haviam de matar.
Dom-dom.

A sorte cahiu em preto,
Ao cap'tão-general.
Sóbe, sóbe, ó gageiro,
A'quelle tope real.
Vê se vês terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.
Dom-dom.

Palavras não eram ditas,
O fogueiro cahe ao mar.
Sóbe, sóbe, ó chiquito,
A'quelle tope real.
Vê se vês terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.
Dom dom.

Dê-me alviç'ras, capitão,
Meu capitão-general,
Já vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.
Tambem vejo trez meninas
Debaixo d'um laranjal.
Dom-dom.

Todas trez são minhas filhas,
Todas trez vos hei-de dar,
Não quero as vossas filhas,
Custaram-vos a crear.
Quero a nau *Cath'rineta*,
Para n'ella navegar.
Dom-dom.

Maria (quando Catharina acabar)—Agora vamos ao *Mineiro!*

Manuel—Vá o *Mineiro!*
Todos—O *Mineiro!* O *Mineiro!*
Maria (traz da canteira um cesto com pevides d'abobora)—Não querem pevides?
Manuel—E' verdade, deite aqui.
Outros—A mim.
Outro—Eu.

(Varias saudes)—Para que viva! A' saude do seu metre Graviel, e da mais companha, etc.

Gabriel—Vamos: cada um á sua. Eu hoje tambem danço. O' Catharina, queres ser minha parceira?
Catharina—Prompta. Eu cá não desmancho prazeres.
Gabriel—Mas ser parceira de um velho...
Catharina—Os velhos ás vezes são os que brincam mais a preceito.
Manuel—O' sô meste Graviel. Olhe que a companha está á nossa espera. Se nos detemos aqui a bailhar...
Maria—E' verdade. Vamos, senhor pae. Aquillo é que é brincar: que bonitas danças!
Gabriel—Quaes?
Maria—As que se fizeram na noite de S. Pedro.
Gabriel—Pois querem festejar os meus annos com as danças que se ensaiaram para o dia de um santo?... Nada.
Manuel—Isso que tem? O que era o Senhor San Pedro Gonçalves que não seja o nosso meste Graviel? Um era pescador, o outro pescador; elle, arraes; este, arraes. Bem vêem que para perto se muda.
Todos—E' verdade! é verdade!
Gabriel—Pois seja. Vamos. Mas primeiro desprendam aquelle amigo. Tambem ha de cantar e bailar.

Vae soltal-o da rede, e põe dois de sentinella á porta.

Vozes—Boa lembrança! Que viva o nosso arraes!
Manuel—Ande para cá, seu Peixe.
Zé (áparte a Coça)—Peixe-porco.
Coça—Muxarrinha.
Gregorio—Vamos lá.
Zé—Ha-de bailhar.
Castro (áparte)—Infames!

Manuel—E tambem ha de cantar.
Castro (desesperado)—Nem uma cousa, nem outra. Tenho dito.
Gabriel—Com effeito, senhor; nunca julgou que a ousadia de uns pobres pescadores chegasse a tanto. Oh! é na verdade muito, querer obrigar um fidalgo a cantar e dançar entre plebeus, só porque teve a indiscreção (ironico) não digo bem. . a galanteria de intentar seduzir uma rapariga! Que importa lá a suas senhorias e excellencias que a filha de um pescador perca ou não a honra? O mesmo, ou ainda menos talvez, do que ver salpicadas de lama as rodas da sua carruagem mais pobre!... Se se tratasse de seduzir uma dama, uma senhora, isso então merecia a pena... se merecia!... porém gastar tempo com a honra de uma mulher rustica, pobre (convulso) Oh! até me está parecendo que tenho sido ingrato!... que lhe devia agradecer o ter descido do seu palacio até á nossa humilde choupana... talvez. Mas que quer? se nós, os rusticos, não entendemos mais? .. Se o senhor não é para mim senão um seductor infame, e que ha de pagar bem cara a injuria que nos fez. (Fortissimo) Sim, meu fidalgo: ha-de cantar e bailhar, ha-de mais, ha-de-nos pedir perdão — a mim e a minha filha, ou agarro-lhe por um braço e mando-o de presente ao diabo, que o espera com ancia no fundo d'aquelle pôço. Vamos, senhor.
Manuel (para os outros)—E' bem feito.
Castro (áparte)—E atrevem-se estes vilões!...
Gabriel—Então?
Manuel—Bailha, ou não bailha?
Castro—E' demais (desesperadissimo).
Gabriel—Ora diga-me: o senhor que acha demasiada a nossa vingança, que faria se se voltassem as scenas? Se fosse eu, o pescador, quem o tivesse insultado? Limitar-se-ia a mandar-me cantar e dançar? Ficaria satisfeito com tal desforra? Oh! Nunca, que bem conheço, por minha desgraça, o que importa offender o orgulho dos seus!.. (pausa) Não era preciso que um de nós tentasse seduzir uma senhora; bastava que olhasse para ella, que a amasse, que — ainda mesmo sendo correspondido—ousasse aspirar á sua mão .. Qual seria o fidalgo que lh'a concedesse?...

Castro (com despreso) — E qual seria a dama, tão pouco dama, que o quizesse?
Gabriel—Qual?
Castro —Nenhuma. Era descer muito.
Gabriel—Descer!... Acaso os seus corações serão mais altos do que os nossos?. . Conheço por ahi fidalgos tão baixos!... (pausa — outro tom—com orgulho) Pois saiba, senhor, saiba que uma dama conheci eu, muito nobre e formosa, que amou com extremo um homem de condição humilde como a minha; que, por elle, engeitou casamentos de poderosos, que por elle despresou promessas e ameaças, que fez mais: desamparou a casa de seu pae e fugiu com elle—com o rustico!
Castro (áparte)—Quem sabe?
Gabriel (pensativo)—Barbaro! barbaro!
Castro (com intenção) — E essa dama ainda vive? ou succumbiu, finalmente, ao desamparo, á mingua?
Gabriel—Morreu: não á mingua, que o pobre trabalhava dia e noite para a sustentar: morreu por occasião de dar á luz o seu primeiro e ultimo filho. Oh! mas Deus foi justo! antes d'ella já tinham morrido os seus perseguidores, tão crueis que nem á hora da morte lhe perdoaram! Temeram que o pobre viesse a aproveitar-se d'algumas migalhas suas, e desherdaram na! Fizeram bem. Eram migalhas doiradas, e podiam perder o brilho nas mãos callejadas do rustico!
Castro (com intenção) — Conheço essa historia... Quem não sabe a historia do celebre mineiro de Cascaes...
Gabriel—E que fosse?
Castro—E' porque falta accrescentar a favor da familia a que essa dama pertencia, que o mineiro foi um seductor infame...
Gabriel — E o senhor? O que será então o senhor?!
Castro—Ha, comtudo, uma differença notavel entre mim e o mineiro: elle ultrajou a familia do nobre, que não o havia offendido; e eu vingava-me d'uma affronta. O plebeu insultou, o nobre quiz desaffrontar-se. Quem foi mais cavalheiro?
Gabriel —Elle.
Castro —E' melhor dizer «eu» porque o mineiro de

Cascaes, esse a quem a propria cantiga do povo chama seductor, é o pescador Gabriel!

Admiração geral.

Gabriel (áparte)—Ah!
Maria—Não é, não senhor. Meu pae!... Conheço-o desde pequena, e sempre foi pescador.
Manuel—E' tal e qual.
Zé—E' verdade.
Castro—E' elle, repito. E que o negue (áparte) E' elle.
Gabriel (depois de pausa)—Serei... sou. Mas o senhor não deixa por isso de ter querido roubar Maria, para a seduzir.
Castro—E o mineiro?
Gabriel—O mineiro não seduziu: amou por muito tempo em silencio. Conhecia a grande distancia que o separava da mulher que confessava ter-lhe amor, e por isso mesmo duvidava da sinceridade d'uma tal confissão: todavia, chegou tempo em que já não podia duvidar. Então fiz quanto pude para desvanecer um amor que eu bem adivinhava que me havia de ser fatal, porém debalde. Porque ha de amar-me esta mulher? dizia commigo. Eu pobre, eu filho de paes humildes, creado entre elles, e apenas um pouco mais instruido—por que valho eu? que merecimentos são os meus? A taes perguntas, como que me sentia outro homem... o coração batia-me com força, parece que me crescia a alma, e então dizia com orgulho: sou nobre, sou. Não tenho d'esses pergaminhos caprichosos, dados muitas vezes em recompensa de acções tão negras como a tinta com que foram escriptos, mas tenho pergaminhos que se não rasgam nem queimam, que homens não podem dar nem roubar. Os meus pergaminhos estão aqui (mão no peito) Oh! eu quero, eu devo acceitar o amor da mulher que me estima: sou digno de lhe pertencer; e ha de ser minha! Porém, como? — continuava eu — atrever-me-hei a ir pedir a sua mão? Quem! Se dissessem a esses soberbos que um mineiro pobre e mal trajado pretendia d'elles, haviam de julgar que lhes ia pedir alguma esmola!... (commovido—pausa) Entretanto o nosso amor ateava-se cada vez mais. Ella, sabendo que a queriam obrigar a desposar ou-

tro, insta commigo e propõe-me a fuga. Era o unico meio de alcançar a sua mão. Que havia de fazer? Que podia eu fazer, senão o que ella me aconselhava, que era tambem o que me dizia o coração? —fugir! E fugimos! E fomos felizes amámo-nos sempre como na hora em que nos recebemos! . . (chora—pausa) Mas o senhor não praticou assim: entrou de noite e ás escondidas em casa do pae que já no mundo não tinha outra consolação, outro thesouro senão sua filha, e quiz roubar-lh'a, para a seduzir: matava a um tempo (designa Maria) esta desgraçada na sua honra, e acabava com o velho, que decerto não poderia sobreviver a tamanho ultrage! Oh! (commovido).

Manuel—Ha de cantar e bailhar.

Castro (áparte) — Vilões! E' mais uma mentira, ou menos. Vingar-me-hei depois (alto) Pois saibam todos que não vim para seduzir Maria: quero a para minha mulher, e agora mesmo a peço a seu pae

Manuel (áparte a Maria)—Não queira, sôra Maria.

Maria (áparte a Manuel)—Eu não tenho querer.

Manuel—Já é tarde, já. . (resmungando).

Zé (para Gregorio)—O home despicou-se.

Gregorio—E' verdade.

Raparigas—Parabens, Maria.

Gabriel (pensativo)—E' velhaco! é. (alto) Não o acredito.

Castro—Porque não? (serio).

Gabriel—Conheço o orgulho dos seus. São capazes de faltar a deveres, mas lá da sua muito alta e frondosa arvore de geração, não se esquecem de uma folha secca... nem da resina! O sr. D. Estevam de Castro!...

Castro (áparte)—Ah! (vivo) Está enganado. Não sou quem julga...

Gabriel (muito serio e incisivo) — E' um hypocrita que se finge.

Castro—Eu ..

Gabriel—E' um covarde que occulta o seu nome!

Castro—Eu!

Gabriel (com imperio)—E': é D. Estevam de Castro. Bem vê que nos conhecemos. (dá lhe a carteira)

Castro (confundido)—Ah!

Manuel (aparte a Gabriel)—Então sempre bailha.

Gabriel—Bailha e canta e pede perdão, e talvez mais:

porque não quiz seduzir para aqui qualquer rapariga extranha: era Maria, Maria, que é sua sobrinha direita.

Maria (aparte a Catharina) — Tenho um tio fidalgo! (alto dirigindo-se a Castro muito lepida) Sua benção, meu tio.

Castro (aparte)—Que humilhação! (alto—contrafeito) E' minha sobrinha, é verdade: e por isso mesmo com melhor vontade acceito a sua mão. Mestre Gabriel—meu cunhado—concede-me a mão de minha sobrinha?

Manuel (aparte a Maria)—Não queira, sôra Maria.

Maria (aparte a Manuel)—Accommoda-te.

Gabriel (aparte)—Elle... casar com ella... nada, não o posso crer.

Castro—Então?

Gabriel—Eu.. pela minha parte... E tu Maria?

Manuel (áparte a Maria)—Pelas cinco chagas.

Maria (áparte a Manuel) — Não vês que è meu tio? (isto dito com ingenuidade, e como quem diz «o que lhe hei-de eu fazer?» Alto, fazendo mesura) Eu cá o que o senhor pae quizer.

Castro — Pois bem; visto ser parenta proxima, logo que chegue a dispensa, estou prompto (áparte) a vingar-me antes d'isso miseraveis.

Coça-na-veia, etc.
Catharina } Viva o fidalgo!

Ouve-se estoirar um foguete.

Zé—Um foguete!

Vozes—Viva! Vamos ás danças!

Gabriel—Pois vamos.

Coça-na-veia—Dê o braço ao noivo, sôra Maria.

Castro (áparte) — Que humilhação! (dá o braço a Maria)

Manuel (a uma saloia)—Tu és de Cascaes?

Saloia—Não senhor. Eu cá sou de Peniche.

Manuel — Ah! és de Peniche. Então dá cá o braço. Cascarejas nem vêl-as!

Sahem de braçô dado a dois e dois — homem e mulher cantando;

O' mineiro, ó mineirinho
O' mineiro de Cascaes,
Por amor de ti, mineiro,
Fogem as filhas aos paes.

SEGUNDO QUADRO

A scena muda, e deixa ver a praia e os bateis illuminados e embadeirados. Redes sobre estacas a enxugar, caldeiras ao lume, etc. Varios grupos de saloios, pescadores, varinos, etc. que constituem o bailete. Entram Gabriel, etc., do mesmo modo cautando o mineiro, e depois o seguinte:

CÔRO

Horas de tristeza
Temol-as demais:
E' folgar — faz annos —
Hoje o mestre arraes.

Nosso canto alegre
Não é falso, não.
E' vibrado d'alma
Tange o coração.
Noite de folguedo
Não virá tão cedo.

Começa o bailedo. Quando está para acabar, chega-se uma carruagem com D. Ursula, e Genoveva a pé. O bailedo pára

Castro (áparte)—Estou perdido!

SCENA XI

Os precedentes, Genoveva e D. Ursula (acompanhada de dois lacaios caricatos)

D. Ursula, velha, de rosto encarquilhado, grande buço, chinó, algum tanto corcunda, e vestida exoticamente.

Genoveva (falando com D. Ursula e designando Castro)—Vêl-o, lá está.

Entra D. Ursula, e os saloios fazem mesura e cochicham entre si.

Genoveva (a Gabriel) — A fedalga foi a minha casa em cata d'elle (apontando para Castro) e como diz que gosta muito de cantar e bailhar...
Gabriel (áparte)—Nem por isso.

Genoveva—Logo disse que havia de estar na festa.

D. Ursula chega ao pé de Castro, cruza os braços tragicamente comica, dá á cabeça, e fixa-o, desesperada—silencio por um momento.

D. Ursula—*Tom* effeito, *senhô Tasto!* E' assim *te tosponde* aos *desvenos* da sua *tonsóte?! E'na* em *taza, dinacenada pênos tuidados*, em *tuanto* o *senhô* anda *tantando* e *bainando tom* as *tachopas* de *Tastaes?!*

Os saloios riem.

Castro (humilde)—Perdôa, menina...
D. Ursula (áparte a Castro) — *Táne-se; ná* em *taza fananemos*.
Gabriel—Visto isso, V. Ex.ª é esposa do sr. D. Estevam?
D. Ursula—Foi uma *intninação* de *petênos*.

Çastro faz signal a Gabriel para que se cale.

Manuel (áparte a Maria)—E' casado!! (esfregando as mãos).
Maria—Antes assim.
Manuel (áparte, aos outros) — E' casado. E' casado.

Os saloios falam baixo e riem.

Gabriel (faz signal de silencio aos pescadores) — Pois tanto um como outro tiveram muito bom gosto (sorrindo) são ambos muito boas pessoas... V. Ex.ª basta vêl-a para se conhecer... (áparte) que é um dragão; (alto) quanto ao sr. D. Estevam, esse é já muito nosso conhecido: amigo dos pescadorés e... (ironico) e da pesca tambem...
Manuel—Sim, senhor (com intenção) Inté disse que me havera de dar o dote para eu casar com Maria.
Castro—Eu!...
Manuel (áparte)—Ah! o alma de chicharro quer fugir á rêde! Pois deixa que não ha de escapar do anzol (alto) E' que est'outro dia o sr. D. Estevo ia-se afogando, e...
D. Ursula—*Tômo, tômo!* (desconfiada).
Castro—Cala-te (dá-lhe uma bolsa).
Manuel (áparte) — Ah! Já... (alto) Entrou no batel para observar as rêdes... n'isto escapam-lhe os pés, e zás .. elle ahi vae. Apanhei-o no ar. Ficou-me dependurado pelas abas da casaca, a dar c'os pés e c'as mãos que parecia mesmo, salvo seja, um milhano (rindo).

Castro (áparte)—Patife!
Manuel—Vae então, prometteu-me...
D. Ursula--*Ná* d'isso *dósto* eu. E' uma acção de *tavanheio. Madanhãosinho!*
Manuel (áparte) — Já que não pagou com o corpo, que pague com a bolsa: pois como é o seu geito? (alto) E como o sr. D. Estevo leva o nosso casamento muito em gosto, muito... tambem disse que havera de ser padrinho.
Castro (áparte)—E esta!
Manuel—O' sr.ª D. Ursa, já agora seja tambem madrinha: fica tudo em casa.
D. Ursula—Pois não... E o dote *d'éna fita* por minha *tonta* (para Castro) *Ná* em *táza* ha-de *nevá tuate beijotas pana* seu *tastido* (falam baixo os dois esposos).
Manuel—Deus lh'o pague (faz signal a Maria para agradecer).
Maria—Agradecida.
Manuel (para Maria)—Em o batel sendo nosso, hade-se pintar na prôa o retrato da madrinha.
Maria—E o do padrinho?
Manuel—Tambem (áparte, a Maria). E só pintado é que o has de ver. (Para Gabriel) Venha, seu meste Graviel. Aqui os tem. Elle padrinho e ella madrinha — a sr.ª D. Ursa e o sr. (áparte) D. Urso. Veja que honraria!
Gabriel (áparte a Castro). (D. Ursula vae para a carruagem) — Creio que lhe tenho feito os maiores serviços.
Castro (ironico)—Decerto.
Gabriel—Não cantou, nem dançou.
Castro—Ahi tem dois serviços.
Gabriel—Não pediu perdão.
Castro—Trez.
Gabriel—Não...
Castro—Que mais?
Gabriel—O melhor. Não disse á fidalga que o senhor era meu parente.
Castro (áparte)—Velhaco!
D. Ursula--(dentro da carruagem) — Menino? Meu *Tastosinho.*
Castro—Já, minha senhora (parte immediatamente, e mette-se na carruagem).

D. Ursula (áparte a Castro, puxando-lhe uma orelha)—Ande *pá táza*, seu *tachorrinho.*

Gabriel (põe o barrete) — Vamos acompanhar os nossos fidalgos. E' dar o braço ás cachopas, cantar e andar.

Diversas vozes—Vá feito, vá.

Cada um dá o braço á sua, e fazem roda.

Gabriel (a Maria e Manuel) — Não andamos de carruagem como elles, (aponta para os fidalgos) mas tambem não temos dos taes casamentos... chamados de conveniencia, e que dão mais pena do que prazer.

Manuel (para Maria) — Carruage não teremos nós, mas hemos de ter uma cousa que elles não são capazes.

Maria—O que?

Manuel—Muitos filhos.

Maria—Se Deus quizer.

Manuel—De cada vez um par!

CÔRO

O' mineiro, ó mineirinho, etc.

A carruagem parte. Os pescadores vão sahindo de braço dado com as cachopas—cantando em côro.

Cae o panno.

FIM DA COMEDIA

O EXTRANGEIRADO

Comedia em 2 actos

FIGURAS

Manuel José Barbante
Lobo
Sousa
Tabellião
Um creado
Armador
Carpinteiro
Cunegundes
D. Amelia
D. Thereza

Gallegos	1.º 2.º 3.º
Mascaras	Phrenologia Hydropathia Magnetismo Classico Romantico Critico

Gallegos, musicos, espectadores e mascaras

Lisboa — 1845

ACTO I

O interior do theatro de S. Carlos em noite de baile de mascaras

SCENA I

Alguns mascaras e publico: uns passeando, outros sentados, outros conversando para as frizas. D. Amelia e D. Thereza na primeira friza á direita, e Lobo na scena conversando com ellas. Varias pessoas pelos camarotes. O baile denota estar em principio. Pouco movimento.

D. Amelia (a D. Thereza)—Muito feio, muito velho... e muito tolo! Que tres prendas! (sorrindo).

D. Thereza—Bastava uma. E o seu papá queria que casasse com elle?!

D. Amelia—E' verdade (com desdem). Ora veja que semsaboria.

Lobo—Os paes, em lhes cheirando a dinheiro, são capazes de dar as filhas...

D. Amelia—Não... Bem sabe quanto o papá me estima... Como via um homem já de certa edade... arranjado, julgou que me convinha.

Lobo—Um usurario capaz de entregar a familia e a si proprio, se houver alguem que lhe dê juros por similhante capital.

D. Amelia—Pois sim, mas o papá ainda me não tinha obrigado.

Lobo—V. Ex.ª tem razão. E' seu pae...

D. Amelia—E seu, não? (com mimo).

Lobo—Assim o espero e o desejo. Mas por ora...

D. Thereza (a Amelia)—E não me dizia nada. Má! Então quando? Muito breve?

Lobo—Está isso dependendo...

D. Thereza—Do noivo ou da noiva?

D. Amelia—Do noivo.

Lobo—De mim! (rindo) E' verdade que eu...

D. Amelia—E' necessario lograr um para cazar com outro.
D. Thereza—Como?
D. Amelia—Diga.
Lobo—Se V. Ex.ª manda...
D. Amelia—Peço.
Lobo—E' mais que mandar.
D. Amelia—A sr.ª D. Thereza é nossa amiga deveras.
D. Thereza—Sempre o tenho sido (dá um beijo em Amelia).
Lobo—O sr. Sousa--o pae da sr.ª D. Amelia--sabia da nossa inclinação, e contrariava-a. Preferia o tal... o dinheiro do sr. Manuel José Barbante.
D. Thereza—E' o nome d'elle!
D. Amelia—E'. Agora, como a sua mania é parecer estrangeiro, já não quer que lhe chamem Manuel José, e em vez de Barbante, assigna *Barban*.
D. Thereza—Que miseria!
Lobo—Miseria que fez a nossa felicidade.
D. Amelia—Decerto.
D Thereza—Como?
Lobo—Porque a mão da sr.ª D. Amelia foi-lhe offerecida, e elle é que a não acceitou.
D. Thereza—Devéras?!
Lobo—Tão devéras que ao repudío do sr. Barbante é que devo as minhas esperanças.
D. Thereza (rindo) — Repudiou a minha joia? Que pena! Chorou muito?
D. Amelia—Ri muito.
D. Thereza—Pois... Mas por que a não quiz? Não lhe agradou?
D. Amelia—Diz que me estimou em outro tempo: porém que hoje estava resolvido a ficar solteiro, ou casar com estrangeira (rindo).
D. Thereza—Ah! Ah! Ah! (rindo).
Lobo—E diz... —disse-o deante da sr.ª D. Amelia e de seu pae—com isso é que elle foi ás nuvens: disse que preferia a mais insignificante estrangeira á melhor portugueza!
D. Thereza (com desdem)—Que tôlo!
Lobo—Isto então dito ao sr. Sousa... Não sei se V. Ex.ª o conhece, mas, n'essa parte, deve-se-lhe fazer justiça—é um portuguez ás direitas. Ficou desesperadissimo. Eu então aproveitei a aberta: pro-

metti desaffrontar o nome portuguez, disfructando formalmente o sr. Barbante; e o pae d'esta menina, já pela repulsa, já por fazer a vontade á filha... emfim, consentiu em que casassemos depois do derriço.

D. Thereza—O' sr. Lobo—um derriço mestre.

D. Amelia—Não lh'o recommende.

Lobo—Deixe V. Ex.ª estar...

D. Thereza—Já começou?

Lobo—Tenho andado em preparativos. Reparem logo para uma mascara de mulher vestida á turca... E' a noiva que eu lhe destino.

D. Amelia - Elle vem ao baile?

Lobo—Não póde tardar.

SCENA II

Os precedentes, uma mascara de mulher com o distico: Phrenologia, e diversos espectadores

A mascara é uma franceza magra, velha e com uma enorme cabeça descoberta, cheia de grandes lobinhos com varios disticos: palratividade, ladroeiratividade (esta no sitio vulgarmente chamado — cova do ladrão), pançatividade, etc. Entra cercada de diversos individuos, que a acompanham movidos de curiosidade A mesma se deixa vêr nas outras pessoas que estão pelos camarotes, etc.

D. Thereza (fala da mascara)—Vae celebre!

D. Amelia—Que cabeça!

Lobo—Tem cada lobinho do tamanho de bolas de bilhar!

D. Amelia—E tantos! Que quer aquillo dizer?

Lobo—Representa a Phrenologia. E' uma arte que ensina a adivinhar as propensões de cada um, apalpando-lhe a cabeça.

1.º Espectador (observando os lobinhos)—Que diabo de nomes!... pançatividade...

2.º Espectador -- Palratividade... ladroeiratividade (pondo-lhe a mão na cova do ladrão).

Riem.

A mascara tem dado volta e pára á bocca da scena—Depois de pausa:

Phrenologia:

A todos estes lobinhos
A sciencia chama *bossas.*
Umas finas, outras grossas,
Todas com seu appellido
Acabando em *ividade*
Para maior novidade;
Dizem: Este é trapaceiro,
Aquelle um fracalhão,
—Assassino—valentão...
Est'outro, que por um triz,
Não é todo elle um *x*,
Mathematico será.
Bem sei que este é morgado,
Muito rico e bem creado.
Não importa. Se na cova,
A que chamam do ladrão,
Tiver bossa—tem decerto
Unha na palma da mão.
—Aquelle, pobre engeitado,
Embora guardasse gado,
Tem a bossa do brazão,
Portanto, ha de ser Barão.
Emfim, o meu poder é de tal fórma
Que estando uma creança—salvo seja—
Co'a cabeça n'um bôlo, e q'eu a veja,
Conheço se tem queda para a dança,
Se ha de vir a ser magra, ou a ter pança.

Retira-se.

SCENA III

Os precedentes e Cunegundes

Lobo (vendo Cunegundes—para Amelia e Thereza) —Ahi vem a noiva. Com licença (vae ao pé de Cunegundes)—Então já?!

Cunegundes (mascarada de turca, fala estrangeirado)—O sujeitinho ainda não veiu?

Lobo—Não. Mas não póde tardar. Sente-se n'uma cadeira até elle vir.

Cunegundes—Approvo o conselho (dirige-se muito bandeada para uma cadeira, e senta-se).

Lobo (para a friza)—Então?
D. Amelia—Parece mocetona.
D. Thereza—E' mulheraça.
Lobo—Mas que carão!... Tem muito peso e pouco feitio.
D. Amelia—E devéras... E' estrangeira?
Lobo—E' franceza.
D. Amelia—Demais a mais?
D. Thereza—O velho enlouquece.
Lobo—Não importa.
D. Thereza—Mas, como a resolveu?
Lobo — Com promessa d'uma escriptura d'alguns centos de mil réis que Barbante lhe ha de fazer... Bem vêem que ella não perde nada. E' uma mulher ordinaria, e...
D. Theréza—E se elle não quizer?
Lobo—Quer, quer.
D. Amelia—Duvido. E' muito sovina.
Lobo—E' sovina com tudo quanto é portuguez. Não dá uma esmola—é verdade... Mas em se tratando de coisa estrangeira, é um perfeito caturra. Não fazem idéa... Leva a mania aos objectos mais insignificantes. Com isto o defino--não compra phosphoros sem a marca *Zolfanéli fosfórici* — da fabrica do José Osti.
D. Thereza } (rindo)—Ah! Ah! Ah!
D. Amelia }
D. Thereza—Como sabe isso?
D. Amelia—E' muito seu amigo.
Lobo—Tenho-me fingido com elle, de modo que me julga a melhor columna da estrangeirice. Se lhe disser que ponha albarda, porque é moda em Paris, estou que o faz (reparando). Concedam-me licença.
D. Amelia—Então já?
Lobo—Vou-me mascarar. Hão-de estar alguns amigos á minha espera...
D. Amelia—Então...
Lobo (cumprimentando)—Minhas senhoras... (vae-se)

SCENA IV

Os precedentes e um novo mascara, cercado de publico, vestido de Magico: roupeta talar, barrete conico e varinha na mão

Mascara (aponta para um camarote:)

Aquella d'olhos azues
E' o enlevo dos tafues;
Tem juizo, é muito dada,
Promette, mas não dá nada.

Para outro camarote fronteiro—canta:—musica facilima, que deixe perceber bem a lettra—uma especie de toada.

Aquelle dos collarinhos
No camarote fronteiro
Não tem casa nem officio
D'onde lhe venha dinheiro:
Entretanto—veste bem;
Faz papel de figurão.
—Ha quem diga que é ladrão.—

Para uma friza—recíta:

E aquellas duas cascatas
Carregadas de luzentes?
Falam muito, mas não mordem,
Coitadas! Se não têm dentes!

Para um camarote—recìta:

Camarote cento e cinco,
Menina com cada brinco,
No feitio—fuso, e fuso no tamanho,
Que namora com grande arreganho
Um á direita, outro á esquerda, outro em baixo,
Todos attende, e a todos dá despacho.
Ao mesmo tempo, e só com dois morrões,
Ninguem faz fogo em tantas direcções.
Deve ter aprendido d'artilheiro
O exercicio de peça e de morteiro.
E o que faz tafularia
Da pobreza e porcaria?

Que, com manta de lãsinha
Tapa o peito inteiramente.
Diz que anda assim mais quente,
Mas qual? A coisa é outra,
A razão é de camisa
Que ou está suja ou a não tem:
Querem um? Terceira friza.

Aponta.

SCENA V

Os precedentes e Barbanto

O mascara e publico retiram-se para o fundo—passeando. A orchestra toca alguma valsa ou contradança, mas ninguem dança. Algum movimento — Barbante, ridiculamente vestido, deita a luneta para os camarotes, etc.—passo grave e affectado.

D. Amelia—Vê aquelle figurão? (aponta para Barbante).
D. Thereza—Quem é?
D. Amelia—E' Barbante.
D. Thereza—O seu futuro que foi?
D. Amelia—O meu futuro passado (ri).
Cunegundes (apenas avista Barbante, levanta-se, e vem passear por pé d'elle).
Barbante (depois de a fixar, vae-a seguindo).
Cunegundes (áparte) — Está commigo (fala estrangeirado).
Barbante (áparte)—A tal turcasinha mexe-se menos mal
Cunegundes (deixa cahir o lenço).
Barbante (apanha o lenço e entrega-lh'o) — Este lenço...
Cunegundes (com fala estrangeirada que sempre conserva)—Obrigada, senhor (continúa a passear).
D Thereza } (Riem).
D. Amelia }
Barbante (áparte—com interesse) —Parece-me estrangeira (alto) Vossencia... veiu tambem... enriquecer o baile com seus encantos... (escarra).
Cunegundes—Está pouco animado o baile...
Barbante — Ha de perdoar — Vossencia é estrangeira?
Cunegundes—*Oui.*

Barbante—Por isso V. Ex.ª veiu ao baile. Eu tambem aos bailes *masqués* nunca falto. E' coisa vinda de França, e tanto basta... Realmente não ha nada mais divertido: os conhecidos sem se conhecerem; os maridos namorando sem que as mulheres o saibam, e vice-versa; o gallego vestido de general: o fidalgo de lacaio; os homens de mulher, e as mulheres de homem.. A confusão mais completa de gerarchias e sexos... que variedade! que invenção! Oh, por isso V. Ex.ª veiu: porque é estrangeira e conhece o que é bom, porque... V. Ex.ª é mesmo turca?
Cunegundes—Nada. Nasci em França.
Barbante—Em França?
Cunegundes—A' Paris.
Barbante—Em Paris! E' ouro sobre azul (áparte, piscando o olho) Já a não largo. (alto) Eu logo vi.
Cunegundes—Pela fala, non?
Barbante—Por muita coisa. Conheci a pela pinta.
Cunegundes—Não comprehendo.
Barbante—Esse ar... os modos... Um tal *gagé*, que se conhece á legua (fazendo cara de basbaque).
D. Thereza (para Amelia)—O' menina, olhe aquella cara de basbaque! (designando Barbante).
Cunegundes—Oh! senhor portuguez!—muito lisonjeiro!
Barbante (assucarando-se) — O genero lisonja não está marcado na pauta da alfandega do meu coração. Acredite.
Cunegundes—Para que quer que o acredite? (com desdem).
Barbante—Pois quê?! Oh! (áparte) Agora é que calhava uma fineza de truz. Mas esta excommungada lingua portugueza não dá... Isto não é lingua, é linguado.
Cunegundes—Confundiu-se?
Barbante—Nada. Queria responder com delicadeza, mas cá a nossa linguasinha parece de ferro. Tudo é pão, queijo, batatas, e disse. Oh! francez, francez! Cada palavra é um torrão d'assucar.
Cunegundes—Se quer falemos em *franciú*.
Barbante (áparte)—Que vergonha (alto) Eu sei. . aprendi com... porém... uma conversação não aguento. Mas juro-lhe que me não salvo sem falar

bem francez. Já por causa d'isso estou resolvido a casar com uma franceza.
Cunegundes (compondo-se com desgaire)—Sim?...
Barbante (contemplando-a—áparte, enthusiasmado) —Oh! *mon Dieu de la France!* que o de Portugal não vale uma de *x*. Sempre é muito catita!
Cunegundes—Vive, senhor (retirando-se).
Barbante (offerece-lhe o braço)—E' servida?
Cunegundes—Eu...
Barbante--Em França não se dá o braço?
Cunegundes—*Si*... Mas não sei se em Portugal... Bem sabe que a reputação é o *bijou* das mulheres.
Barbante (áparte)—Quanto não vale aquelle *bijou?* E' de cahir o queixo ás migalhinhas (alto) Não tem que recear. Sou um homem conhecido. Não se repara (offerece o braço).
Cunegundes—Então .. (dá-lhe o braço).
D. Thereza—Deu lhe o braço.
D. Amelia (na friza)—Que par de França.
Barbante (áparte) — Coitadinha! E' a pomba nas unhas do milhafre! (passeiam).

SCENA V

Os precedentes, varios mascaras e publico

O baile torna-se mais concorrido. A orchestra toca contradanças—Alguns pares executam. Entram varios mascaras —um todo vestido de bandeirinhas com o distico — Ando com o vento.—Um grupo de publico analysando.

Um do publico — Olha aquelle vestido de bandeirinhas.
Outro—Que diz o letreiro?
Outro (affirmando-se)—Ando com o vento.

(Entra outro mascara vestido de anjo por deante e diabo por detraz. Volta-se de vez em quando.)

Outro—E esta?
Outro—Por deante é anjo, e por detraz diabo.
Outro—Que é?
Outro—E' a politica.
Outro (para outro que entra — rindo) — Cá vem outro!

(Entra outro mascara. Um velho, gordo, d'oculos, passo grave; chapeu de tres bicos, de cothurno em um pé e sócco no outro. Um enorme livro com capa de pergaminho deitado ao pescoço, e por fóra sobre a capa--*Frei Bernardo de Brito.*--Cajado na mão; d'este, uma borracha de vinho pendurada com o titulo--*Dithyrambo.*--Um surrão ás costas, com o titulo -- *E'cloga.* -- Cabelleira empoada; espada preta; calção e meia; casaca direita.--Varios ditos do publico—Que diabo significa isto?—Que trapalhada!--E' celebre!, etc.)

Barbante (proximo do mascara—para Cunegundes) —Que ratazana!

Mascara (depois de pausa — cantando muito o verso:)

Sou classico: não tem que perceber.
Cothurno e sócco nos pés me hão-de vêr.
Na cabeça

Abaixa-a e mostra o chapeu a Barbante.

Barbante, vê se vês
Representar aqui em bicos tres
As unidades? Columna em que descança
Do classico theatro a gran chibança.
Vês este cajado, este surrão?
E não sentes—ribeiro mansarrão
Murmurando por entre alvas conchinhas?

Aponta para a borracha.

E de Baccho não vês louras pinguinhas?
A E'cloga não vês, o Dithyrambo?!

A Barbante.

Curva-te, môno. Assim—o corpo bambo.

Obrigando-o a curvar.

Beija esta chronica (executa) Anda;
O' Frei Bernardo!
Bem sei que o não merece este javardo,
Que jurou em seu alto pedantismo
Morrer pronunciando um gallicismo!
Perdôa-lh'o, que o não faz por velhaco.
E' por moda, coitado, é por macaco!

Dá uma cacholeta em Barbante, e safa-se—Todos riem.

Barbante (querendo seguil-o)—Brejeiro! Espera...
Cunegundes—Então! Não faça caso.
Barbante—Deante d'uma estrangeira! Peço mil desculpas...
Cunegundes—De quê?
Barbante—Que quer V. Ex.ª? Se estes portuguezes são grosseiros até com mascara!
Cunegundes—Ao contrario. Este mascara pareceu-me de muito espirito.
Barbante—Lá em Paris tambem usam d'esta... (emendando) d'este... d'isto?
Cunegundes—Pois não... Muitissimo.
Barbante—Então bem, bem. O mascara, como diz, era de espirito, era... Talvez seja estrangeiro (dá o braço a Cunegundes, e vae passeando com ella).

SCENA VI

Os mesmos, outro mascara (o Critico) e publico

Critico:

Não vêem, na ordem nobre,
Um sujeito impertigado?
E' mais que doutor formado
Em altas genealogias:
Sabe o grau de parentesco,
Entre a casa de Sardenha,
E o lagarto da Penha:
Sabe quantas cortezias
O Grão Turco deve ter,
Se algum dia cá vier.
Na etiqueta é uma nata;
Diz elle que é diplomata!

O grupo de publico que o ouve, ri.—O mascara continúa:

Agora, vou baixar a pontaria;
Não é bem que só um sempre ria.

O grupo começa a desfazer-se.
A um velho que ri:

Tu, em vez de caçoar,
Porque não vaes para casa
Mulher e filhos guardar?

A um rapaz vestido com certo desalinho:

Você lá, meu estudante,
O seu unico defeito
E' ser cábula perfeito.

A outro, pondo-lhe a mão no hombro:

Não havia que arranhar
Se lhe tirassem a manha,
—Má mánha de criticar—

A outro, de grandes barbas e bengala (recita).

Fala muito em covardia
E' a sua valentia!

A outro.

Este, que foi por tres vezes
Ao theatro do Rocio,
Dá voto nos entremezes
Nas comedias e nos dramas,
Critíca peças a fio,
Inda mesmo as que não viu!

A um militar.

Este? Nasceram-lhe os dentes
Entre cavallos de raça:
Nos lanceiros sentou praça,
Tem annos de picaria!
Mas parece judiaria,
Que, ou monte em sella ou em osso,
Cahe logo pelo pescoço!

A outro.

Fala muito em poesia,
Levou mais de meio anno
Em buscar um consoante,
Para a palavra tyranno,
E por fim achou—tutano—.

A um taful de paletot e luneta fixa.

Quando andava de jaleca
Com os cotovêlos de fóra,
Era tão cumprimenteiro,
Tão humilde... Mas agora?
Apenas teve dinheiro?
Coitadinho! mette dó!
Fugiu-lhe a vista dos olhos
P'rá gola do paletot!

Não vê nada sem luneta,
Pisca o olho e faz careta!

Militar:

E de ti não dizes nada?

Critico: (canta)

Não quero principiar,
Receio não acabar.

Váe-se.

SCENA VII

Os precedentes, menos o Critico e um novo mascara

Barbante e Cunegundes, até agora passeando no fundo, véem mais para a scena. Alguns pares valsam ao som da orchestra, e n'isto entra o mascara que todos admiram.

Cunegundes (ao ver o mascara)—Oh!... Aqui vem...
Barbante (ao pé da mascara)—Bravo ! Que *tutti-li-mundi!*
Mascara (a Barbante)—Os ursos tambem falam?!

(O mascara veste de cavalleiro, armas negras—capacete com uma aguia em cima, tudo de egual côr. Um collar de punhaes ao pescoço. Um cinto, d'onde pende, de um lado uma collecção de livrinhos em 32, com o titulo «Manual», etc., e do outro um bandolim. Um orgão ás costas. A cara com um só olho na testa, orelhas enormes e um nariz similhante, no feitio, á tromba de elephante. A bocca em acção de rir. Cabelleira á *saint-simonier*).

Barbante—Diz o que quizeres que me não esquento. (Ri.)

Mascara:

E's velho, feio e tôlo,
Com dinheiro e sem miôlo.

Cunegundes (ri muito)
Barbante (ri-se muito para Cunegundes)—Tambem é de espirito, hein?
Cunegundes—Certamente.

Barbante—Quem és tu?

Mascara:

Sou mui nobre cavalleiro,
Monto meu corcel fouveiro,
E já fui á Palestina,
Terra muito papa-fina.
Capacete e acicates,
Trago-os sempre commigo,
E chamo-me D. Rodrigo.
A minha lyra,
O som que tira
E' só d'amor:
Sou trovador.
Sei menos mal o francez.

Barbante (áparte):

E' o que t'invejo, magano.

Mascara (continuando):

E levei menos d'um mez
A aprender as Bellas-Artes.
Da gothica architectura
Por miudo sei as partes:
A ogiva, o coruchéo,
Galilé, e botaréo.
— Sciencias e artes, e ainda muito mais,
Estão encaixados n'estes manuaes:
Manual do poeta,
Dito do sapateiro,
Funileiro, remendeiro,
Albardeiro, passareiro,
Manual do caurineiro,
Manual do estrangeiro...

Barbante:

Quanto custa esse?

Mascara:

Pouco dinheiro.
Manual do carniceiro...
Manual do mundo inteiro!

A Barbante.

Agora Sabes quem sou?

Barbante—Sei que falas francez, que vendes o manual do estrangeiro, e que sabes architectura exotica, na galé.

Mascara:

Forte bruto me sahiste!
Sou *Romantico*—papalvo!
Não sabes qual é o chiste,
O poder do romantismo!
Sóbe ao céu, desce ao abysmo,
N'uma cousa que elle chama
Shakspeare ou o drama
Onde ha mosquitos por cordas:
Portas falsas—cem ou mais,
Um quarteirão de punhaes.
Duzia e meia de vinganças,
Orgão, xácaras e danças.
Muitos quadros sem moldura,
E veneno com fartura.
Romantico é correr á redea solta . .

Barbante:

Pois o romantico é cavallo?!

Mascara:

Cavallo, sim, cavallo intelligente,
Que embora ande ás vezes aos pinotes,
Tem levado á parede muitos zotes,
Que só vêem sciencias em gente morta;
Que não querem passar da cepa torta.

Barbante:

De que terra é o romantico?

Mascara:

Não se sabe onde nasceu.
Ha quem diga que é judeu.

Barbante:

Lá me parecia, que era de fóra.

Mascara:

O romantico, emfim, é um mysterio,
Aquillo que sabe fóra do commum:
Muito sangue, muita morte, e muito pum!
Por exemplo: um homem quer casar:
Não anda anno e dia a namorar,
Com lenço no nariz nunca assoado,
Quebrando esquinas, palmilhando lama.
Vê a moça e logo diz: Amor é chamma,
Bate-me o coração como onda brava!
Tenho o meu sangue em brasa! O peito é lava!
Os demonios me levem se lhe minto!
Afogado eu seja em vinho tinto!
Agrada-me esse rosto peregrino.
Quer unir ao meu o seu destino?
N'uma palavra. Quer casar commigo?
E' dito e feito Nós outros, amigo,
E' ver, gostar, pedir, casar, gozar.
O amor entra sempre de repente;
E o melhor é gosal-o ainda quente.

Aperta a mão a Barbante, e retira-se.

SCENA VIII

Os precedentes menos o mascara

Cunegundes—Viva, senhor (retirando-se).
Barbante—Então já?!
Cunegundes—E' muito tarde.
Barbante (vê o relogio)—São tambem as minhas horas...
Cunegundes—Peço que me não acompanhe.
Barbante—Irei atraz como cãosinho de fralda.
Cunegundes—Ninguem deve saber a minha morada.
Barbante—Irei só até o largo das Duas Egrejas.
Cunegundes—Nada.
Barbante—Pois nem até o chafariz do Loreto?
Cunegundes—Tambem não. Vou para as bandas do Terreiro.
Barbante—Então acompanho-a até o Caes da Moita. Não me tire um direito que já é meu.
Cunegundes—Como?!

Barbante — Sim. Não lhe disse que se podia descobrir commigo? Que podia acreditar as minhas palavras como se fossem soberanos de cavallinho.
Cunegundes—Tamanha zombaria... Não se póde...
Barbante—Zombar! Eu! O vosso fiel Barban! Se eu zombo, permitta Deus que este semestre não se paguem os juros das apolices! Só o bem que V. Ex.ª pronuncia o meu nome! Barban! Esta canalha portugueza accrescenta-lhe sempre um excommungado *t-e—té*... Um homem lá para elles é o mesmo que um cordel! E' atroz! Por isso, e por muito mais é que eu estou resolvido a deixar Portugal. Já lh'o disse (ridiculamente terno) Mas... não queria ir só. Queria um divisor para este dividendo... queria.. (áparte) Vá romantico com mil canecos (Alto) O amor é uma chamma de vinho tinto... Os demonios me levem se minto... Tenho o sangue como mar bravo! O peito... o coração... N'uma palavra: quer casar commigo?
Cunegundes—Quero.
Barbante (beija-lhe a mão)—Ah!
Cunegundes—Com uma condição.
Barbante—Qual?
Cunegundes—Casarmos immediatamente.
Barbante (dando-lhe o braço) — Valeu (parando) Mas... agora estão as egrejas fechadas!
Cunegundes—Isso depois. Comtanto que se façam as escripturas...
Barbante—A' meia noite?
Cunegundes—Por isso mesmo. Accorda-se o tabellião, e paga-se o dobro, ou o que elle quizer. Verá os periodicos todos a falarem do nosso casamento. Aposto que lhe chamam romantico?
Barbante (rindo aparvalhadamente) — Romantico, hein? E' verdade... Lembra bem. (áparte) Isto é de morrer...
Cunegundes—Que dia é hoje?
Barbante—Quarta-feira de Cinza.
Cunegundes—Um dia de procissão. Optima circumstancia. Casamos á franceza.
Barbante—Sim?
Cunegundes—O bom tom de Paris escolhe sempre os dias de procissão.
Barbante (enthusiasmado)—Bravo! Cazar á romantica e á franceaa! E' matar d'uma cajadada dois

coelhos! Vamos (dando-lhe o braço. — O Critico vem-lhe ao encontro).

SCENA IX

Os precedentes e o Critico

Critico:

Venha cá, senhor Barban,
Deixe vêr a sua mão.

Analysa-a — gira no ar com a varinha, olha para o céu, etc.

Celeste constellação,
E tu, sonoro tan tan,
Dae-me vossa inspiração.

Barbante—O senhor adivinha?
Critico:

Vou dizer quem é você,
Melhor que Chevalier.

Barbante—Sabe muito, mas anda a pé.
Critico:

O teu pae—Manuel José.

Barbante (zangado)—Vamos (para Cunegundes)
Critico (detendo-o:)

Não te vás, que se te fôres
Digo que teu pae e avô
Não passaram de tambores.

Barbante (quer falar).
Critico:

Que juntas cabello e suissa,
Tornando cabeça humana
Em cabeça de nabiça.

Barbante—Cala te.
Critico:

Falarei agora sério,
E verás o teu futuro

Claramente—sem mysterio—
Cazarás, Barban ditoso,
Com guapa mulheraça,
Mais gorda que uma fataça,
Vinda em barco da carreira,
De Paris—terra estrangeira.

Retira-se.

Barbante—Bravo, bravissimo! (batendo as palmas e falando aos ouvidos de Cunegundes).
Cunegundes (rindo)—Certamente.

SCENA X

Cunegundes, Barbante e Lobo

Lobo—Caro Barban.
Barbante—Olá (para Cunegundes). Um instante de permissão...
Lobo (áparte a Barbante) — E' algum engajamento?
Barbante (áparte a Lobo)--Cala-te. Vou-me cazar.
Lobo—Parabens! Era namoro antigo?
Barbante—Qual! Vi-a depois pela primeira vez. A bem dizer ainda não a vi.
Lobo—Isso é o mais romantico que dar-se póde—o mais francez!
Barbante—Ah! maganão, você tambem entende d'horta?
Lobo—E' portugueza?
Barbante—Portugueza! Eu! Essa pergunta escandalisa-me. E' franceza, e de Paris!
Lobo—Paris! A nata da elegancia! Tenho te inveja.
Barbante—Pois olha... (chucha no dedo).
Lobo—Que edade tem?
Barbante—Não sei.
Lobo—Nem é preciso. Logo se vê pela certidão de edade.
Barbante—Agora o que eu quero é que vás a minha casa, e dês todas as providencias para uma recepção brilhantissima.
Lobo—Gaste-se o que se gastar.
Barbante—Mas tudo cá do nosso... Estrangeirinho. estrangeirinho.
Lobo—Está visto (áparte). Pedaço d'asno.

Barbante—Entende-se (dá-lhe uma chave). E' da gaveta da escrevaninha. Tem lá 100 libras esterlinas.

Lobo—Posso gastar tudo?

Barbante—Tudo! Sendo preciso... Emfim, mais vale um gosto que quatro vintens. Vão-se os juros, mas fique o capital (apontando para Cunegundes). Adeus (dá o braço a Cunegundes e retiram-se).

Lobo (contemplando-os)—Que raça de bicho sahirá d'aquelle casal?

Quando Barbante e Cunegundes vão para sahir, uma mascara que vem entrando, vestida de mulher, muito gorda e com o distico--Hydropathia—, atravessa por entre os dois e diz:

Com suor e agua fria
Cura tudo a hydropathia.

Dizendo isto esguicha agua para differentes lados, e principalmente sobre os dois.—O publico ri.—Musica.

Cae o panno

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Sala armada por modo extravagante e rico. Cortinas de seda e veludo de muitas côres: alcatifas diversas. Cada porta armada com sua côr e gosto differente. No fundo um enorme retrato de Napoleão. Cabeças de diversos animaes pelas paredes, servindo de serpentinas. — Uma grande meza de bicos ao meio, com um buraco no centro, por onde sae um tocheiro com o competente brandão acceso, etc. Uma especie de throno com duas tripeças á direita, com seu docel. Outra meza exquisita á esquerda e sobre ella uma escrevaninha.

SCENA I

Um armador n'uma escada de mão pregando algumas cortinas. Um carpinteiro acabando de fazer os bicos á meza. Um criado, de libré exotica, accendendo as luzes. Lobo tirando diversos fatos d'um caixão e pondo-os separados no chão. — Ao levantar do panno cada um está occupado com o que lhe cumpre.

Armador, Lobo e um carpinteiro

Armador (desce a escada—A Lobo)—Prompto.
Lobo (deixa os fatos)—Quanto é?
Armador—A armação da casa e aluguer do fato...
Lobo—Tudo.
Armador—São quinze soberanos.
Lobo (tirando o dinheiro d'uma bolsa—conta) —Quatro, oito, dezeseis (dá-lh'os).
Armador—São quinze.
Lobo—Acceite e cale-se. Não dá licença que seja generoso?
Armador--Pois não.
Lobo—Adeus. Se falar com o sr. Barbante, diga-lhe que é inglez, grego, turco inclusivamente, mas não diga que é portuguez. Tome conta.

O carpinteiro acaba o trabalho.

Armador—O que quizer (retira-se com a escada).

Lobo (ao carpinteiro)— Acabou? (dando-lh'o) Aqui tem um soberano. Passe bem.
Carpinteiro – Deus lhe dê saude.
Lobo—Ouviu? Você naturalmente é portuguez ..
Carpinteiro—E tenho muita honra n'isso.
Lobo—Mas se o dono da casa lhe perguntar, diga-lhe que não.
Carpinteiro—Lá isso não digo eu.
Lobo—E' que o dono da casa só dá valor ao que é feito por estrangeiros; e se eu lhe disser que foi um carpinteiro portuguez quem arranjou o estrado e a meza, ha de achar muito o dinheiro que lhe dei.
Carpinteiro—Pois senhor, em consciencia: O meu trabalho não valerá tres pintos? Desconte vocemecê o que me deu a mais, e estamos correntes, (dando-lhe o soberano).
Lobo (áparte) Gósto do homem (alto). Mas você por dizer que não é portuguez, não deixa por isso de o ser.
Carpinteiro—Pois havia de dizer o que não é?! dando o dinheiro.
Lobo—Guarde, não seja creança.
Carpinteiro—Está dito. Eu cá não vendo o meu nome por dinheiro nenhum.
Lobo—Ora toque.
Carpinteiro—A modo que o senhor zomba?...
Lobo—D'este modo (dá-lhe outro soberano).
Carpinteiro (rejeitando)--Então!...
Lobo—E' para que veja se gósto dos portuguezes que o são devéras.
Carpinteiro—Agradecido... Cá a gente diz o que sente (retira-se).
Lobo—Adeus... (só)—Agora é que eu digo que ainda ha portuguezes de lei... Mas é pena que se vá extinguindo a raça.

SCENA II

Lobo e aguadeiros gallegos

1.º gallego (da porta)—O' zenhôr. Ahi bem a xente.
Lobo—Entrem, rapazes.

Entra um grande aumero de gallegos.

Lobo (rindo)—Eia com os diabos! Ficou deserto o chafariz do Carmo. Vocês contentam-se com um soberano cada um? (começa a escolher fatos.)
Todos—An! Xim xenhor (sorrindo.)
1.º gallego (a outro)—Olha se tu num bens!...
2.º gallego (ao 1.º)—Ah! ladran, que te dá o faro!
3.º gallego ao 1.º—O' Manel. D'esta vez sempre se merca uma geira de terra, hein?
1.º gallego—Ah! que xempre te digo.. que xe num debêra ao abbade o baltisado do meu cachopinho...
2.º gallego — Bô! O abbade que num tenha pressa.
1.º gallego—Num que elle xe m'apanha na terra bibo, faz-me ir a confesso e num me deita a absolviçom. Nada de chanças!
2.º gallego—Baia! que o teu abbade é home de resserba!
1.º gallego—Que dixes, bruto? E' um xantinho. Bonda o que elle ha feito á minha Luxia! Aquillo é como que fôra pae de nossos cachopos!
Lobo (apartando quatro gallegos, e dando um fato de mouro a cada um)—Vocês quatro são mouros. Vão-se vestir lá para dentro. Andem (a outros dois, dando-lhes os fatos) Tu e este vão de diabos. Toca a vestir (a outros quatro, inclusivè o 1.º gallego) Anjos (dá os fatos). Vamos.
1.º gallego (com o fato na mão)—Eu d'anxo é que...
Lobo—Querias ser demonio!
1.º gallego—Tanto monta, mas... é que num me xei haber co' esta dança (designando as azas).
Lobo—Os outros que te ajudem a vestir.
2.º gallego—Num tem dubeda. Deixa tu estar que nós te albardamos.
1.º gallego—Eu d'assas... é que num bou... Se quizer um anxo sem assas...
Lobo—Anjo sem azas! Então como has de voar?
1.º gallego—Boar! Nam que o Manel de Ridondella tem muito amor ao cadable.
2.º gallego (ao 3.º)—O' André. Anda tu d'ahi.
3.º gallego—Prompto.
2.º gallego (a Lobo)—Bae o André! Olhe (designa o 1.º gallego) que co'aquella peceta num atira a limpo Aquillo marra como touro.
Lobo—Pois vá o André (dá-lhe o fato). Vão-se arranjar (para o 1.º gallego) E de soldado queres ir?
1.º gallego—Agora isso...

Lobo—Soldado, sim? hein? Lá me parece que tens cara d'arreganho.
1.º gallego—Num bê que tenho o costado mais affeito...
Lobo—Já foste da tropa?
1.º gallego—Aquaxe todal-as noutes.
Lobo—Então és morcego?
1.º gallego—Num xenhor. Ando d'escriptura em San Carlos.
Lobo—Olá! Estás escripturado. Que voz é a tua? (rindo).
1.º gallego—Boz!
Lobo—Sim. Cantas fino ou grosso?
1.º gallego—Eu no chafariz faço xempre a prumeira.
Lobo (dando fatos de soldados aos gallegos)—E' tenor gallego. Ora ahi temos algum Tamberlik encoberto. Pois vae de soldado. Anda. E vocês tambem. Todos de soldado. Viva o marcialismo gallego.

SCENA III

Lobo e Barbante

Creado—Ahi vem o sr. Barban.
Lobo—O' diabo! Tão depressa... (vae á porta do fundo) Mas... vem só!
Barbante (entra muito esbaforido)—Ah!
Lobo—Então que é isto? E a franceza?
Barbante—Deixa-me, homem. Estou embatucado que nem que comesse um cento de marmelos. A franceza... a minha franceza—que assim lhe chamava já—foi-se!
Lobo—Morreu?!
Barbante—Não. Fomos ao tabellião... Ella não quiz subir. Disse-me que esperava, mas qual? Demorei-me alguma coisa, e quando voltei... era d'uma vez!
Lobo (áparte)—E' celebre!
Barbante—Aquillo escandalisou-se. Não foi outra coisa. Fui-lhe falar na certidão d'edade, e tomou a coisa em trambôlho. Ella teve razão, teve razão.
Lobo (áparte)—Só se lhe esqueceu a certidão, e foi buscal a (alto) Ora essa...
Barbante—Duvidei da sua palavra. Que grosseria!...

Bem se diz que o que o berço dá a tumba o tira. Nasci bruto; e já agora hei-de-o ser toda a vida. Ah! Eu com o peixe quasi fisgado, e deixal-o ir! E então peixe francez!

Lobo—Mas viste bem? Procuraste-a?

Barbante—Pois não... Corri a rua de banda a banda. Os frades de pedra, os cães vadios... tudo me parecia ella. Emfim, até por desgraça tive de pagar um taboleiro de pão amassado que ia para o forno!

Lobo (áparte)—Pobre diabo!

Barbante—Levava-o um moço á cabeça, cuido que é a franceza, e atiro-me com tal violencia, que foi moço e taboleiro de ventas á lama. O homem grita; corre a patrulha e ainda em cima de pagar, estive por uma unha negra a ir parar á casa da guarda. Ora vê tu... Assim mesmo, ainda tive uma fortuna. Paguei o pão com o desconto de 5 por cento.

Lobo—O peor é que a despeza está feita. Armação da casa... (mostra-lh'a).

Barbante—Nem me lembrava (analysa). Parece armação d'egreja E quanto?

Lobo—Armação da sala e fatos—20 libras.

Barbante (pondo as mãos na cabeça)—Noventa mil réis! Mil e quinhenias moedas de tres vintens! Ai!

Lobo—Mas bem vês que isto são sedas frouxas, estampadas em Buenos-Ayres — o mais fino do tom —e depois o armador não é para ahi nenhum Fuas Roupinho; foi Mr. Filet. um homem que manda armações para as primeiras casas da Europa.

Barbante—Emfim... (olhando para a mesa) Que é isto?

Lobo—Que tal?

Barbante—Tambem é obra do Filet?

Lobo—Não. Isto é obra de carpinteiro.

Barbante—Quanto?

Lobo—Bagatella—duas libras.

Barbante (áparte)—Fico arrazado (alto). Era estrangeiro?

Lobo—Não.. com a pressa...

Barbante—E levou duas libras por quatro bicos? Se fosse inglez...

Lobo—Nasceu cá, mas foi educado em Londres.

Barbante—De mal o menos.

Lobo—Além d'isto, ha ainda 12 gallegos...

Barbante--Pois tambem compraste gallegos?!
Lobo—Não. Aluguei-os a uma libra por cabeça.
Barbante (suspira)—Ah! Para que me fui eu metter na bocca do lobo!
Lobo (formalisando-se) — Quê! Se alguem tivesse a ousadia de soltar similhante expressão em qualquer terra estrangeira, não era preciso mais para lhe pôr immediatamente as tripas ao sol. Não lh'o faço porque estou em sua casa, mas exijo uma satisfação. Está desafiado.
Barbante (com medo) — O' meu Lobinho. Não desconfies.
Lobo— Tenho dito.
Barbante (ameigando-o)--Então...
Lobo--Vamos. Escolha arma.
Barbante (temendo)—Tu bem sabes que nunca dei um tiro... que não tenho armas em casa... Se eu até fecho as portas com ferrôlho, por ter ouvido dizer que o diabo disparou uma tranca!
Lobo—Não acceita o desafio?
Barbante—Só se fôr um desafio a contar dinheiro: libras, francos, mexicanas.
Lobo—O senhor zomba? Covarde.
Barbante—Chama me o que quizeres, mas dá-me esse abraço (abraça-o). Tomas logo a palhinha no ar!
Lobo—Pois tu vaes-me tocar em pontos d'honra? Ainda em cima de me ter cançado... Posso continuar?
Barbante--Pois não fizémos as pazes?!
Lobo—Falo na despeza.
Barbante (aparte)--Ainda mais!
Lobo--Então?
Barbante--Não te arrenegues, homem. Eu bem sei que não tens culpa Mas, a falar a verdade, ficar sem mulher e sem dinheiro! E' duro, não é?
Lobo—E'. Mas posso continuar?
Barbante (suspira)—Continúa.
Lobo—Musica, comida e diversos objectos—estrangeiros—que ainda não vieram—50 libras.
Barbante—Cincoenta! Já não é possivel.. Adeus, credito... Faço bancarrota!... (encosta-se desfallecido). Ah!
Lobo—Além d'isso...
Barbante (dando um pulo)—Pois ainda...

Lobo—Convidei D. Amelia, seu pae e D. Thereza, e alguns amigos meus. Pareceu-me que fazendo-os servir de testimunhas do teu casamento com uma estrangeira, lhe pregavas uma boa peça!
Barbante—E agora?
Lobo—Não devem tardar.
Barbante—Escarnecem-me ainda em cima! Que vergonha!

SCENA IV

Os dois e creado

Creado (entra com uma carta)—Uma carta para v. s.ª (entrega-lh'a e retira-se).
Barbante (lê)—A mr. Barban (abre-a e corre-a com a vista)—E' d'ella! Cá está!... Olha .. (mostrando-a a Lobo) Cunegundes!
Lobo—Que diz?
Barbante (beija a carta)—Cunegundes!. . Deixa-me beijar este nome augusto! (lê) Barban... (representa) Já me trata por tu a cachorra! (lê) Julguei que para tornar mais romantico o nosso casamento me devia safar. Agora que has-de ter rabiado em minha procura, participo-te que não tarda que vá ter comtigo (representa) O' momento delicioso!..
Lobo—Então fiz bem?
Barbante—Fizeste e mais que fizeste. Vamos a isto Toca a pôr tudo em ordem (abraça Lobo).
Creado—Chega a musica.

SCENA V

Os precedentes e musicos

Entram varios musicos, um com zabumba, outro com tambor, etc.

Barbante (influido)—Bravo, bravo! O meu casamento não ha de dar brado: ha de dar um bradalhão!
Lobo (áparte aos musicos)—Finjam que não entendem portuguez.
Barbante (aos musicos)—O' rapazes. Vocês sabem tocar alguma modinha franceza?

Lobo—Não entendem portuguez. São estrangeiros da gemma.
Barbante—Da Gemma ? Para onde fica a Gemma?...
Lobo —Na costa d'Africa (áparte a Barbante) E' a musica da fragata franceza... Foi o tenente Dondon, um official meu conhecido, que a mandou... N'isto é que se gastaram as taes 5o libras, e nas comidas, vinhos, licores, etc. Tudo veiu de bordo. Tudo é estrangeiro.
Barbante—Viva o Lobo. Dá cá essa beijoca.
Lobo (aos musicos)—*Savez vous faire un tour de Marseillaise?* (baixo) Sabem de cór a Marselheza ?
Musicos—*Yes!*
Lobo—Tocam a Marselheza.
Barbante—Bello! Optimo!
Lobo (baixo aos musicos)—Vão para dentro (alto) *Allons* (os musicos entram).
Creado (com uma canastra cheia de louça com comida, algum vinho, etc., e um sacco).
Lobo—Dá cá (pega no sacco). Põe isso na mesa, e leva a canastra (o creado põe a mesa).
Barbante—Vem de bordo, hein?
Lobo—Tudo (tira umas botas de montar, dentro do sacco)—Estas são as botas com que elle andou.
Barbante—Quem?
Lobo—O tenente Dondon. Anda... calça-as.
Barbante—Botas de montar... para casa?!
Lobo—Certamente, é moda, porque eu mandei-lhe pedir o seu melhor fato de andar por casa.
Barbante—E' de um francez e basta (calçando as botas) O diabo é se ellas me não servem.
Lobo—As botas francezas servem a toda a gente.
Barbante—Isso agora é maranhão.
Lobo—Não vês que são feitas por geometria.
Barbante (acabando de calçar)—E servem me!
Lobo—Podéra não! (áparte) Se são as botas com que vae á caça! (tira do sacco uma alva e dando-lh'a) Que roupão tão catita!
Barbante—Parece uma alva.
Lobo (áparte)—E não se engana. (Alto) Assemelha-se alguma cousa. Ha-de ser algum trajo de frasqueiro romantico. Como um dos maiores capitulos do romantismo é a Egreja... (ajuda-lhe a vestir a

alva, ata-lhe o cordão á cintura e levanta a alva de modo que se vejam as botas.) Assim.

Barbante (mirando-se)—Está na conta, hein?

Lobo (tira uma capella de flores de dentro do sacco) Falta a corôa (põe-lh'a na cabeça).

Barbante—Emfim...

Lobo—E então flores do nosso compatriota Constantino—do rei dos floristas!

Barbante—Nosso?

Lobo—O de França.

Barbante—O nosso compatriota francez?

Lobo—O mesmo. Deixa ver se estes monos se arranjam (sae).

Barbante (passeia só)—E' verdade que tenho gasto muito; mas ao menos hei-de dar que falar em todo o Portugal (com desdem). Tambem para isso, não era preciso tanto ... um reino que se anda em tres saltos de pulga . A coisata ha-de soar mais longe (analysa a casa) Que elegancia!... que bom gosto! Fosse lá um pé de boi d'esta terra fazer isto... Corto a cabeça (analysa a mesa) Não está má: mas bem se vê que o tal carpinteiro tinha costella portugueza. Oh ... meia costella que elle tivesse havia de apparecer nas suas obras (olha para si). E este trajo! De um gosto inteiramente novo! (concertando-se) O *rcbe de-chambre* branco: as botas pretas.. que acerto! que lindo contraste de côres! (enthusiasmado) Ah! quem me déra já vêr pizando lama de Paris com uma franceza — uma elegante pelo braço — ouvindo de toda a parte aquelles meigos (affectando) *Monsieur*, *demoiselle*, *bon-jour*, *oui*, *lá-lá*... vêr aquelles palacios... as tropas marchando ao som d'aquelle divino (canta e marcha)—*En avant marchons, en avant marchons*. Contemplar aquelle céu, não um céu azul como o de cá, mas um céu ennevoado, sombrio; um céu, que é especie de toldo que a natureza sómente concede ás terras predilectas, para commodidade dos seus habitantes. E o sol!... que differença! O sol de Portugal é um sol casmurro, da pelle do diabo... não se póde olhar para elle, não se póde andar a elle; cega a gente queima a gente: o de Paris, pelo contrario, um sol baço, apparecendo raras vezes para não importunar: quasi sempre entre nuvens: ora apparece, logo se esconde, fazendo

fósquinhas á terra... n'uma palavra, um sol catita, um sol cóquette! Ah! *mon Dieu. mon Dieu!* (Observa a comida) Feijões com couves!

Lobo (volta. A'parte) — E' de uma taberna de gallegos.

Barbante—O' Lobo, que é isto?

Lobo—O que vês.

Barbante—Ou são elles, ou o diabo em figura de feijões com couves.

Lobo—Tal e qual.

Barbante—Parece comida de gallego.

Lobo—Pateta! Onde apanha você feijão de Hollanda como este, e demais a mais cosido com couves da praça Vendôme?-- a praça onde está Napoleão!

Barbante—Napoleão! Oh! Cesse tudo quanto a antiga musa canta.

Lobo--Prova.

Barbante—Não é preciso. Bem se vê.

Lobo—Mas peço-te que proves; verás que differença...

Barbante (prova).

Lobo—Então?

Barbante—Estupenda!

Lobo—Que saber, hein?

Barbante—A couve é tenrissima!

Lobo—O feijão parece manteiga (áparte) e tu um pedaço d'asno.

Barbante—E' verdade.

Lobo — Se já te disse que tudo isto veiu de bordo: o licôr é turco, os vinhos são inglezes, pão francez, linguiça chineza, lombo de porco montez, bife...

Barbante—Pois bife não é portuguez?

Lobo—Bife toda a vida foi inglez.

Barbante—E' verdade, é verdade.

SCENA VI

Os precedentes e creado

Creado—Procuram o sr. Barban.

Barbante (vivo)—Ha de ser ella. Vamos a isto.

Lobo (á porta lateral)--Toca a postos.

Barbante—O' Lobo. Que te parece, vou-lhe ao encontro, ou espero-a aqui Como é mais francez?

Lobo (dando pouca attenção) — De todo o modo (a dois gallegos vestidos de diabos). Para aquella porta. Um de cada lado.

SCENA VII

Os precedentes, Sousa, D. Amelia e D. Thereza

Lobo—Oh! (cumprimenta).
Barbante (áparte) — Foi rebate falso. São as victimas (cumprimenta). Minhas senhoras... Senhor Sousa...
D. Amelia—Não o conhecia...

Os tres riem, e tapam a bocca com os lenços.

Sousa—Está optimo.
D. Amelia—Sem duvida.
Barbante (áparte)—De que se rirão estes pobres de espirito?
Lobo (áparte a D. Amelia e D. Thereza)—Então que tal o arranjei? E a casa?
D. Thereza—Coisas do sr. Lobo.
Lobo (dá o braço ás duas) — Venham vêr a mascarada (entram pela direita).

SCENA VIII

Barbante e Sousa

Sousa (depois de ter examinado com a vista a casa, etc., cruza os braços e encara fixamente Barbante —áparte)—A que chegamos!
Barbante—Está admirado?
Sousa—Maravilhado (zombando sempre).
Barbante—Este trajo nem todos o entendem, hein?
Sousa—Talvez ninguem.
Barbante—Portuguez—decerto não.
Sousa—Creio que nem mesmo o senhor, que o traz vestido.
Barbante—Eu cá entendo. Mas... eu... E' verdade que nasci em Portugal, mas logo com boas tenções

de me pôr a andar. Agora... cazo com uma franceza... vou para Paris... sou francez.

Sousa—O senhor tem mesmo cara d'estranja.

Barbante (desvanecido) — Pareço estrangeiro, não?

Sousa—Muitissimo.

Barbante—Pareço francez?

Sousa—Não...

Barbante—Inglez?

Sousa—Nada.

Barbante—Allemão?

Sousa—Tambem não. Parece o que é.

Barbante—O quê?

Sousa (áparte)—Um tôlo. (Alto) Coisa nenhuma.

Barbante—Como?

Sousa—Quero dizer que a sua cara tem um boccadinho de cada nação: é uma especie de rosa...

Barbante (sorrindo)—Rosa!

Sousa—Sim: uma rosa dos ventos (descrevendo), testa ao nascente, barba ao poente, nariz ao sul, bocça ao nordeste, orelhas leste-oeste.

Barbante—Percebo. Mas... ora veja bem: eu não tenho nenhuma feição portugueza?

Sousa—Nenhuma.

Barbante—Então não me pareço nada?

Sousa—Nada.

Barbante—Nada, nada?

Sousa—Não. Olhe, a unica coisa por que se vê que o sr. Barban é portuguez, é só pelo muito que despréza os seus e gosta dos estranhos.

Barbante—Eu cá gosto do que é bom.

Sousa—Então deve gostar muito de si.

Barbante—O senhor está caçoando commigo.

Sousa—Ind'agora o percebe? (pondo-lhe a mão no hombro) Ande, sr. Barbante, ou sr. Cordel; continue, não queira de portuguez nem a cara. (Sério) E o mais é que tem razão, que nem essas já têem valor. E' ouvir as nossas portuguezas delambidas, quando vêem passar algum homem que lhes parece bem... E' bonito! Parece estrangeiro—dizem ellas. Tôlas! A menosprezarem o proprio sangue que lhes corre nas veias! Que esperam se diga d'ellas?

Barbante—Ora o sr. Sousa faz-me dó!

Sousa—E o senhor faz-me nôjo!

Barbante—Sabe o que o senhor precisa?

Sousa—Diga.
Barbante — Meia dóze de polimento — de civilisação.
Sousa—E o senhor uma dóze de patriotismo, e uma carga de pau.
Barbante—Isso é fome Quer um boccado de linguiça chineza?
Sousa (fixando-o) — Ia-lhe chamar chinez, sem me lembrar que é nome de gente!

SCENA IX

Os precedentes, Lobo, D. Amelia, D. Thereza, e logo o tabellião, Cunegundes, etc.

Lobo—Ella que chega.
Barbante—Bom.
Lobo—Vamos.

Põe os dois diabos á porta do fundo. Os mouros de alfange desembainhado em alas a partir da porta — diz a Barbante que fique ao pé do estrado, e aos convidados junto á mesa, etc. Sae com os quatro anjos. A musica toca dentro a «Marselheza». Passados instantes entra Cunegundes sentada n'um andor ás costas dos anjos. Lobo e o tabellião atraz, seguidos do Critico, Romantico, Classico, etc., e amigos de Lobo.

Lobo (dá a voz)—Joelho em terra.

Os mouros e diabos ajoelham. Passa Cunegundes, e vae descer junto do estrado. Barbante ajuda-a a descer, beija-lhe a mão, e sentam-se sobre o estrado.

Lobo (dá a voz)—Levantar corpos — A' rectaguarda rodar.

Desfaz-se a ala, e ficam formados no fundo, em linha — Os anjos ao pé do estrado. Cessa a musica.

Lobo (ao tabellião)—Queira lêr.
Tabellião (lê)—Saibam quantos este instrumento de contracto esponsalicio, dote para casamento e obrigação virem, que no anno do nascimento de N. S. J. Christo, de 1845, aos 21 dias do mez de fevereiro na cidade de Lisboa e meu escriptorio, apparece-

ram presentes, d'uma parte o sr. Manuel José Barban, e da outra a sr.ª D. Cunegundes Cócó, e disseram elles outhorgantes, perante mim tabellião e testimunhas, que estavam justos e contractados a contrahirem entre si o santo sacramento do matrimonio, conforme manda a Santa Madre Igreja Catholica de Roma, e o Sagrado Concilio Tridentino, sendo o seu contracto pela fórma seguinte: Que elle, futuro esposo, dota a ella, futura esposa, na quantia de 600$000 réis para os seus alfinetes, a qual entregará logo que assignada seja esta escriptura. (Barbante acena a Lobo, fala com elle de manso, e este sae. O tabellião continúa sempre:) Que havendo filhos d'este consorcio, se entendem recebidos elles conjuges, conforme as leis do reino, etc. (Representa) O mais são palavras tabelliôas. Faltam as assignaturas—Os noivos (Barbante e Cunegundes levantam-se e vão assignar—A musica toca).

Tabellião—As testemunhas.

Lobo entra com uma bolsa de dinheiro, entrega a Barbante e este a Cunegundes—Conversam baixo os esposos—Sousa assigna a escriptura e dá a penna a Lobo, que tambem assigna.

Barbante—Podemos passar ao *break-fast?*

Lobo—Antes d'isso, mr. Barban deve tocar a symphonia do matrimonio.

Barbante—Como?

Lobo—Consiste em levantar o véo á noiva e assentar-lhe um beijo na testa

Barbante—Ora graças! (Levanta o véo a Cunegundes, dá o beijo com soffreguidão e recua estupefacto) Ah!!

Todos riem e espirram. A noiva é uma preta.

Barbante (áparte)—E' mesmo um tição!

Cunegundes (tragicamente — comico)—Respeito á esposa de Mr. Barban.

A musica toca o lundum dos pretos.

Lobo—Agora o beijo da noiva.

Cunegundes—Prompta (dá o beijo em Barbante).

Barbante (com repugnancia)—Basta (limpa a cara).

Todos—Parabens!

Barbante (mastigando) -- Obrigado.... (áparte a Sousa) Pois tambem ha francezas pretas?!

Sousa (apontando para elle) — Se até portuguezes peores que negros!

Barbante fica a olhar para todos com caro d'asno. Cunegundes faz-lhe festas na cara, mostrando a dentuça. Amelia dá a mão a Lobo.

Cae o panno

FIM DA COMEDIA

Esta comedia foi representada pela primeira vez no theatro de D. Maria I, em 6 de fevereiro de 1850.

NEM RUSSO NEM TURCO

OU

O FANATISMO POLITICO

Comedia em verso em 2 actos

FIGURAS

NICOLAU VELLEZ TRISTÃO.
ALBERTO—amante de Catharininha.
CAMELLO—pretendente, não correspondido, da mesma.
BELTRÃO—amigo de Tristão e mais ainda de bons petiscos.
JOÃO—creado de Tristão.
D. CONSTANTINA—mulher de Tristão.
CATHARININHA—sua sobrinha.
THEREZA—creada.
COMPANHEIROS D'ALBERTO.

CREADOS, MOLEIMAS, SOFTAS, ODALISCAS, COSSACOS

CANÇÃO DOS COSSACOS.
COROS TURCOS.
BAILETE DAS ODALISCAS.

A scena passa-se em casa de Tristão
na actualidade

Representada pela primeira vez no theatro de D. Maria II, em 30 de setembro de 1854.

ACTO I

Sala de Tristão decentemente mobilada. Duas mesas com poltronas ao pé no primeiro plano: uma á direita, outra á esquerda. Jornaes e mappas sobre ellas, mas com a maior profusão sobre a da direita. Portas ao fundo e lateraes. Janellas lateraes

SCENA I

Nicolau e Constantina

Ambos sentados—cada um a sua mesa.

Nicolau

E' tão certa a victoria russiana,
Como haver no Brazil côco e banana.

Constantina

E' mais certa a victoria da Turquia
Do que estar em janeiro a agua fria.

Nicolau

Menina, se quizer ser razoavel,
Ha-de emfim concordar no que lhe digo.
Eu sou, bem sei, de turcos inimigo,
Mas isso não importa—que a verdade
De meus labios lhe juro ouvir só ha-de.
Não vê que os russos tem muito mais tropa,
Uma que marcha, e outra que galopa;
Fragatas, náus, com mais artilheria,
Do que tem de turbantes a Turquia...
E depois tudo gente decidida,
Pelo grande imperador a dar a vida:
Gente affeita ao trabalho, ás privações,
Que manobra por filas e pelotões...
Basta a tropa cossaca... Oh! grande Deus!
Portugal hoje, se os contára seus,

Podia fazer guerra ao mundo inteiro,
Ser nas armas, qual foi já, o primeiro. (Levanta-se.)
Eu, só com mil cossacos ia á lua.
Sempre é gente que come carne crua!...

Constantina

Que enxovalhados são os taes cossacos!
Ah! (enjoada) Isso não é gente, são macacos.

Nicolau

Macacos são os turcos.

Constantina

Mas olhe que não comem carne crua!
Do tal cossaco—Ai! Eu t'arrenego!
Arranha na garganta como um prego
O tal nome!... Que taes elles serão!
O senhor diz que vae co'elles á lua... (Rindo.)
Pois eu não ia ao céo...

Nicolau

Teime na sua;
Que não sei, se tem mais de curiosa,
Esta minha senhora, ou de teimosa.
E' mais facil um muro convencer...

Constantina

Que o senhor bom juizo uma vez ter.

Nicolau

Deve preferir antes a costura,
O governo da casa ... (Levanta-se.)

Constantina

Por ventura (com importancia)
Não sou eu o piloto d'esta náu,
Constante, haja bom tempo ou tempo máu?
Responda, senhor russo, marralheiro:
Qual de nós é que dá uso ao tinteiro?
Não faz senão estar no pasmatorio,
E nunca põe os pés no escriptorio
Por isso temos tudo antecipado ..
Tudo em desordem... casa de morgado.

Nicolau

Acabou? Muito bem: pois já que ralha,
Ha-de ver o reverso da medalha.
Se no *dolce farniente* acho delicias,
Em passear, saber e dar noticias,
Tambem ao que a senhora determina,
Bem sabe, nunca faço opposição.
Eu cômo, visto e calço o que me dão.
Se ha trem, ando de trem, e se não ha,
Ando a cavallo, a pé... tanto me dá...
Qual branda cêra, que derrete a chamma,
Sou escravo fiel da minha dama (beija-lhe a mão).

Constantina

E's bondoso, bem sei, affavel, meigo,
Em tudo quanto quero:—e que somente
Não votas pela causa do Oriente!
P'la victoria dos turcos, coitadinhos!

Nicolau

Coitadinhos, a gente de turbante!...

Constantina

São homens como os outros.

Nicolau

Logo então,
Porque só tem dó d'uns e d'outros não?!

Constantina

Porque os turcos defendem o que é seu.
E n'isso tem justiça—cuido eu... (pausa).
Concordas?

Nicolau

N'isso não...—Em tudo mais...

Constantina

Mas porque?

Nicolau

Porque não...!

Constantina

Não é razão.

Nicolau

Que seja, que não seja—não disputo:
D'um só quero o governo—absoluto.

Constantina

Preferes a prisão á liberdade?

Nicolau

Seu sobrinho, isso mesmo, n'outro dia,
Tratando da questão—me respondia.
E' verdade... Inda quer dar por esposo
A' nossa Cath'rininha um tal baboso?

Constantina

Agora mais que nunca.

Nicolau

Se ella quer ..

Constantina

E' bastante que eu queira.

Nicolau

(Chama)

O' Cath'rininha.

SCENA II

Os precedentes e Cathariniuha

Cathariniuha

Meu tio—titia

Nicolau

Vem cá, minha sobrinha,
Uma grande noticia vaes saber:
(Apontando para Constantina)
Quer-te dar um esposo, e que janota!
Não lhe pesa a cabeça uma bolota (rindo.)

Cathariniuha

Não é assim, pois não, minha titia?

Nicolau

E' um noivo que gosta da Turquia.

E portanto... é rico, tem juizo...
Um anjo que baixou do paraizo!

Catharininha

Quem é?

Nicolau

Quem é? O teu primo Camello;
O querido da tia Constantina
Que o primor dos rapazes o imagina.
Só porque diz (arremedando) «Os russos *van de baxo*
Quê cá no mê bestunto assim o acho» (ri).

Catharininha

E é verdade que fala mesmo assim.
O tio imita-o tanto ao natural!
—A titia commigo estará mal? (com meiguice)
Não tem razão, não tem. A sua amiga
Não merece lhe fale? Porquê? Diga.

Constantina

Comtigo nada foi—minha bondade,
E' sem preço—pr'a mim—tua amisade.
O caso é com teu tio (desesperada) Oh! se não fôra...
Fazendo, sobre mim, esforço ingente,
Mostrar que sou cordata... sou prudente...
Parece-me... (mais branda) Mas quero respeital-a
Inda mesmo dos loucos a cegueira...
O par'cer-me com elles fôra asneira (pausa—decidida)
Meu sr. Nicoláo Velez Tristão.
Pela ultima vez: ou sim, ou não?
Concorda em dar aos turcos a victoria?

Nicolau

Já lhe disse que não. Perde a memoria?

Constantina

Oh! Céos, que se eu solteira agora fosse...
Lhe juro que ia os turcos procurar.

Nicolau

E depois?

Constantina

Não voltava sem casar,
Sem trazer a meu lado um fino amante...

Nicolau

D'alfange, calça larga, e de turbante!
Algum mahometano, já maluco!
Ou então do harem algum eunuco!

Constantina

Póde zombar. Bem sei que o meu estado
Agora não permitte... Mas Cath'rina,
Oh, essa, mais esperta, mais ladina,
Que vida póde escolher;—estou bem certa
Que, contra noivo russo vive álerta.
Não digo bem, sobrinha? Tu não queres
Noivo que tenha odôr a moscovita.
Todos são tão casmurros com mulheres...

Catharininha

Deus me livre, titia.—Portuguez,
Isso sim—E comtanto que eu o ame.
Que o mesmo sentimento a ambos chame.

Nicolau

Muito bem, Cath'rininha.—Deve sempre
Casar-se a gente com quem lh'o mereça,
Não dê o casamento na cabeça.

Catharina

Oh! decerto. (aparte) Assim diz o meu Alberto.

Nicolau

Não ha proeminencia, nem riqueza,
Que os dons possam pagar da natureza.
Não são obra do tio, nem da tia.

Catharininha

(A'parte.)

Tal e qual m'o disse elle n'outro dia!

Constantina

Que diz, senhor?! E' mais revolucionario
Que todos quantos traz o diccionario!
Que conselho—Jesus!—a uma donzella!...
E diz que eu amo a causa mahometana,
Quero que a confusão republicana,

Em que todos estão no seu direito,
D'andarem ás marradas uns aos outros...

Nicolau

Como manadas d'eguas e de pôtros. .
E' verdade—Em politica sou um:
Quanto ao demais,
As regras sigo sempre universaes.

(A'parte).

Assim levando eu agua ao meu moinho,
Cath'rina talvez siga o meu caminho.

Constantina

Pois não devem os moços—dos mais velhos,
Seguir em tudo á risca os seus conselhos?

Nicolau

E' dever nosso de os aconselhar,
Persuadil-os, mas nunca os obrigar.

Constantina

Ninguem mais do que eu ama Cath'rininha,
Bem sabe que não tenho outra sobrinha.
Tudo quanto fizer é p'ra seu bem.
E o que é bom, sei-o eu mais que ninguem.

Nicolau

Mas nem todos os gostos são eguaes.

Catharininha

Decerto.

(A'parte).

Assim me escreve sempre o meu Alberto.

Constantina

Se as tias gostam —gostam as sobrinhas.

Nicolau

Nem sempre.

Catharininha

E' verdade, titia.
Ahi está que n'outro dia,
No theatro—não sei qual era o drama—
Gostei mais do galan do que da dama:

Par'ceu-me sem sabor, insupportavel...
E á tia uma actriz admiravel.

Constantina

Só com quem eu quizer ha de casar.

Nicolau

Ella não é escrava.

Constantina

Tenho dito.
Nem meia reflexão mais lh'admitto.

Catharininha

O meu tio diz bem (com humildade).

Constantina

Sáia, senhora!

Nicolau

Que tyrannia!

Catharininha

Então, minha titia!

Constantina

Tenho dito. Retire-se, senhora.
N'esta casa só eu sou a doutora.
E o senhor... (Catharina retira-se chorando).

Nicolau

O doutor.

Constantina

Doutor da mula russa.

Nicolau

E a senhora será da mula turca.

Constantina

Que rasgo de sciencia.

Nicolau

São graças de vossencia.

Constantina

Está bom.

Nicolau

Bem bom.

Constantina

Adeus.

Nicolau

Adeus.

SCENA III

Os precedentes e Beltrão

Beltrão

(Da porta.)

Cesse tudo que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

Constantina

(A'parte.)

Que vejo! um russo! Safa (retira-se).

Beltrão

A esquadra imperial entrou em Kaffa.

(Designando D. Constantina).

Vae zangada?

Nicolau

Oh! Não é nada. Então que vae de novo?

Beltrão

Espera um pouco. Venho tão cançado... (senta-se).
Tenho a bocca tão secca..

Nicolau

Estás suado?

(Fecha a porta, etc.)

Beltrão

Muitissimo.

Nicolau

Não tires o chapéu.

Beltrão

Quero...

Nicolau

Um copo de vinho, aposto eu?

Beltrão

Isso mesmo. Preciso de conforto.
Uma garrafa basta--mas do Porto.
Do velho. De 18 a 20 annos...
Primeira sorte... não?

Nicolau

O que quizeres.

Beltrão

E de doce umas oito ou dez colheres.

Nicolau

Está dito. (A' porta da esquerda—para dentro)
Thereza, doce e vinho.
E depressa...

Beltrão

Pois sim: antes que o corpo m'arrefeça.

Nicolau

Então boas noticias?

Beltrão

São riquissimas!
Deixa-me descançar, e...

Nicolau

Pois descança.

Beltrão

(A'parte.)

Console-se primeiro a lisa pança.

(Entra Thereza com doce e vinho.)

(Beltrão come com soffreguidão.)

O' menino,
O doce é feito em casa? Está divino!

Nicolau

Foi presente das freiras d'Odivellas.

Beltrão

Só pelas mãos que tem, eu gosto d'ellas.

(Thereza quer deitar vinho no copo — Beltrão tira-lhe a garrafa.)

Quando a esquadra imp'rial dá fundo em Kaffa,
Deve o vinho beber-se por garrafa.

(Bebe a garrafa de vinho e entrega-a—Thereza retira-se.)

Nicolau

Fala, Beltrão, que estou impaciente.

Beltrão

Morreu! Elle!—O gran-turco, de repente!

Nicolau

Que dizes, meu Beltrão?

Beltrão

Ou com verdade, ou não,
Ha pouco m'o disseram, meu Tristão.

Nicolau

Já se vê que morreu sem confissão...
Como turco que era... como um cão!
Mas quem t'o disse?

Beltrão

Quem? Foi um sujeito
Dos nossos—já se vê—moço perfeito ..
Parece que lh'o disse o proprio agente,
Mandado pelo Czar ao Occidente.

Nicolau

Agente do Czar!
Onde móra? Quero il-o visitar.

Beltrão

Dizem que assiste ao becco do Tem-tem,
Mas, ao certo, a morada ninguem sabe.
Segredo mais que tudo só convem:
Depois te contarei... Põe o chapéu.
Dize em casa que jantas hoje fóra.

Nicolau

Então porquê?

Beltrão

Sei eu que tens demora,
Que pagas o jantar sem remissão.

(Mostra com mysterio uma carta.)

Em a lendo não dizes tu que não.

Nicolau

Uma carta!

Beltrão

Que affirma o embaixador,
Ser do punho do proprio imperador!

Nicolau

Quem disse?

Beltrão

O tal sujeito.
No Rocio... hont'á noite... ao lusco fusco.
Chega-se a mim; saúda-me, e já dando
Signal certo—que a ti, que ambos conhece,
Diz—Aos bons, decididos moscovitas,
A'lerta cumpre estar—Longa demora,
Meus negocios m'impedem Eil-a esta carta,
Elevada mercê do regio punho,
Que breve entregareis—mas de mão propria,
Ao fiel Nicolau.—Adeus.—Segredo!
Só d'elle hoje depende a causa nossa.

Nicolau

Mas bastará só isso, p'ra que eu possa
Acreditar taes ditos?

Beltrão

A prova de que o homem falou sério,
E' vir na carta o sello do imperio.

(Mostra-lh'a)

Nicolau

E' possivel, Beltrão?

Beltrão

E se fôr, o jantar pagas, ou não?

Nicolau

Se tal fosse a minha dita,
Que o chefe do imperio moscovita...

Oh! que não sei, Beltrão, se tal ventura
De gosto me levará á sepultura!

Beltrão

Mas antes o jantar...

Nicolau

Não só um, mas dez mil ia pagar!

Beltrão

(A'parte.)

Oh! fortuna! Oh! prazer!
Já tenho toda a vida que comer.

Nicolau

A carta, amigo, a carta!

Beltrão

Só lá fóra se ha de lêr,
Não ouça tua mulher...

(Nicolau vae dentro pôr o chapéu, e volta.)

Beltrão (só)

Divina causa russa, sacrosanta!
Qué assim nos dulcificas a garganta!
Deus conceda tantos gostos ao Czar,
Como eu tenho em comer um bom jantar.

(Saem os dois)

SCENA IV

Catharininha, e logo Alberto

Catharininha (só)

(Vae á janella da esquerda—Faz signal.)

E' boa occasião de lhe falar (espreita á direita).
A tia pôz os oc'los—está lendo.
Dá-me tempo a fazer o que pretendo.

(Vae á porta do fundo, que abre.)

Alberto

Minha, minha querida,
Sabes tu que te adoro mais que a vida?

Que meu maior, meu unico desejo,
E' ser teu, seres minha—e n'um só laço
Unir dois corações, que á sorte approuve
Um p'ró outro crear...

Catharininha

Sei isso, Alberto,
Mas sei tambem que ás vezes o destino
Contra nós se conspira, e nos separa.

Alberto

Tu juras-me constancia?

Catharininha

Sim, eu juro

Alberto

Oh! então nada temas... não receies,
Que quando amor, em chamma, o peito accende,
Impávido resiste ás leis do mundo,
E' divino clarão que dura eterno
No centro dos dois peitos que alumia.
Um vivo sol d'amor jámais s'offusca.
Póde nuvem de maguas, por momentos,
Seu brilho escurecer. Mais eil-o surge,
De novo, intensa luz, inda mais puro.
Nada temas, repito. Tenho urdido
Um plano—que d'amor nos assegura
A desejada, prospera victoria.
Não te has-de oppôr a elle. Teus parentes
Vão ser por mim burlados.

Catharininha

Mas receio...

Alberto

Não receies. O plano que imagino
Em nada offende os teus. Consiste apenas
Em russo me fingir, fingir-me turco;
Ora vindo das terras do Propheta,
De quem serei amigo ou descendente...
E logo do Czar um enviado:
Um cossaco distincto e acabado;
Principe, general, seja o que fôr...

Do theatrinho em que ás vezes represento,
A companhia toda e o meu favor
A's ordens tenho. D'ella hei-de servir-me
Conforme o exigir o nosso amor.

Catharininha

E depois?

Alberto

Tua mão pedirei, e serás minha.

Catharininha

Quem sabe?

Alberto

Não duvides. Fica certa.
Que m'hão de conceder tudo o que peça.
A paixão de partido, minha querida,
Mais do que o proprio amor, os homens cega.
Sem fiel, a politica balança
Jámais permitte ás conchas o equilibrio.
Agora desce aquella onde se pesam
Os vicios do contrario: logo sóbe,
Se a virtude lhe mede!—Nem o crime,
Quando por mão dos nossos perpetrado,
Do inimigo equilibra a leve culpa.
Se pensa como nós—basta que o finja—
Embora da traição, fraude, rapina,
Labéu infame o peito lhe macule,
Os olhos de partido, ou nada avistam,
Ou—da verdade a luz—não vêl-a fingem!

SCENA V

Os precedentes e Thereza

Thereza (apressada)

O seu primo Camello
Vem hi com um creado de libré,
Que traz uma canastra, ou *quer que é*... (retira-se)

Alberto (rindo)

O meu rival?—Adeus.

Cathariuinha

Não m'envergonhes.

(Vae á janella.)

Alberto

E' gloria até dos nossos ser amada.

Cathariuinha

Então...

Alberto

Perdôa... Approvas o meu plano?

Cathariuinha

Tudo para ser tua.

Alberto

Começára
A dar-lhe execução antes d'ouvir-te:
Teu amor pelo meu julguei—querida,
A voz do coração nunca é traidora.

Cathariuinha

Oh! nunca (inquieta) Adeus.

Alberto

Adeus. Has-de ser minha.

(Sae.)

Cathariuinha (á janella)

Parece-me que o viu de cá sahir.
Que importa? Meus desejos
A todo o custo se hão-de ora cumprir.
Amar um primo tôlo,
Ou velho comilão,
Aquelle por votar a pró dos turcos
Est'outro por que não...
Só por satisfazer a tio ou tia...
Diz mesmo o coração,
Que para um tal amor não ha razão (retira-se).

(Tocam á campainha.)

SCENA VI

Thereza, Camello, um creado de libré, ratão, com uma canastra, e logo D. Constantina

(Thereza vae abrir.)

Camello

Janota alemtejão, vindo ha pouco da provincia, conservando o vicio da fala, etc. — baboso, gordo e córado como um paio.

(A Thereza:)

Diz á tia Constantina
Que aqui está o sê sobrinho.

(Para o creado:)

Tu pousa ahi a canastra,
E pódes ir a caminho.

(A'parte ao creado:)

Vê se indagas onde móra
E quem é o tal bichinho.

(O creado e Thereza retiram-se, aquelle pelo fundo, esta pela direita.)

(Vendo D. Constantina, que chega:)

Como está vossencia, tia?

Constantina

Menos mal. E meu sobrinho?

Camello

Ê por mim sempre rijinho.
Desde que vim do Alemtejo,
Nêm sinto as pulgas morder.
Lisboa é um paraizo,
Isso lá nan têm que ver.
Vim, haverá mêio mez
E dia, sêm novidade,
Nunca passo na cidade.
Honte, por primêra vez,
Fui ver o jardim chinez.
Fui eu mais o Laranjinha.
E' o neto das do Moura
Que moram á Corredoura.
Está também em Lisboa,

Veiu vender o enchido,
Alguns quêjos e azête...
Andava quasi perdido;
Encontrêi-o — Foi um anjo! —
Me disse elle. Acompanhei-o.
Já lhe mostrê o passêo,
Os theatros, o Marrare...
A'manhã, vamos jantar
A' Calçada de Carriche.
Vae toda a rapaziada! (rindo aparvalhadamente)
Ê é que faço o *espiche*...
Em ê apparecendo, tia,
Quer de noite, quer de dia,
Sou ê que lêio a gazeita
Olhe que isto não é peita.
No Marrare e no Martinho,
No Montanha e no Suisso,
E' um prazer, um derriço
Em ê lá entrando—tia! ..
Um diz:—Ahi vem o janota
Lá da terra da bolota—
Outro: — Ahi vem o toicinheiro. —
Outro—pede-me dinheiro...

Constantina

E meu sobrinho consente?!

Camello

Nam que ê, tia, nam me calo.
Pois cuda que ê que m'agacho?
Lévam logo o sê despacho.
Respondo-lhe de caminho.
Digo a um, que é mais báxinho:
Ah, *sé* corpo de focinho,
Você péme um carrapato.
Digo a outro—Ah! sê chebato. .
Sempre da minha resposta
A rapaziada gosta.
E olhe que san mês amigos;
Mesm' algum mais fidalgote,
Tambem me diz sê dechote...
Um d'elles—perfêto moço!...
Que avesa muito caroço,
E é fidalgo de linhage:

Vae jantar sempre comigo,
E' deveras mê amigo,
Somos de tu. Em me vendo,
Na rua, seja onde fôr,
Grita-me logo:—O' Camello! —
E' um môço de primor;
Traja que é um gosto vel-o
E' agora o meu modelo (mirando-se).
Veja esta calça. E' de gosto.
E este lenço? Que me diz?
Comprou-m'o elle. Ora, aposto
Que não sabe por que preço?

Constantina

Eu sei lá... não m'o dizendo...

Camello

Meia libra.

Constantina

Foi carito!

Camello

Pois um lenço tan bonito,
Fêto d'aza de mosquito!...
Hoje todo o janotismo
Só traz lenços á Bachá.

Constantina

A' Bachá?! Serão á turca?

Camello

Isso mesmo. Aqui está (mostra).
Não vê no mêio pintado
Um Bachá acocorado?

Constantina

Vejo— Que lindos que são!

Camello

Então, são caros?

Constantina

Não, não.
Ao contrario—baratissimos.
Bôa seda... são lindissimos.

Camello

Ora então não m'enganei,
Quando dois lenços comprei,
Um p'ra mim, outro p'rá tia...
Aqui tem (dá-lhe um lenço).

Constantina

Eu não queria...

Camello

Quer, quer. Não ha-de querer?
Isso havia ter que ver.
Péme lhe chamava russa (rindo.)

Constantina

Menos isso, meu sobrinho.
E de novo, não ha nada?

Camello

A cousa vae de levada.

Constantina

Os nossos sempre de cima?

Camello

Pois quê! Onde está a prima?

Constantina

Eu a chamo. Mas os turcos...

Camello

Andam gordos que nêm urcos.
Lá os russos van debaxo.

Constantina

Sim...

Camello

Ê cá assim o acho.

Constantina (chama)

Cath'rininha, ande cá fóra:

(Para Camello)

A Inglaterra e a França
Tambem entram n'allianca.

Era negocio acabado,
Se aquelle maldito gelo
Nos deixasse ir lhes ao pêllo.
Mas mal elle se derreta,
Levam logo cacholeta.
Hão-de passar o Danubio!

Camello

Danubio! Que cousa é isso?
Elle lá em Alpalhão
Co'esse nome havia um cão! (rindo)

Constantina

Que diz, sobrinho! O Danubio
E' um rio largo e comprido
Que passa pela Turquia.

Camello

Pois a tia já o viu?

Constantina

Nas cartas de geographia.

Camello

Ê nan sê o que isso sêja.

Constantina

Pois deveras?! Ora veja!
E' mais preciso um bom mappa,
Do que d'inverno ter capa.

(Com gravidade ridicula):

E' nos mappas que medito
Que vejo da guerra os lances,
Que, ao meio dos combates,
Transportada me acredito.
Como é bello—de serão—
Jornaes e mappas na mão,
Das bellas turquescas tropas
Ir seguindo, passo a passo,
Movimentos e manobras,
E medil-os a compasso!
Ouvir mais de mil canhões
Desfazendo-se em trovões;
As cimitarras no ar
Dando golpes de matar:

Infanteria a marchar...
Cavallos a galopar...
Nosso exercito a avançar...
O contrario—a retirar...
E... (enthusiasmada) Oh! momento afortunado!
Ouvir em casa e na rua
Viva, viva a meia lua!

(Cae n'uma cadeira desmaiada.)

Camello

O' tia! que é isso, tia?!
O demo leve a Turquia (assopra-a)
E os mappas de geographia.

(Grita)

Olá—ó prima—Andem cá!

(Abana-a)

Tia. Vá acima, vá.

SCENA VII

Os precedentes, Catharininha e Thereza

Catharininha

Que foi? Titia! titia!

Camello

Os mappas de geographia
Déram-lhe volta ao miolo.

Catharininha

(A'parte)

Sempre ha de mostrar que é tolo.

Constantina

(Torna a si)

Foi um sonho afortunado.
Nos montes, no povoado...
Eu vi, por toda a terra, a egualdade.
O seu maior, seu minimo habitante
Eu vi, de calça larga, e de turbante!

Catharininha (áparte)

E' terrivel mania!

Camello

E que mais viu a tia?

Constantina

Transportei-me ao zenith da ventura ..
Os moscovitas vi na sepultura!

Camello

Peço-vos perdão, priminha.
E' o fanequito da tia,
Nem perguntê como ia.

Catharininha

Eu boa, primo Camello.

Camello

Bem se vê que está folgada,
Mais tesinha que um limão.
Lá nas moças d'Alpalhão,
Sempre lhe achava um senão.
Mas cá na priminha não.

(A'parte a Catharininha)

Ê vim cá por sê respeito

Catharininha (áparte)

E' ou não asno perfeito?

Camello

(Vae á canastra e tira duas condeças)

Ambas hande perdoar
Esta minha confiança,
Isto é só para provar.
Tome lá, accêite tia, (dá-lhe uma condeça)
E' bolota. Ê escolhi-a,
Mas que vale? Foi uma rasa.
E' o mal que deu n'azinhêira
Se vem uma que é mais grada,
Vem outra que é mais manêira.

Constantina

Que incommodo, meu sobrinho!

Camello

O' tia, mais de mansinho,
Não cuide fui ao mercado
Por dez réis de mel coado!
Temos bolota de casa,
Graças a Deus com fartura.
Até aos porcos se dá!...

Catharininha (áparte)

Delicada creatura!

Constantina

Bolota doce!

Camello

Pois quê!
Cuida lá vocemecê...
Vossencia, tia, vossencia...

Catharininha (rindo)

O porco lá comia
Da bolota que o primo trouxe á tia!

Camello (confundido)

Não... lá d'esta... d'esta... d'esta...

(A'parte)

'Stou suando como um boi...

(Alto)

Esta veiu... esta foi
Escolhida da melhor.
Lá a outra é da peor...
Esta nasceu para assar...

(A'parte—á prima.)

Como a prima para amar.

Catharininha (áparte)

E o primo para enjoar!

Camello (áparte a Constantina)

O' tia,
Que ê vá dando remoques á priminha
Cudo não desconfia?

Constantina (áparte a Camello)

Muito pelo contrario
Antes o homem seja temerario,

Do que lorpa acanhado.
Sem que saiba dizer o seu recado.

Camello (áparte, á tia)

Posso render finezas?

Constantina (áparte, a Camello)

É o grilhão que as mulheres tem mais presas.

(A'parte.)

Elle é simplorio—coitado,
Mas é dos meus: tanto basta,
P'ra de mim ser estimado.

Camello (péga na outra condeça)

Agora, esta condecinha
Offereço eu á priminha.

Catharininha

Obrigada.

Constantina

Vem a ser...

Catharina (rindo)

São chouriços.

Camello

Cá serão...
Mas lá isto em Alpalhão
Não é chouriço, é morcella,
E boa deve estar ella.
Fui eu que fiz a conserva,
Fui eu que fiz c enchido;
Por em casa ter ouvido,
Que tinha mão de tempero,
Como ninguem. O' priminha,
Olhe que ê cá sou sincero:
Ê nunca minto a ninguêm
Quanto mais a quêm mais quero!

Catharininha (sorrindo)

Da boa mão de tempero
Que o primo Camello tem,
Nunca duvidou ninguem.

Camello
Então não duvida? Quêm?

Catharininha
Acredito firmemente.

Camello
Então accêita o presente?

Catharininha
O presente. (com intenção) Mas—*futuro*...
Isso não. (áparte) Antes freira
Que meu *futuro* ser este tonteira.

Camello
Mas eu já disse á priminha,
Que isto temos nós de casa...
Não fui por elle á visinha,
Não fui. (áparte) Animo, Cameillo!
Não te cales, vae-lhe ao peillo.

(Alto.)

Ha-de, ao menos, dar-me o gosto
D'acceitar essas coisotas,
Quer morcellas, quer bolotas,
Que ê trago de boa mente.
Bem conheço que é presente
Improprio da sua estima.
Pois cousa que valha a prima,
Não ha no mundo, bêm sei:
Ponham todos os montados
A carniça só n'um monte,
E esteja a prima defronte,
E verão a qual m'agarro!

Catharininha (áparte)
São finezas de masmarro.

Camello
Eu bêm sêi d'outros presentes
Para a prima competentes.
Sei, e conheço o que é bom
Pr'as moças de grande tom,
A loja da Lavaillant
Vêjo-a logo de manhã.

Se um dia formos á Egreja...
Se a priminha conceder
O que este pêito desêja...

Catharininha

Esse dia nunca eu veja.

Camello

Então verá a priminha,
Se o Cameillo tem acções.
Nem morcellas, nem melões
Não ha de trazer. Que pensa?
Ha-de logo, sem detença,
Vir roupa, loiça, comer,
Sapatos, vestidos, chales...
Toda a casta de fazenda,
Tudo em casa ha de appar'cer
Do melhor e a fartar.

Catharininha (áparte)

P'lo que diz, põe um bazar!

Camello

Mas a prima nan responde?

Catharininha

Diz taes coisas, meu bom primo,
Que nem a falar me animo.

Camello

Oh! fale, prima, responda.
Bêm sabe que o seu dizer
E' como do mar a onda,
Que em meu peito vêm bater.
E' qual setta de dois bicos,
N'um a vida, n'outro a morte.
Se vêm um, faz-me em fanicos,
Se vêm outro, muda a sorte:
Vou dos valles da desgraça
A's montanhas da ventura;
Vou das ruas d'amargura
A' calçada da esperança...
Vou das profundas do inferno
A casa de Deus eterno!

Catharininha (áparte)

E' terno! Ninguem diria.

Camello

O' priminha, nan se vá
Sem que n'este coração
Deite um pingo d'affeição.
Que lhe custa? P'ra que é má?
Oh! N'esta amorosa estrada,
Ao menos por sua mão,
Deite uma pedra britada!
Por que nan ha de ser minha,
Querida, linda priminha?!

Catharininha (áparte)

Antes ouvir uma nora
Que um tolo, quando namora.

Camello (com enthusiasmo parvo)

Priminha, diga que sim.
Do seu humilde Cameillo
Os tormentos darão fim.
Até os anjos se riem
Quando casa primo e prima.
Quando ella a elle estima.
Se até os filhos que tem
São mais irmãos que ninguem!!
Que, sendo os paes—primo e prima,
Um mesmo sangue só tem,
E primos seran tambem.
Oh! prima do coração,
Ha de ser minha esta mão!

(Agarra-lhe a mão e beija-a.)

Catharininha

Basta, senhor!

Camello

Perdão, amor.

Catharininha

Nem ao menos respeita minha tia?

Constantina

(Levanta-se e deixa de lêr.)

Que succede? Ousaria

Por acaso dizer mal da Turquia?!

Camello

Eu não, senhora, não!

Constantina

Muito bem, muito bem,
Isso não perdoava eu a ninguem.

Cathargininha

Atrever-se a dar-me um beijo!

Camello

Mas olhe que foi na mão,
E já lhe pedi perdão (piegas).

Constantina

Ah... Isso foi, decerto,
Em signal de respeito,
Como a mim muitas vezes me tem feito.
Quando o primo beija a prima,
Dá provas de que a estima.

Cathargininha (áparte—zangada)

Soffre-se isto, meu Deus!
Até quer que receba os beijos seus!

Constantina (áparte a Camello)

Desculpe, meu sobrinho.
Cath'rina sempre foi um tanto esquiva.

(A'parte a Catharina.)

Honesta deve ser, mas não altiva. (Senta-se e lê.)

Cathargininha (áparte)

Altiva por não qu'rer
Os requebros d'um parvo receber!

Constantina

(Levanta-se com um jornal na mão.)

Oh! grande novidade!

Camello

Que foi?!

Constantina (lendo)

Diz-se chegára
Um embaixador turco a esta cidade.

(Declama:)

E' preciso saber onde elle mora;
Quero ir visital-o sem demora.

Camello

O jornal não diz nada?...

Constantina

Não diz—infelizmente!

Camello

Se quer eu vou sabel-o.

Constantina

Pois sim, sim, meu Camello.
Se não fosse coisa urgente...
Creia que...

Camello

Com muito gosto (corteja e sae).

SCENA VIII

As duas e depois João

Catharininha (áparte)

Graças ao embaixador,
Foi-se embora o massador.

Constantina

E' realmente um moço completissimo
O teu primo Camello—serviçal,
Generoso, sincero, capacissimo;
Completo moço em tudo: sem egual.
Bebe os ares por ti: e tu, louquinha,
A fazeres-te grave—a desprezal-o!...
Tão rico, tão bom—tudo. Que mais queres?
Tomaram-no para si muitas mulheres.

Catharininha

Será bom, não duvído. Dil-o a tia...
Mas não tenho por elle sympathia.
(Ouve-se bater á campainha.)

Constantina

Em tu d'elle recebendo
As meiguices, os presentes,
Em tu com elle vivendo,
Presa em laços d'hymeneu,
Tu só d'elle, elle só teu,
Verás logo, minha joia,
Como chega a sympathia.
Quem t'o diz é tua tia.

Catharininha (áparte)

Pois diz uma sandice.

(Entra João.)

João

'Stá alli um gallego que me disse
Uma carta trazer para a senhora.
Pedi-lh'a—não m'a deu. Diz que sómente
A entrega em mão propria.

Constantina

Diz que entre.

(João retira-se.)

SCENA IX

Os precedentes e Alberto

Alberto (vestido de gallego)

Salbe Deus xuas merxês.
A xinhôra Constantina.
Cal é ella? E' a menina?

Constantina

Eu.

Alberto

Entonces aqui tem (dá-lhe a carta).

Constantina

Pagaram-te?

Alberto

Ah! xim xenhôra.
O patron deo-me um bintem.

(Retira-se—Cathariuinha acompanha-o.)

Constantina (lê para si)

Oh, prazer! Oh, ventura!
Vou ser a mais ditosa creatura!
Um embaixador turco em minha casa!
Oh! gloria não prevista, nem merecida,
Que excedes a do céu, na outra vida.
Julgava-me feliz em visital-o,
E elle vem aqui, sem procural-o!
Que honra, santo Deus, nem mesmo atino
Com a causa de tão feliz destino...
Oh, quem tivesse agora montes d'ouro,
Vinte mil Californias n'um thesouro,
Para tudo gastar na recepção
Do grande embaixador do gran-sultão!

(Pausa.)

Mas que diz?... (lê). Recommenda-me segredo...
Que a recebel-o vá, no arvoredo...
Na rua mais fechada do jardim...

(Representa.)

Mas hei-de illuminal-o, ainda assim.
Se a visita não póde ser na sala,
Vistamos o jardim de grande gala.
Mas quem me ha de ajudar? O meu João,
Homem capaz em toda a occasião.

(Toca a campainha.)

SCENA X

Constantina, Thereza, e logo João

Constantina

O João que me venha já falar.

Thereza

Mas se é coisa que eu faça...

Constantina

De ti não quero nada.

Thereza (áparte)

Não ha maior desgraça
Que a gente precisar de ser creada (retira-se).

Constantina (passeia)

Eu morrendo p'lo ir já visitar,
E elle propiio é quem me vem falar!

(Lendo a carta.)

E' p'ra coisa importante, transcendente,
A bem da santa causa do Oriente.

(Declama:)

Oh, destino dos homens! Sim, talvez
Na minha mão estejas d'esta vez!
Inflamma-te d'orgulho! Constantina,
A historia ha de chamar-te uma heroina.

(Thereza passa ao fundo para a direita.)

João

Eu aqui estou, senhora.

Constantina

Meu João,
E's capaz de valer n'uma afflicção?

João

Póde contar commigo.
Bem sabe que não minto no que digo.

Constantina

Sobretudo—segredo inviolavel.

João

Pois bem, seja o que fôr,
Diga, senhora. Estou ao seu dispôr.

Constantina

Pois bem, João, pois bem. A' meia noite,
No jardim, lá na rua do arvoredo...
Um figurão, que vem de longes terras,
—Onde anda tudo agora acceso em guerras—
Ha de vir visitar-me.

João

A' senhora?!

Constantina

A mim, João, a mim só.

João

E o patrão?

Constantina

Oh! Esse não o saiba, meu João.
Não vês que é de partido ao meu contrario.

João

Porém, falemos claro:
Esse tal figurão,
Se vem cá namorar, digo que não.

Constantina

Estás doido! Tu não entendes nada.
Vem trazer do seu rei uma embaixada.

João

Como a coisa não cheira a tratantada,
Conte commigo. Estou pelo que disse.

Constantina

Quero todo o arvoredo illuminado,
Arcos de flôres—tudo preparado...
Licôres, doces, vinhos, capilé.

João

Uma coisa que diga com quem é.

Constantina

Mas vinho, nada, não...
Pela lei do Propheta é prohibido (pensando).
Mas... traz sempre, João.
Se não fôr elle, alguem que o acompanhe...

João

Tenho entendido. Mas, ou queira ou não,
Digo que hei-de ficar d'*osservação.*

Constantina

Mas escondido. Olha não te esqueça
Que não falte tambem café de Moka.

João

Será servida em tudo. (Retira-se.)

Constantina

Olha, João.
Toma bem conta que p las nove em ponto
Devo sahir, e me has-de acompanhar.

(Lendo -áparte.)

No Terreiro do Paço deve estar,
Entre a lage e a ponte dos vapores,
A's nove horas precisas.—Se eu faltar,
Até ás onze, vá p'ra casa; e lá,
Ao dar da meia noite me achará.
A senha fica sendo—Meia lua—
Não percas tempo. Vae, e ás nove horas...

João

Sem falta. (Retira-se.)

Constantina

Em ponto. Vou-me preparar.
Antes quero esperar do que faltar. (Vae-se)

SCENA XI

Nicolau e Thereza

(Ouve-se bater á campainha—Thereza vae abrir.)

Nicolau

Thereza, venha cá.
Tenho muito a dizer-lhe—Não se vá

(Espreita ás portas interiores, e volta.)

Sei que é minha predilecta,
Quanto é calada, discreta...
Que é capaz d'altas emprezas...
A rainha das Therezas.
E' isto óu não, diga a verdade?

Thereza

O sr. Tristão não mente.

Nicolau

Não me chame Tristão, boa Thereza,
Não seja como essa gente
Que em desgostar-me cuida tão sómente.
Chame-me Nicolau, só Nicolau!
Antes quero me sovem com um pau
Que deixem de me dar o nome santo,
Nome que o mundo hoje enche d'espanto.
Nome excelso, que o grande imperador
A si, co'as proprias mãos, quiz mesmo pôr.

Thereza

Deixe estar, deixe estar,
Sómente Nicolau lhe hei-de chamar.

Nicolau

Mas vamos ao que importa.
Hoje, ás dez da noite em ponto,
Quero vêr o jardim prompto...
Mas que em tudo haja segredo...
Quero a rua do arvoredo
Bem ornada e illuminada;
Mesa posta—bem disposta...
Bons gelados—bons assados...
E cerveja—da melhor,
E vinho do sup'rior...
Mas do Porto: nada d'outro.

Thereza

Nada mais?

Nicolau

Não. Mas segredo...
Não o saiba mais ninguem.

Thereza

Da minha bocca, juro (beija os dedos—retira-se).

Nicolau

Bem.
A's dez horas. — Não te esqueça,
Mãos á obra. Dá-te pressa.
(Esfregando as mãos.)

A coisa vae a pulos (assobia). Fervet opus!
Agora vão os turcos de catrambias,
Hoje bebo mais dois copos:
Folgo, salto; dou ás gambias.

(Vê o relogio.)

D'aqui a uma hora mais, sem fallencia,
Estará no jardim Sua Excellencia.
Estarás, Nicolau, em audiencia,
Fronteiro ao sublimado embaixador,
Tendo novas do grande imperador.

(Reparando.)

Ahi vem minha mulher. Tenho dó d'ella!

SCENA XII

Nicolau e Constantina

Nicolau

Viva. Como vem bella.

(A'parte, sorrindo.)

Se soubesse fazia-se amarella.

Constantina (ironica)

O mesmo digo eu, sr. Tristão.
Teve boas noticias, maganão?
E cala-se, e não conta nada á gente...

Nicolau (ironico)

Chegaram boas novas do Oriente?

Constantina

Não o diga brincando (mostrando um jornal) Leia alto,
Mas não cáia no chão co'o sobresalto.

Nicolau (lendo)

Dizem chegára
Um embaixador turco a esta cidade.

Nicolau (tira outro jornal d'algibeira)

Guapa novidade!

(Rindo.)

Leia agora.

Constantina (lendo)
Acaba de chegar
A Lisboa um enviado do Czar.

Nicolau
E que tal? Ali—diz-se. Aqui—affirma-se.

Constantina
Mas eu sei que o tal—*diz-se*—é verdadeiro.

Nicolau
Sabe o que lhe digo,
Ou me creia, ou não?
E' que a sua Turquia tão querida,
Por um triz 'stá levando um trambolhão.

Constantina
Sabe o que lhe digo?
Ou me creia, ou não,
E' que essa russiana cam'ra optica,
De narizes, em pouco, vem ao chão.

Nicolau (sorrindo)
Se soubesse...

Constantina
Se eu dissesse...

Nicolau
Pois verá!...

Constantina
Saberá!...

Nicolau
Pois veremos...

Constantina
Fallaremos...

Nicolau
Diga adeus.

Constantina
Lá aos seus.

Nicolau
Aos alfanges, aos turbantes,
Que bugiar 'stão indo por instantes.

Constantina
Diga-o antes aos cossacos
Que irão, não tarda, pentear macacos.

Nicolau

Onde chega a cegueira de partido!

Constantina

Não sou eu que 'stou cega, é meu marido!

(A'parte.)

Vae-se approximando a hora...
Quem m'o dera d'aqui fóra!

Nicolau (áparte, vendo o relogio)

Vae-se approximando a hora,
Quem m'a dera d'aqui fóra!

Constantina (áparte)

Quem me dera que sahisse!
Iria, sem que me visse.

Nicolau (áparte)

Quem me dera que sahisse!
Iria sem que me visse.

Constantina (áparte)

Vamos ver se o ponho a andar.

Nicolau (áparte)

Vamos ver se a ponho a andar.

Constantina }
Nicolau } Não sahe?

Nicolau

Fico em casa; por ora...

Constantina

Não passa a noite fóra?

Nicolau

Talvez... não sei... veremos...
Mais tarde, co'a sahida do luar...

Constantina

Acho agora mais proprio—passar...

(A'parte.)

Não ha quem o ponha a andar.

Nicolau

Tenho que ler...

Constantina

A' noite não, que pode enceguecer.
Um passeio depois d'anoitecer.
A' saude mui bem lhe ha-de fazer.

Nicolau

Sinto as pernas cançadas... (senta-se)
Todo o dia subir, descer escadas...

(Com intenção)

Se eu estivesse em casa todo o dia,
Acredite que já, e já, sahia.
De vez em quando—dar um bom passeio—
Não ha p'ra ter saude, melhor meio.

Constantina

E' verdade. Aproveito o seu conselho:
Vou sahir. Vou fazer uma visita.

Nicolau

A casa de D. Surrupita?

Constantina

E' verdade! Diz bem, que estou em falta.
E não é bom perder uma amisade...

Nicolau

Diz bem... Vá, vá. Divirta-se até tarde. .
D. Anna junta boa sociedade...

(A'parte)

Até que finalmente fico só!

Constantina (áparte)

Ai! Até que afinal desdeu-se o nó!

(Alto)

Eu vou só com o João,
Não preciso mais ninguem.

Nicolau

Tem razão. Vae muito bem.
Muito bem... optimamente.

(A'parte.)
Tomára eu já vel-a ausente!

(Vendo o relogio—áparte)
São oito. (alto) Nove horas.

Constantina
Que diz, sr. Tristão? (corre para dentro)

Nicolau
Que vae bem com o João.
Vae, vae (áparte) com quem quizer....
— Que vá é o que se quer.

SCENA XIII

Nicolau e Camello

Camello (esbaforido)

Os russos van debaxo
Que ê cá assim o ácho!

Nicolau (áparte)
Oh, maldito emprasador!

(Vendo o relogio)
Chega d'aqui a pouco o embaixador!

Camello
Perdão, tio Tristão.

Nicolau (áparte)
Primeira embirração.

(Alto)
Chamo-me Nicolau—sr. Camello.

Camello
Ah!... eu não sabia...
Onde está a tia?

Nicolau (zangado)
Não poderá tardar.
Póde ir lá dentro, se lhe quer falar.

Camello

Então espero.

Nicolau (áparte)

E eu desespero.

Camello

Mas, porém...

Nicolau

Ahi vem (apontando).

SCENA XIV

Os precedentes, D Constantina (prompta para sahir) João (apparece ao fundo)

Camello (áparte, a D. Constantina)

Foi peta que espalharam.
Os homens da Turquia não chegaram.

Constantina (áparte, a Camello)

Saiba pois que o enganaram,
Não posso dar-lhe attenção.
Até outra occasião.

(Sae pelo centro esquerdo com João)

Camello (a Nicolau)

A priminha como vae?

Nicolau (impaciente)

Eu cuido que tambem sahe,
Não fica ninguem em casa.

(Vendo o relogio—A'parte)

Só falta hora e meia!
Estou n'uma brasa.

(Alto)

Hoje ninguem ceia:
Ningnem toma chá.

Camello

Então sáio já.

Nicolau (áparte)

Vae-te co's diabos!

Camello

Adeus. Vou-me embora.

(Retira-se pelo centro esquerdo).

Nicolau (áparte)

Já p'la porta fóra (acompanha-o).
Meu urso-janota,
E eu papa-bolota.

(Chama)

Thereza. O' Therezinha,
Deixe agora os arranjos de cosinha.

(Toca a campainha)

SCENA XV

Nicolau, Thereza e logo Beltrão

Thereza

Aqui me tem, senhor.

Beltrão (apressado)

Um abraço, Nicolau (abraça-o.)

Nicolau (áparte)

Morro de furor.
Novo empresador!

Beltrão

Se não gostares, bate-me c'um pau.

Nicolau

Não me posso demorar.

Beltrão

Toma lá, que has de gostar.

(Dá-lhe um bilhete da loteria)

Nicolau (lendo)

Um bilhete da nova loteria,
Que a Russia vae fazer contra a Turquia.

(Arrecada o bilhete e dá-lhe dinheiro—tudo rapido).

Toma lá, e põe-te a andar.

Beltrão (mysterioso)

Temos muito que falar.

Nicolau

A'manhã... agora não.
Vem cá n'outra occasião.

Beltrão (áparte)

Quando a teca se acabar...

(Alto)

Serei prompto em cá voltar.

(Retira-se pelo centro esquerdo)

Nicolau

Pois sim, sim. (áparte) Vae bugiar.

(Acompanha-o e volta rapido)

Agora eu, e tu, boa Thereza,
A um tempo gritemos: — A' empreza! —
Vá, Thereza...

Ambos (gritam)

A' empreza!

(Sae Nicolau apressadamente, e Thereza segue-o.)

Cae o panno

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Abobada de arvoredo illuminado. Festões de flôres pendentes das arvores. Mezas com iguarias, crystaes, etc.—Um transparente ao fundo com o letreiro—«Victoria!».

SCENA I

Thereza e Nicolau

Ao levantar do panno estão ambos cuidando do arranjo das mezas. Nicolau observa d'um e d'outro lado, faz signal de approvação a uma coisa, de desapprovação a outra, concerta, etc.

Nicolau

Olhe d'aqui, Thereza, venha, observe...

(Collocando-a.)

Assim... com melhor geito, obliquamente,

(Descrevendo.)

Com profusão as luzes... semeadas,
Por entre o arvoredo... o transparente...
As flôres serpeando em bambinellas...
Abrindo aqui, alli, portas, janellas...
As mezas a vergarem com manjares...
E mil aromas rescendendo os ares.
Oh! salvé, perspectiva deleitosa!
Bella estancia, onde a mente desejosa,
Vê juntos os quindins da natureza,
Par a par c'os de artistica belleza.

(Veem á frente Thereza e Nicolau.)

Ora diga a verdade; fale sério:
Não lhe parece o templo do mysterio?

Thereza

Lá bonito está tudo, bem composto...
Mas inda estou na minha: o que não gosto,

O que me faz scismar é não saber
Quem tanta coisa aqui veiu trazer.
Será obra de bruxa?—T'arrenego!
Confesso-lhe, senhor, que não socégo.
Acharmos nós as flôres penduradas,
O 'straparente—as luzes—(apagadas
Bem sei); mas as linternas já pregadas,
As mezas, as cadeiras... até vinhos!
Até doces mettidos em cestinhos!...
E vir tudo na propria occasião,
E sem saber por quem, nem por quem não!
Parece que ha bruxório—anjo bento!
Aqui anda, por força, encantamento!

Nicolau

Adivinhou-me alguem o pensamento.

Thereza

Só as bruxas ad'vinham.—Eu por mim
Digo que n'isto andou coisa ruim.

Nicolau

Fosse quem fosse, o caso é que serviu
Ao nosso fim... O resto pouco importa,
Que fosse gente viva, ou gente morta.

Thereza

E quem me diz, não fosse algum demonio,
Ou coisa má, que tudo preparasse,
Que lh'escrevesse a carta, e lh'a mandasse?
Fingindo muita labia, muita manha,
Para vêr se sósinho aqui o apanha,
E dando-lhe quebranto, ou olho mau
A seu salvo, lhe faz o catatau!
Tome ao menos, senhor, o meu conselho,
Se comer e beber seja do nosso:
Do que trouxémos, só. Eu cá não posso
Conformar-me com isto. Nós, a gente,
Deve pensar as coisas: ser prudente.
Peço, ao menos, consinta alli, de guarda,
Escondido o João, com a espingarda.

Nicolau

Devo estar só, por causa do segredo...

Thereza

Mas olhe, eu tenho d'isto muito medo.
Sim... diz-me o coração que esta visita
Não é para seu bem, como acredita.

Nicolau (pensa)

O' mulher, você mette-me em torturas...

Thereza

Mas, se no mundo ha tantas diabruras...
Eu, por cautela, deixo-me alli estar,
E, se mais não pudér, hei-de gritar.

Nicolau (que tem estado pensativo, como acertando)

Ah! sim, sim, já sei quem foi.
Foi elle—que maganão!—
O meu amigo Beltrão.

Thereza

A porta do jardim está fechada.

Nicolau

Beltrão por toda a parte tem entrada.
E demais, elle sabe da embaixada.
(Ouve-se tocar á sineta do jardim.)

Thereza

Será... (duvidosa).

Nicolau

Vá-se esconder.
Appareça só quando lh'o eu disser (corre á porta).
(Tocam outra vez á campainha.)

Thereza (só)

Tocaram outra vez á campainha.
Vou buscar sempre a faca da cosinha.
Ao menos, se algum d'elles se atrever,
E eu não pudér fugir... ha de jazer (esconde-se).

SCENA II

Nicolau, Alberto e companheiros

Alberto e os demais trajam á cossaca — aquelle de uniforme rico de general

Nicolau

(Com a maior submissão e admiração, que sempre conserva.)

Não sei se vossellencia vem cançado,
Se quer ficar em pé, ou estar sentado...

Alberto (com grande desembaraço e galhardia)

De todo o modo, amigo.
Sentado, em pé, deitado ou a cavallo,
Nada d'isso a um cossaco faz abalo.
Comer a toda a hora, não comer,
Beber a toda a hora, não beber...
Dormir no chão, na cama, ao sol, ao frio,
Dormir marchando... ás brechas avançando...
Andar ás cutiladas, ás lançadas ..
A tudo nossas tropas costumadas
Estão—louvado Deus—desde pequenas.
Ainda não sabemos pedir mamma,
Nenhum pelo papá ainda chama,
E já todos—urrah! urrah!—gritando,
Por guerra, desde o berço, vão chamando.

Nicolau (áparte)

Ora mettam-se lá com taes meninos,
Que gritam guerra desde pequeninos!
Hein! (alto) Com que, meu senhor, lá pelas Russias,
Inda d'olho fechado, de cueiros,
Começam desde logo a ser guerreiros?!

Alberto

E' por necessidade. O gelo é tanto,
Que faz cahir cabellos e narizes.
E, para assim não ser, já vê, portanto,
Que é mister exercicio permanente,
De pés, de mãos, de tudo—até de dente,
Lá andam sempre todos a correr,

Ou, quando não, assim:

(Anda um pouco aos pulinhos.)

pulinhos dando.

Nicolau (admirado)

Se fizesse a mercê de repetir...

Alberto

Mas o quê? Não percebo.

Nicolau

Os taes pulinhos...

Alberto (rindo)

Assim (pula).

Nicolau

Ah!... (pula). Obrigado (áparte). Deixa estar
Que, á moscovita só, prometto andar.

(Alto.)

Ora diga, meu nobre embaixador...
Perdoará... Não sei a sua graça ..

Alberto

Meu nome do baptismo é Zikikoff.

Nicolau

Zakofe—não é assim?

Alberto

Não—Zikikoff.

Nicolau

Percebo muito bem—Zi... zi... ki... kof...

Alberto

E' de familia appellido... Só tem *off*.
As casas mais distinctas lá do imperio:
Orloff, Menkikoff, Gorchakoff,
Kerakoff, Mugikoff, Batatoff,
Alofkoff, Chachakoff, Loff,
E quanto acaba em loff, koff e toff.

Nicolau

Pois, senhor Zi... zikoff... Ainda me custa

A dizel-o depressa. As coisas boas
Custam mais a aprender. Se fossem loas,
Ou dos nossos algum nome dissonante,
Aprendia a dizel-o n'um instante.
Mas, senhor Zikikof—agora disse o!
Eu perguntava . sim... se veiu ha muito?

Alberto

Da Russia vim—não haverá um mez.

Nicolau

Como fala corrente o portuguez!
E tambem sabe lêr? Sabe escrever?

Alberto

Com perfeição.

Nicolau

Mas isso custa a crêr!
Pois olhe, meu senhor—cá levam annos...
Andam na escola, dão b-a—bá;
Soletram muito tempo—fazem riscos;
E antes que seja a lettra menos má,
E que leiam por cima—são amoras...
Pois olhe, a palmatoria não lhe é falta...

Alberto

Por isso mais depressa não aprendem.
Uma advertencia a tempo, com amor,
Melhor fructo produz do que o rigor.

Nicolau

Pois cá ninguem aprende sem pancada.
Sem haver palmatoria, não ha nada.

Alberto

As pobres creancinhas embrutece,
Aleija-as, e os brios lh'amortece...
O methodo contrario—o da brandura,
Em toda a parte se usa com proveito.

Nicolau

Duvído que entre nós tome algum geito.

Alberto

O methodo que a Russia approva e segue?

Nicolau

E' russo? Deve então ser excellente.
Basta ser inventado por tal gente.

Alberto

Mas—vamos ao qu'importa—amigo meu,
Saberá que na Russia o nome seu
Se tornou popular. O imperador...

Nicolau

Passa bem de saude, meu senhor?

Alberto

Bem. Elle mesmo aqui hoje me envia,
Para certo negocio de valia.
E em prova d'amisade que lhe tem...

Nicolau

Elle a mim... amisade!... Um tal senhor?!...
A mim, um pobre tonto... um Jan-ninguem!...

Alberto

Decerto.

Nicolau

Grande Deus! Eu desfalleço
Com tamanho favor que não mereço.

Alberto

Não param inda aqui as régias graças.
Um *ukase* ouvirá, que passo a lêr;
Dirá se, depois d'isto, ha mais que vêr.

(A um dos cossacos.)

Ofiteser duchinka

Cossaco

Ulkase linblin?

Alberto

E' tó protechenó!
Ofiteser duchinka.

(O cossaco tira um pergaminho, etc., que entrega a Alberto.)

Nicolau (áparte)

O *Chinca* percebi eu muito bem,
Sou eu que hei de chincar o que me dêem.

Thereza (deita a cabeça de fóra)
Ih! Jesus! que bigodes que elles têem.

Alberto (lendo o pergaminho)
Ao nosso Nicolau Vellez Tristão,
Saude e rublos.
Constando-me que vós, meu bom Tristão,
Portuguez de nação,
De russos tendes cheio o coração;
Que pela santa causa do autocrata
O cavaquinho daes—daes a batata,
E querendo-vos dar
Uma prova, mais clara que o luar,
Do muito em que vos temos
Por este vos fazemos
Vassallo do imperio.

Nicolau
Perdão. Mas isso é sério?

Alberto
(Mostrando-lhe o pergaminho com ar tragi-comico.)
D'um *ukase* imp'rial duvida acaso?

Nicolau
Oh... perdão, meu senhor... não é por mal...
E' que o prazer... de tan... tanta ventura
Receio me... me leve á sepultura...

Alberto (áparte)
Ou á casa dos doidos (alto). Ouça o resto.

(Lendo.)

Outrosim, damos carta d'alforria
Ao dito Nicolau Vellez Tristão,
Levando-o á primeira gerarchia,
Para o que mudará o *ão* em *off*,
Passando de Tristão a ser Tristoff.

(Entrega-lhe o pergaminho.)

Nicolau (beija o papel)
Eu Tristoff! Meu Deus! Eu feito nobre!
Sou o homem mais ditoso que o sol cobre.
(Mette o pergaminho no seio.)

Alberto

Agora pois, que já não é Tristão,
Venha essa tocarola. Dê cá a mão (aperta-lh'a).

Nicolau (dando-lhe a mão—áparte)

Apertando a mão d'um embaixador,
Que é como se fosse elle o imperador!...

Alberto

Cumpre-me agora que á demais familia
Tribute os meus respeitos.

Nicolau (áparte)

Que quesilia!

Alberto

Sei que tendes mulher e uma sobrinha...

Nicolau

Quem vol-o disse?

Alberto

O mesmo imperador.

Nicolau

Pois elle...

Alberto

Sabe tudo inteiramente
Da que elle chama a sua amada gente.

Nicolau (áparte)

Agora tenho a coisa transtornada...
Minha mulher que é turca desesperada. .

Alberto

Se algum melindre ha n'isso, todavia...
Se alguma d'ellas vota p'la Turquia...
Então...

Nicolau

Nada, não é... Minha mulher...
Sahiu ha pouco... Foi a uma visita...
Mas vou minha sobrinha já chamar,
P'ra a honra receber que lhe quer dar.
(Chama.)
O' Thereza.

Thereza (dentro)
Meu senhor.

Nicolau
Olhe, ande cá.
A menina que venha aqui já, já.

Thereza (em scena—áparte)
Bem me par'cia a mim. Agora perto,
E', não tem duvida, o senhor Alberto.

(Alto a Alberto.)

Viva lá, como vem hoje bonito!

Alberto (áparte)
Os diabos te levem!

Alberto (afflicto)
Oh! Thereza! (empurra-a para dentro)
Que faz Thereza?!

Thereza
Elle é meu conhecido.

Nicolau
Vá p'la menina; ande depressa,
Não me deite a perder... Ora não ha! ..

Thereza
Não se agaste, senhor: eu sáio já. (Sae pela direita)

Nicolau
Perdão, perdão; mas estas nossas velhas
Todas teem o juizo barulhado.
Não sei se é pela terra ser mais quente...

Alberto
E' por isso... ha de ser, naturalmente...
Decerto que não soube o que fazia,
Aliás, jamais eu consentiria...
Um cossaco foi sempre tolerante.
Livre-se alguem de se nos pôr deante,
Que então—adeus, ó vida!—é deita a terra!
Mas somos só leões durante a guerra.
Fóra d'isso, ninguem é mais humano

Com velhos, velhas, tias e sobrinhas...
Com ellas 'té jogamos as sombrinhas.

Nicolau

Tambem fazem sombrinhas, lá no imperio?

Alberto

Pois não: a cabra cega... as escondidas
Agora mesmo se andam lá jogando.
Lá cantam, bailam, trovam, dançam, pulam.

Nicolau

E cantam mesmo em russo?

Alberto

Pois então!

Nicolau

Que linda que ha de ser a tal canção!

Alberto

Pois vae ouvil-a agora.

Nicolau

Mesmo em russo?

Alberto

Sim. P'lo meu ajudante d'ordens.

Nicolau

Qual?

Alberto (aponta para o cossaco)

Aquelle de vermelho carapuço.

Nicolau

Mas, se me dá licença—ao mesmo tempo...
Se quizessem tomar alguma cousa...
Doce, vinho. E' bom entremear...

Alberto

A comida e bebida co' o cantar...
Lá usa-se isto muito... (serve-se)

Nicolau

Tanto melhor.

Alberto (ao cossaco)

Pepemépericá
Portucalixe urrah!

Cossaco

E' tó tak.

(Prepara-se para cantar. Os demais servem-se de doce, vinho, etc.; uns sentados, outros de pé, etc.

SCENA III

Os precedentes e Catharininha

Nicolau

Eil a aqui, minha sobrinha,
Vem a dita receber
Do sr. Zikikoff conhecer.

Catharininha (faz mesura á antiga.—A'parte)

Não lhe fica mal a farda.

Alberto

(Depois de continencia militar com a competente patada)

Venho das partes do norte,
Do grande imperio do mundo,
O meu respeito profundo
A vossos pés tributar (continencia)
E dou parabens á sorte,
Por ter visto n'este instante,
O que em annos nunca vira
—O mais formoso semblante,
Que em seus laços de belleza,
Minh'alma levára presa.

Vae buscar doce para offerecer a Catharininha — O cossaco, que tem escutado, corre á mesa a ajudar Alberto).

Nicolau (áparte)

Parece que lhe fez grande impressão...
Oh! que idéa, Tristão (emendando-se) sebo!—Tristof,
Se tomasse por ella inclinação... (pensando)

(A'parte á sobrinha)

É' general cossaco, embaixador,
D'uma nobreza quasi fabulosa,
Tão nobre como o proprio imperador!

Catharininha (áparte a Nicolau)
Com effeito! (sorrindo)

Nicolau
Bom sujeito,
Valente, generoso, tolerante...
Um moço bem par'cido, bem falante...

Alberto (offerece doce a Catharininha)
Faz-me a honra de servir-se?...

Catharininha (serve-se)
Oh! pois não... muito obrigada.

Alberto
Sou eu, senhora, quem deve
Agradecer a vossencia
Tamanha condescendencia. (beija-lhe a mão)

Catharininha
Senhor... (retirando a mão)

Alberto
Perdão. Talvez que em Lisboa
Seja má educação
A's damas beijar a mão.
Na Russia pelo contrario...

Nicolau
Lá, é moda a mão beijar?

Alberto
E' dever.

Nicolau
O' Cath'rininha.
Deixe lhe beije a mãosinha...

Catharininha
Se o tio manda...

Nicolau
Se mando!

Catharininha
Então... (estende a mão)
(Alberto beija-lh'a).

Nicolau

Mais. Um beijo é pouco.
(A'parte).
Eu de tanta fortuna fico louco!
(Alto.)
Então, se puder ser a cantiguinha...

Alberto

Não sei se gostará sua sobrinha...

Nicolau

Cantiga russa! Gostas, Cath'rininha?

Catharininha

Eu muito...

Nicolau

Não lhe digo...
Em ter gosto aprendeu ella commigo.

Alberto (ao cossaco)

Sobilié—jivot

Cossaco

Protcheno!

Alberto

Tchtchtótchka.
Niest—tak urrah.

Cossaco (canta)

1.ª	2.ª
Ixumit Ixudé Drbrvidé Stikidé.	Achtósmiéne Mólo denco Dódó moinkó Zavedé.

Nicolau (batendo as palmas)

Bravo, bravo!

Catharininha

Muito bem.

Nicolau

A lingua que os russos tem
Não a tem...

Catharininha (rindo)

Mais ninguem.

Alberto

E' verdade.

Nicolau

Que suavidade!
Quem me dera saber ao menos uma,
Uma palavra só; aó menos—sim...

Alberto

Tak.

Nicolau

Tak.

Alberto

Sim.

Nicolau

Sim.

Alberto

Tak é *sim*.

Nicolau

Tak é sim? Já percebo. Tak, tak,

Alberto (áparte)

O melhor consoante de basbaque. (Alto)
—Duxinka—putalú:
Minh'alma, dá-me um beijo.

Nicolau

Essa é que eu não *percebeijo*.

Catharininha

Duxinka—putzálú.

Nicolau

E que bem o dizes tu!

Alberto

Se casasse com filho lá do imperio...

Nicolau

Percebe-o n'um abrir e fechar d'olhos.

(A'parte).

Tudo, tudo me annuncia
O mais venturoso dia.

Alberto

Permittam-me retire (áparte a Nicolau) No Rocio,
D'aqui a meia hora, lá o espero.
Negocio transcendente...

Nicolau

Lá sem falta.
A' indicada hora, lá 'starei.

(Os cossacos reunem-se á esquerda).

Alberto (áparte a Catharina)

Vou vestir-me de turco, e volto já.

Catharininha (áparte, a Alberto)

Teus esforços o céo abençoará!

(Ouve-se tocar a sineta da esquerda—no jardim).

Nicolau (assustado)

Jesus! Quem será?

Alberto

Sahir é mister.
Sem ninguem nos ver.

(Põe o albornoz e embuça-se.) — (Os cossacos embuçam-se nos albornozes, etc.)

Nicolau

Por este lado (indicando a direita)
Por outra porta,
Que diz para a rua,
E' hora morta,
Ninguem verá...

Alberto

Não saberá ..

(Nicolau vae a conduzil-os pela direita, ouve-se tocar a campainha d'este lado—Recuam assustados.)

Nicolau (com medo)

Estamos cercados!

Alberto

Ha fogos cruzados.

Catharininha

Escondam-se. (Para o tio) Abra a porta do jardim.
Entre quem é, e saem. (para os cossacos) Não é assim?

Nicolau

Dizes bem: seja quem fôr,
Que venha por aqui (indicando a esquerda).
Nunca pode ser peor
Que o que vem por ali (indica a direita).

Alberto

Que pode ser?

Nicolau

Minha mulher!

(Alberto e os companheiros escondem-se.)

Thereza, abra a porta do jardim
E vae tu, Cath'rininha, abrir á tia.
Não lhe digas que veiu aqui alguem.
Conversa, dá-lhe novas da Turquia...

Catharininha

Descance, não se assuste: hei-de entretel-a.
(Entra á direita).

SCENA IV

Nicolau e Beltrão

Beltrão (mysterioso)

Que nova, meu Nicolau!

Nicolau (desesperado)

Que vieste cá fazer?

Beltrão (áparte, deitando olhos ávidos para as mesas)
Comer. (Alto)—Chus! Se t'eu disser
O que vae pelas ruas do imperio! (senta-se a comer)
Então já recebeste o embaixador?

Nicolau

Já sim. Cala essa bocca. O imperador,
Nomeou-me fidalgo de linhagem:
Eu já não sou Tristão.

Beltrão (áparte)

Mas inda és tôlo.

Nicolau

Sou Tristoff!

Beltrão

Ah! Sim? Que immensa gloria!

(A'parte—comendo)

E' o melhor pitéo de que ha memoria.

Nicolau

Agradeço-te a lembrança
De o jardim preparar, illuminar ..
As flores, as comidas, as bebidas...

Beltrão (áparte)

Que diabo diz elle! (alto) Não entendo.

(A'parte.)

Mas isso pouco importa. Vou comendo.

Nicolau

Não negues: estas luzes e comidas,
Por tua mão aqui foram trazidas.

Beltrão (áparte)

Está doido, coitado. (alto) E' verdade!

Nicolau

Avia-te. Chegou minha mulher,
E não quero nos venha aqui achar;
Além d'isso, é preciso desmanchar
A armação do jardim.

Beltrão (levanta-se)

Tu dizes bem.
E como já se foi o embaixador,
D'estes sobejos poderão dispôr.

(Péga n'um cesto, que enche de comer, vinho, etc.)

Nicolau

Pois sim, sim, vamos embora (retirando-se)

Beltrão

Tudo contarei lá fóra (sahindo)

Thereza (áparte a Nicolau)

O' senhor,
Faça favor!

Nicolau

Vá, mulher,
Diga o que quer.

Thereza

Juro, sr. Nicolau...

Nicolau

Começa com juras—mau!

Thereza

O tal cossaco é fingido!
Oh! nunca se diga, não,
A pobre velha Thereza,
Culpada d'ingratidão
Na casa onde come pão (chora).

Nicolau

Ha mania semelhante!

Thereza

O tal sujeito é o amante
Da menina. Digo-lhe isto.

Nicolau

Sabe-o de certo, Thereza?

Thereza

Sei-o com toda a certeza.

Nicolau (com enthusiasmo)

Oh! louvado seja Christo!

(A Beltrão)

O grande e poderoso embaixador,
A' minha Cath'rininha tem amor!
Sou mais feliz que ninguem!
Não diga nada, Thereza,
O segredo nos convem...
Feche a porta—vou sahir.
Só mais tarde hoje hei-de vir.

(Retiram-se pela esquerda)

Thereza (só)

Como fiz o meu dever...
Succeda o que succeder!

(Vae pela esquerda fechar a porta, e volta depois).

SCENA V

João e logo Thereza

João (pela direita baixa — admirado)
— Olá! Viva! Quem seria
Que as luzes accenderia?!
Deixei o trabalho em meio,
E acho-o quasi acabado.
Foi mulher quem aqui veiu!
Só ella podia ser.
Nada se póde esconder
A' sua curiosidade.
Haja um caso na cidade,
Ninguem o sabe primeiro.
Tem faro de perdigueiro.
Nós sahimos, perguntamos,
A este, áquelle falamos;
E por fim nada alcançamos.
Mas quando a casa chegamos,
Ella, sem sahir á rua,
Diz: o caso foi assim...
Conta-o tim-tim por tim-tim. .
E se nós, como pasmados,
Perguntamos:—Quem lh'o disse?—
Responde logo, a sorrir-se:
—Contou-m'o aqui a visinha—
E sabe Deus quem seria...
Eu cá por mim, juraria
Que ha 'hi mulher que adivinha!

Thereza
(Entrando vê João e recúa—áparte:)
Que viria aqui fazer?

João
(Observando.)
A modo que ouvi mexer!
(Dirige-se para o sitio, e traz a mulher pela mão.)
Pois quem havia de ser!

Thereza
E tu, que fazes aqui?

João
E tu, que fazes ahi?

Thereza

Eu nada.

João

Tambem eu não.

Thereza

Oh, que mentes, meu João.

João

Oh, que mentes, minha Th'reza.

Thereza

Agora já, com certeza,
Sei quem foi que arranjou tudo.
Foste tu, nem mais nem menos.

João

Eu tinha o trabalho em meio.
Mas acabal-o alguem veiu.

Thereza

Fui eu e o senhor Tristão.
Mas o que tu arranjaste
Foi por ordem d'elle, não?

João

Foi por ordem da senhora,
Mas pediu muito segredo,
Porque disse tinha medo
Que o patrão désse por tal.

Thereza

O senhor, todo o segredo
Me pediu tambem a mim,
Que a senhora o não soubesse...

João

Não entendes, não é assim?

Thereza

Eu não.

João

Pois tambem eu não.
Eu tiro por conclusão,

Que doidos ambos estão.
Ella vem—se ha tal descôco!—
Um sujeito receber.

Thereza

Ah! Já sei quem ha de ser:
O mesmo que esteve ha pouco
Aqui falando ao patrão.

João

Diz que é turco.

Thereza

Não é, não.
E' o sr. Alberto Costa,
O de que a menina gosta.

João

Pois se gostar, seu proveito.

Thereza

Eu vendo que o tal sujeito
Vinha enganar o nosso amo,
Contei-lhe tudo.

João

E depois?

Thereza

Foi por hi d'escantilhão.
Não me quiz dar attenção!

João

Olha, eu já te tenho dito
Que por um lado a tal sucia,
A que o senhor chama a Russia;
E por outro a tal Turquia,
Em que a senhora anda sempre
A pensar, de noite e dia;
Lhes deram volta ao miôlo.
E se a gente os contraría,
Não gostam, chamam-nos tôlo.
Isto d'amos todos querem
Que os creados os venerem.
Se fazemos reflexão
A's ordens que elles nos dão,

Mostram-nos sempre má cara;
Se ás vezes pedem par'cer,
E' só por querer saber;
Por ter um voto—mais nada.
Mulher—o fel da censura
Tontices d'amos não cura.
Vá lá creado sincero
Dizer ao amo—não quero;
E' despedido de prompto,
E chamam lhe em cima tonto.
Nada, Th'reza, nada, nada!
O melhor é ir com elles:
Nenhum, por isso, se enfada.
Eu, dês que vi que a mania
Da senhora era a Turquia,
Mal ella me quer ralhar,
Sem a deixar acabar,
Digo:—Valha-me a Turquia!—
E fica logo macia.

Thereza

Mas a boa lealdade
Manda se diga a verdade.

João

Mas, se a não querem ouvir!
Nós ficamos despedidos;
Elles lá ficam-se a rir!

SCENA VI

Constantina, Camello e João

Thereza (retirando-se)

Ella chega. Vou-me embora.

João

Retira-te sem demora.

Constantina

João, João, dá-te pressa,
Está quasi a dar a hora.

João

Que dê, que não dê, senhora...

Constantina

Não falta nada, João?

João

Eu por mim creio que não!
Comer, illuminação...

Constantina

O arvoredo está bonito,
Mas faltou . (observa) Ah, não—lá vejo,
A victoria—em transparente ..
Completaste o meu desejo,
Não acha (a Camello) uma bella ideia,
Eu receber a embaixada
E o embaixador a ceia?

Camello

E' pagar ella por ella
Dar toucinho por morcella.
(Sacudindo a orelha.)
Zuniu-me agora um bezouro;
Tenho d'isto mau agouro.
(Ouve-se a meia noite n'uma torre ao longe.)

João

A meia noite está dando.

Constantina

Volte só em eu chamando.
Retire-se. (A Camello) Meu sobrinho
Alli detraz—calladinho!
Todo o segredo convem.

Camello

Mas por ora inda não vem.

Constantina

Pois sim, mas por prevenção.
Não ouçam mexer.

Camello

Ai, não.
(Tocam á sineta do jardim—Esconde-se.)
Aposto o melhor montado
Que anda aqui grande maranha!

Se a tia não tem juizo,
Péme que a prima tem manha.

Constantina (áparte, com enthusiasmo ridiculo)
Silistria! Kalafat! Constantinopla!
De vosso mais erguido minarête
Mandae solemne voz a meus ouvidos,
Guiae-me em tão ditoso *tête-à-tête!*

SCENA VII

Alberto e sequito, Constantina, João, Thereza, Cathariniha e Camello (escondido)

(Alberto vestido ricamente em trajo de pachá, com seus caudatarios. Sequito de individuos de ambos os sexos, egualmente trajados á turca, e entre elles rapazes, raparigas e alguns velhos de longas barbas. Caminham a passo grave. D. Constantina vem ao lado de Alberto, imitando-lhe o andar. Alberto indica a Constantina o logar que deve tomar, á esquerda baixa, junto a uma das mezas; faz-lhe grande zumbaia, de mãos cruzadas sobre o peito, e beija-lhe a mão. Os demais o seguem, e fazem o mesmo. Constantina corteja todos, imitando-os. A orchestra rompe brandamente desde a chegada dos personagens, e continúa até ao fim da saudação.)

Constantina (áparte)
E' mesmo de ficar embasbacada,
Vêr como esta gente é bem creada!

Camello (áparte—deitando a cabeça)
Dá-me seus ares do galan da prima!

Catharininha (áparte)
A coisa começou por pantomima.

Alberto
(Faz certos gestos indicando que mande vir as outras pessoas de familia.)

Constantina
Eu vejo que se explica optimamente.

Mas não percebo .. A falta não é minha.
Não me ensinaram essa ladainha (fazendo gestos).

Alberto

A etiqueta manda que a zumbaia
Se faça a tudo quanto veste saia.

Constantina

Tenho uma creada...

Alberto (faz signal negativo—áparte)

Que não vale nada.

Constantina

Tenho uma sobrinha...

Alberto (faz signal affirmativo—áparte)

Adorada minha.

Constantina (chama)

João, João, João. (João entra)
Não vê quem alli 'stá, sô parvalhão!
Faça a zumbaia (ensinando-o). Assim... até ó chão!
(Dobra-lhe a cabeça.)

João

Peço perdão, senhora. Eu não sabia...

Constantina

Pois se não sabe, aprenda, que é já tempo.

João

Jesus, senhora: valha-me a Turquia! (retira-se)

Constantina (áparte)

Apegou-se a bom santo. E' o que lhe vale.
(Alto.)
Cath'rininha, que venha aqui já, já.
Ao nobre, excellentissimo Pachá.

SCENA VIII

Os precedentes e Catharininha

Camello

O que lhe quererá o tal barbaças!
Os malditos não são muito p'ra graças.

Constantina

Cath'rininha vem.

Catharininha

Titia, aqui me tem (faz zumbaia).

Constantina (áparte)

Se a zumbaia lh'esqueceu!...
Quem a visse, diria que aprendeu.
Que donaire, que esperteza!
E' pena ser portugueza...

Alberto

(Faz grande zumbaia a Catharininha, vae para lhe beijar a mão e pára.)

Minha bella,
Sois casada, ou sois donzella?

Constantina

E' solteira.

Alberto

Oh.. então deve ser d'outra maneira.

(Querendo dar-lhe um beijo na testa.)

Catharininha (recuando)

Então... *Vis-à-vis* da etiqueta,
Succumbe a opposição (faz gesto ordenando).

Camello (áparte)

Ora esta!

Alberto

Lá as donzellas beijam-se na testa (beija).

Camello (áparte)

Irra! A coisa vae d'embirra.

Inda não chega o judeu.
E já fez mais do que eu!

(Thereza vae para o pé de Camello — Deitam a cabeça de vez em quando e conversam. — Alberto faz signal ás duas que se sentem e aos seus que cantem. Offerece doce, etc., ás duas e serve-se depois, etc.)

CÔRO

Au, pu, au
Bau, bau, bau,
Ió chéni,
Hi, hi, hi,
Thienchu,
Hu, hu, hu.
Thó Allah!
Ah, ah, ah (rindo).

Dama

J'abomine la Russie
Et j'adore la Turquie.

Turcos

Look! the Turquey moon shines
Oh yes drink the wines.

Dama

Marchons, marchons à la guerre,
Va la France et l'Angleterre.

Turcos

Oh yes: England, and France
Are to day in good alliance!

Todos

Muharrá, saphar, rabiá
Ramadan, xaswal, iomadá.
Dulhegia, xasban, rabiá,
Bulhadah, rajah, iomadá.

Alberto

(Para as raparigas)
A dança das odaliscas.

Constantina

Que vem a ser?

Alberto

São creadas
Ao serviço da sultana.

Constantina

Parecem mui delicadas.

Alberto

E além d'isso muito dadas,
Muito amaveis, nada ariscas.

(Executam a dança, que deve começar por uma introducção mimica, e finalisa pela musica do côro—Muharrh, etc., e ao som do mesmo).

Constantina

Bravo! Sim senhor—Bravo! Isto é decente...
Calcinha larga, seio conchegado...
Não são esses demonios femininos
Das nossas bailarinas: peito á vela...

Alberto

A's escancaras a boa ou má canella...

Constantina

Isso, isso.

Alberto

O bracinho a dar, a dar,
Delgado, como um tubo capillar.

Constantina

Decerto (áparte a Catharin.ª) Sabe tudo o maganão!
Não fosse elle enviado do Sultão...

Alberto

Depois de venia.

Eu, Tafufa Ablalah,
Em nome do grão Sultão,
A quantos aqui estão,
Saude, e o reino d'Allah.
Correu de cá até lá,
A fama do vosso amor
A' causa do gran-senhor.
E d'amisade em penhor,
Em noite de S. João
Decretou-vos o Sultão
Honras de primeira mana,
Quasi segunda sultana. (Entrega-lhe uma caixinha)

Constantina

Louca de alegria

Que me diz, sr. Pachá!?
Com as honras fico já?

Alberto

Um momento d'attenção,
Que já findo o meu sermão.

(Pega-lhe pela mão, e mostra-a aos seus, que, todos a um tempo, fazem zumbaia.—Mostrando os velhos turcos).

Estes, minha sultana, são *uleimas*,
Os grandes sacerdotes tira-teimas,
A conselho chamados lá no imperio
Para caso intrincado, caso sério. (Cortezia)

Mostra os rapazes.

Eis os *softas*, rapazes estudantes,
Da patria de Mafoma—salvaguarda...
Já entraram na ultima bernarda...

Constantina (pondo-lhe a mão pela cara)

Ai, que graça que tem os pequenitos!
A darem pela patria os sanguesitos...

Alberto (para os outros)

Tudo mais são, quer grandes, quer pequenos,
Parentes do Propheta, mais ou menos.

Constantina

Gente de sangue azul, está bem visto.
Dos outros pouco importa.

Albèrto

Não é tanto.

Sério.

Quando outr'ora, alta nobreza
Em acções d'immortal gloria,
Que illustraram nossa historia,
Se fundava—com respeito
O povo então se curvava
Ao nobre quando passava.
Na cruz pendente do peito
Lia sempre illustre feito:
Na commenda circular
O valor, a lealdade,

Em seus raios espalhar
Era immaculado sol
Do sagrado amor da patria,
Brasão, espelho, crysol.
Hoje... ás vezes.. quantas vezes!
Insignia de nobre adorno
Nos diz: deshonra, suborno!

Constantina (áparte a Cathariniinha)

Elle sempre diz cousas muito finas!

Alberto (áparte)

Ia dando em prégador:
Tratemos antes d'amor.

Alto.

Uma graça a implorar...

Constantina

Pedir nunca; só mandar.

Alberto

Eu no meu jardim dispôr
Poderei mimosa flôr. (designando Cathariniinha)

Constantina

E' possivel, senhor!

Alberto

Se consente...

Camello (áparte)

Ê é que nan consinto!

Thereza (áparte a Camello)

Cale-se: não faça lavarinto.

Constantina (áparte)

De prazer
Tenho medo de morrer. (commovida)

Alberto

Quereis vós, christã, pura e formosa,
D'um pobre mahometano ser esposa?

Cathariniinha finge pensar.

Camello (áparte)

Ai, Jesus, que arrebento!

Thereza (áparte a Camello)
Cale-se, mofinento.

Constantina (áparte, a Catharininha)
Um Pachá por esposo!

Catharininha
De todo o coração,
Sr. Tafufa, é sua a minha mão.

Constantina (áparte)
Ah! se eu fosse solteira...

Alto.

Mas não sei a maneira...
Como tal casamento ha de fazer-se...
Ignoro os usos turcos...

Alberto
Nem precisa.
Não se pagam taes dotes de belleza,
Senão casando bem—á portugueza.
Eu vou fóra, e volto já. (Beija Catharininha)
Zahára benat içá!

Constantina
O que diz, senhor Pachá?

Alberto
Zahára benat içá.
Flôr da raça do Messias (retirando-se)

Catharininha
Zahára benat içá.

Constantina (áparte, a Alberto)
Primeiro que se vá
Queria me dissesse as etiquetas...
Como é que falam, andam as sultanas...

Alberto
Regra geral:
Gestos muitos; falas menos,
Passos graves e pequenos.

Constantina

Uma insignia, um signal...

Alberto

Turbante é o principal.

Retira-se e a sua comitiva, cantando a meia voz o côro:—Muarrah, etc.

SCENA IX

Constantina, Catharininha, Camello, João e Thereza (escondida como até aqui)

Camello (desesperado)

Que é isto, tia? Tia!
Assim a palavra dada
Se sustenta hoje em dia?:
S'isto nan é villania...

Constantina (rindo)

Ha loucura sem egual!
Antes se deve honrar muito
Em ter tão nobre rival.

Camello

Nobre! Oh, essa me dá riso!

Constantina

Pois um Pachá não é nobre! (com affirmativa)

Camello

Não é Pachá, é pachola.
E a tia péme está tola...

Constantina

Que insolencia!. .

Catharininha

Que indecencia!

Camello (desesperado)

Não vê que é um tal Alberto,
Alferes, tenente, ou quê...

Que quer campar por esperto!
A tia péme não vê!

Constantina

Alberto me parece isso.

Camello

Olhem qu'ê perco a estribêra.
Com desesperação piegas.

Catharininha (áparte á tia)

Que formidavel peneira!
De que noivo me livrei...

Constantina (áparte a Catharininha)

Inda bem que t'o não dei.
E' depressa preparar.
Precisamos já voltar (lembrando-se—alto)
O' João!

João

Minha senhora.

Constantina conversa com elle, indicando-lhe o arranjo das mezas, etc.—Catharininha olha de vez em quando para Camello e sorri.

Camello (áparte)

Agora javardos,
Aos centos, milheiros,
Podengos, rafeiros,
Co'a prima e co'a tia...
Ê nada temia...
Nem toda a bolota
Se em balas chovesse!...
Despido em pelota
A todos ê ia...

Pegando na mão de D. Constantina, que vae passando.

Tia, tia, tia!

Constantina

Eu, sendo quasi mana do Sultão,
A soffrer uma tal desattenção (indignada)
E quer Deus que não volte inda o Pachá?

Camello

Elle volta, o tal judeu?!

Constantina

Sáia já, em continenti.

Camello

Pois tambem voltarei eu (retira se desesperado).

Constantina (sem fazer caso de Camello)

A' Cathariniaha.

Tu sabes como se armam os turbantes?

Cathariniaha

Muito bem. Então vamos.

Constantina

Qualquer signal de sultana,
Por mais pequeno que seja,
Quero, ao menos, que em mim veja (saem).

SCENA X

Nicolau e logo Beltrão, tabellião e creados

Nicolau

Ninguem! (Analysa.) Mesmo ninguem.
Inda não desmancharam. Muito bem.

Vendo o relogio.

Tarda o amigo Beltrão.

Beltrão

Entra, seguido de dois creados, com cestos de comer, vinhos, etc.

Menino. O tabellião.

Nicolau

Sente-se.

O tabellião senta-se, tira tinteiro e escreve.

Beltrão (áparte a Nicolau)

Sem beberete,
Bem sabes, não ha funcção,
A não ser d'algum villão.
E podendo-te esquecer...
Tu tens tanto que fazer...
Mandei vir esses creados
Com doces, vinhos, assados.

Nicolau

Muito bem, muito bem (passeia pensando).

Scena muda de Beltrão com os creados, dispondo as comidas, licôres, etc.

Beltrão (despedindo os creados)

Mandem a conta.
De Nicolau a paga é sempre prompta.

Beltrão tira o seu doce de vez em quando, come, bebe, vem á scena, etc.

SCENA XI

Beltrão, Nicolau, Constantina e Catharininha

Nicolau (áparte)

Chega minha mulher.

Rindo.

Como ella ficará quando souber!...

Constantina

De turbante—caminhando a passo grave.

A'parte.

Será mais um marido
Pela mulher vencido.

Beltrão (áparte)

Oh! crédo, que aventesma!

Nicolau (rindo)

Viva, viva! De poupa!
Traz ahi na cabeça toda a roupa!

Constantina (com gravidade ridicula)

Não vê?... N'este signal, n'este turbante,
Nada, nada descobre d'importante?!

Nicolau (analysando)

Parece—seja dito sem batota—
O toucado da gigante Amiota!

Constantina

Victor, serio, Saberá

Que o embaixador Pachá
Me trouxe honras de sultana.

Nicolau

Então, saberá tambem,
Que o cossaco embaixador,
Por ordem do imperador,
Me trouxe honras de nobreza.
Sou fidalgo, sou nobre. Não sou, não,
Qual eu era até 'qui—Vellez Tristão:
Agora sou Tristoff,
Sei andar á moda russa... (executa)

Constantina

E eu tambem á moda turca... (executa)

Nicolau

Falo russo: Tak, tak,
Que é? Ande: diga lá!

Constantina

Zará... banarátiçá...
Diga tambem, se é capaz...
Uleima é velho, e *softa* é rapaz...

Nicolau

Duchinka... (atrapalhando-se) trulutsitsi...
A'parte a Catharina.
A juda-me (alto) putzálu...

Constantina

Mas, o melhor, o mais fino,
E' que o grande embaixador
A' menina tem amor!

Nicolau

Tambem o *lorde* cossaco
Por ella dá o cavaco!

Constantina

Mas o famoso Pachá
A mão d'ella pediu já!

Nicolau

E o cossaco tambem!

Constantina

E por ella logo vem.

Nicolau

E o cossaco tambem.

Constantina

Cath'rina a um moscovita! (com desdem)

Nicolau

Cath'rina a um mafamede!

Constantina

Jamais consentiria...

Nicolau

Nem eu assentiria...

Constantina (pensa)

Bem. Cath'rina é já mulher,
Que prefira qual quizer.

Nicolau

Certamente.

Constantina

Certamente.

Catharininha

Quem casa, não sou eu?
Que importa aos mais, se é turco ou se é judeu?

Constantina (áparte)

Cahiu como um patinho.

Nicolau (áparte)

Cahiu como um ratinho.

SCENA XII

Os precedentes, Alberto e alguns dos companheiros

Alberto (áparte, a D. Constantina)

Casar-me, dizia, sem voto do tio,

Que magua, que pena! E que fiz? Illudi-o!
Mas peço perdão.

Constantina (áparte, a Alberto)

Até louvo a acção.

A'parte

Que esperteza que tem o maganão!

Alberto (áparte, a Nicolau)

Casar-me, dizia, sem voto da tia,
Que magua, que pena! E que fiz? Illudi-a!
Mas, creio, perdoa...

Nicolau (áparte a Alberto)

Pois não, essa é boa!

A'parte

Chama-se não fazer cousas á tôa.

Alberto

Podemos assignar a escriptura...

Dá a penna a Constantina, que assigna, e passa a Nicolau.

Beltrão (áparte, quando Constantina assigna)

Assignou a Turquia—(bebe). Marrasquino!

A'parte, quando Nicolau assigna:

Quando a Moscovia rubríca
Cerveja se beberrica. (bebe)

Catharininha e Alberto assignam.

Beltrão (áparte, quando os dois assignam)

Assigna Portugal,
Uns dizem que vae bem, outros que mal.
Mas, ou direito ou torto,
Embora! Rei dos vinhos é o do Porto. (Bebe)

SCENA XIII

Os precedentes e Camello, com o creado de libré

Tabellião
Thereza
João
Companheiros } Parabens! Mil parabens!

Camello (esbaforido)

Aqui trago o mê José...

Para o creado.

De quantos aqui estão,
O namorado da prima,
O tal Alberto, quem é?

O creado aponta para Alberto. Todos ficam admirados á entrada de Camello, conversam e riem entre si.

Camello (continúa mais senhor de si):

Cá os filhos d'Alpalhão
Temos liso o coração.

Gargalhada geral—Camello recua aparvalhado.

Beltrão (áparte a Camello)

Caluda! Estão casados.

Impondo silencio com o dedo.

A morte das paixões são bons bocados.

Offerece-lhe de comer.—Camello rejeita e retira-se desesperado.

SCENA ULTIMA

Todos, menos Camello

Alberto conversa com Catharininha—Nicolau segredeia com D. Constantina. Um diz segredo e ri; outro faz o mesmo. — Depois de alguma repetição.

Constantina (desesperada)

E' turco!

Nicolau (desesperado)

E' russo!

Constantina / Nicolau } Pois o senhor... (a Alberto)

Constantina (vivo)

Não é turco?

Nicolau (vivo)

Não é russo?

Alberto (a Nicolau)

Nem russo.

Nicolau (vivo)

E' sim, senhor.

Alberto (a Constantina)

Nem turco...

Constantina (vivo)

E' sim, senhor.

Alberto

Nem russo, nem turco!
Ao menos d'esta vez
A victoria pertença ao portuguez.

Pegando na mão de Catharina. Esta dá signal de annuir. — Nicolau e Constantina ficam primeiro como aparvalhados e duvidosos, mas depois sorriem dando á cabeça, e cada um d'elles apontando para o outro, como dizendo que esse fôra enganado. — Beltrão, de garrafa na mão, segue o dialogo, e, quando o Alberto acaba, empina a garrafa e bebe. Thereza e João conversam. Os companheiros e o tabellião riem e comem.

Cae o panno.

FIM DA COMEDIA

NEM RUSSO NEM TURCO

OU

O FANATISMO POLITICO

Comedia em verso em 2 actos

Personagens	Actores
Nicolau Vellez Tristão	Theodorico
Alberto	Tasso
Camello	Sargedas
Beltrão	Carvalho
João	Domingos
D. Constantina	Delfina
Catharininha	Gertrudes
Theresa	Barbara
Um companheiro d'Alberto	....

Creados, moleimas, softas, odaliscas, cossacos

Canção dos cossacos
Coros turcos.
Bailete das odaliscas.

Esta comedia foi representada pela 1.ª vez no theatro de D. Maria II em 30 de setembro de 1854, em beneficio do actor Theodorico Baptista da Cruz.